

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Nathália Marques Flores

O *TEXTÃO* NO *FACEBOOK*: O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE

Santa Maria, RS
2019

Nathália Marques Flores

O *TEXTÃO* NO *FACEBOOK*: O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Montagner Cervo

Santa Maria, RS
2019

Flores, Nathália Marques

O TEXTÃO NO FACEBOOK: O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE / Nathália Marques Flores.- 2019.

129 p.; 30 cm

Orientadora: Larissa Montagner Cervo

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2019

1. Análise de Discurso 2. Discurso Digital 3. Textão
4. Posicionamento 5. Facebook I. Cervo, Larissa
Montagner II. Título.

Nathália Marques Flores

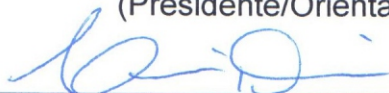
O TEXTÃO NO FACEBOOK: O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Letras**.


Aprovada em 11 de março de 2019:



Larissa Montagner Cervo , Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Cristiane Pereira Dias, Dr.^a (UNICAMP)



Verli Fátima Petri da Silveira, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

Para Elis Regina, minha mãe, e Ivan Amauri, meu pai, que souberam apoiar, silenciar, escutar, segurar, reerguer e deixar voar. São colo, zelo, carinho e amor. Meus anjos de luz.

Para Murillo, que foi e é a pessoa mais importante na minha existência. À minha cunhada que, além de trazer paz a ele, trouxe amizade e luz a mim.

Para Dara, minha filha de quatro patas, que virou muitas noites ao meu lado. Que é minha alegria, meu refúgio, meu amor mais puro.

Às amigas, fiéis companheiras de estudo e de vida.

Aos meus orixás e à minha Preta Velha.
Mãe Iemanjá, Mãe Oxum e Mãe Iansã.
Odojá, Ora yê yê ô, Oyá.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de escrever algo que fosse sucinto, mas quando a notícia é “bafônica”, não tem como. Então lá vai: tem *textão*, sim!

Em um primeiro momento agradeço, com o coração repleto de carinho, minha mãe e meu pai. Vocês foram a melhor escolha que fiz antes mesmo de chegar a este mundo. Um simples ‘obrigada’ em uma nota de agradecimento é pouco perto da imensa gratidão que sinto. “Criamos os filhos para o mundo”, não é mesmo, mãe? Pois saibam que meu mundo é vocês. É tudo por/para vocês, eternamente, meus anjos de luz. #AmorDePaiEMãe #Eterno

Agradeço ao meu mano que me incentivou em todos os momentos da minha vida e agora não seria diferente. Obrigada por ser meu fiel companheiro de vida, de guerra de travesseiro, de esconde-esconde, de subir em árvore, de guardar segredos, de ser meu anjo mais novo. Levo para vida tua paciência, tua perseverança e teu sorriso tranquilo. A lembrança mais doce da minha vida em outro coração. #TeAmo #IrmãoCaçula

Aos meus “pais com açúcar”. Vô Niva e Vó Nilda, vocês são exemplos de carinho, de aconchego, de união e de força. Vô Carlinhos e Vó Luiza, as lembranças mais doces guardo em meu coração. Agradeço por continuarem, onde estiverem, de olho na neta bugrinha. É sempre reconfortante voltar ao lugar em que nada era tão preocupante e me orgulhar das raízes da nossa família. #AvósSãoMágicos

Sou grata também à duas pessoas que me incentivaram desde o princípio a percorrer e seguir firme no caminho da Análise de Discurso: Profa. Dra. Verli Petri e Profa. Dra. Larissa Montagner. Cervo. Sem o incentivo e a compreensão de vocês esse caminho seria mais turbulento. Profa. Larissa, obrigada pelo apoio, paciência, amizade e exemplo. Te admiro como orientadora e como pessoa. Teu trabalho merece muito mais do que o reconhecimento que tu já ganhas. #MelhorAlsso #LindoNathy #VamosConversar #VemFeijãozinho

Àquela pessoa que puxou minha orelha em muitos momentos, tanto na vida quanto na escrita deste texto. À minha colega, minha eterna amiga, minha revisora, minha comadre. Compartilhamos experiências na vida pessoal e na vida acadêmica e eu sou muito grata à nossa amizade. Feliz em dividir meus sonhos e ultrapassar os obstáculos da vida contigo ao meu lado. Obrigada, minha amiga comadre. #NãoEntendi #VouMandarÁudio #Descansa #TeAmoAmiga

À CAPES/CNPq, pois com o auxílio da bolsa de estudos consegui realizar esta pesquisa da maneira que ela merece e, a partir dela, consegui subsídios para estar presente em muitos eventos que são de grande valia no processo de elaboração desta dissertação e do meu caminho iniciante na Análise de Discurso (AD).

Com o coração repleto de gratidão, agradeço a todos da minha família! Vocês foram compreensíveis com a minha falta e me apoiaram em mais uma decisão, vibraram por mais esta vitória. Sabem o carinho imenso que carrego pela nossa família e pela nossa história. #FamíliaMarques #FamíliaFlores

Agradeço imensamente o rumo de todo esse percurso. O último ano da escrita foi bastante intenso, algumas perdas, alguns contratempos. Porém, agradeço a todos que, nos momentos de incerteza, souberam me ouvir e me incentivar. A AD abriu meus olhos para muitas coisas e eu agradeço a experiência, os aprendizados, as amizades, as perdas, a correria, enfim, gratidão, gratidão, gratidão. Que sigamos com as nossas pesquisas e que saibamos incentivar e ser incentivados, pois o carinho nesse compartilhamento faz muita diferença.

“Toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida, porque todos nós vencemos o mundo”. August Pulmann, do livro **Extraordinário** (2013, p. 313).

RESUMO

O *TEXTÃO* NO FACEBOOK: O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE

AUTORA: Nathália Marques Flores
ORIENTADORA: Larissa Montagner Cervo

Nesta dissertação desenvolvemos uma reflexão sobre questões discursivas presentes no espaço digital. O problema de pesquisa sobre o qual nos propomos refletir tem por foco o *textão* como espaço de posicionamento do sujeito no *Facebook*. Para tanto, debruçamo-nos sobre o arcabouço teórico da Análise de Discurso de linha francesa, tomando por base os estudos voltados aos conceitos de texto, sujeito, memória, tecnologia, digital, autoria, desenvolvendo assim o trabalho a partir de autores como Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Cristiane Dias, entre outros. Objetivamos compreender o espaço que o Facebook enquanto rede social oferece ao sujeito a fim de que possa significar-se posicionando-se: o *textão*. Nosso procedimento metodológico envolveu o recorte de cinco *textões*, observando o funcionamento desse texto nesse espaço digital e buscando por duas regularidades principais: (i) o aviso inicial, que está diretamente associado à ideia de extensão; e (ii) a construção de um posicionamento, que está diretamente ligado à noção da posição-sujeito desse sujeito-autor. Como resultado, observamos que, em razão de o Facebook funcionar como um espaço de imediatez, de instantaneidade e de circulação constante de textos e sentidos, o sujeito-autor, com a pretensão de provocar uma pausa no fluxo da rede, avisa ao sujeito-leitor que postará, convocando-o à leitura. Além disso, entendemos que esta reflexão sobre o posicionamento está diretamente ligada à designação *textão*, a qual procuramos compreender em sua singularidade e na sua relação com o conceito que lhe serve de base, o texto, e mobilizar em consideração às condições de produção específicas do Facebook.

Palavras-chave: Sujeito. Posicionamento. *Facebook*. *Textão*. Análise de Discurso

ABSTRACT

THE *TEXTÃO* ON FACEBOOK: THE POSITIONING OF THE SUBJECT IN THE NETWORK

AUTHOR: Nathália Marques Flores
ADVISOR: Larissa Montagner Cervo

In this dissertation, we developed a reflection on discursive issues present in the digital space. The research problem on which we intend to reflect has as its focus the *textão* as the subject's positioning space on Facebook. To do so, we focused on the theoretical framework of the French Discourse Analysis, based on studies focused on the concepts of text, subject, memory, technology, digital, authorship, thus developing the work from authors such as Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Cristiane Dias, among others. We aimed to understand the space that the social network Facebook offers to the subject in order that they may signify themselves by positioning: the *textão*. Our methodological procedure involved the sample of five *textões*, observing the operation of this text in this digital space and searching for two main regularities: (i) the initial warning, which is directly associated with the idea of extension, and (ii) the construction of a positioning, which is directly linked to the notion of the subject-position of this subject-author. As a result, we observe that due to Facebook functioning as a space of immediacy, instantaneousness, and circulation, involving texts and meanings, the subject-author, to provoke a pause in the net flux, warns the subject-reader that he/she will post, inviting the reading. Furthermore, we understand that this reflection upon positioning is directly related to the text naming – *textão* – which we seek: to understand in its singularity and relation to the concept that foregrounds it, the text, and to mobilize in consideration to conditions of production specific to Facebook.

Keywords: Subject. Positioning. Facebook. *Textão*. Discourse Analysis.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – <i>Textão</i> com aviso inicial.....	27
Imagem 2 – “Lembrança” no <i>Facebook</i>	39
Imagem 3 – Opção “Neste dia”.....	40
Imagem 4 – Desabafo	63
Imagem 5 – Expressões como resposta a um <i>post</i> no <i>Facebook</i>	69
Imagem 6 – Opção “Ver mais”.....	73
Imagem 7 – Opção “Continuar lendo”.....	73
Imagem 8 – Quadro comparativo	74
Imagem 9 – <i>Textão</i> 1 do <i>corpus</i> de análise.....	88
Imagem 10 – <i>Textão</i> 2 do <i>corpus</i> de análise.....	89
Imagem 11 – <i>Textão</i> 3 do <i>corpus</i> de análise.....	90
Imagem 12 – <i>Textão</i> 4 do <i>corpus</i> de análise.....	91
Imagem 13 – <i>Textão</i> 5 do <i>corpus</i> de análise.....	92

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1 – TECNOLOGIA DIGITAL: O MUNDO DAS REDES	14
1.1 UMA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E ATUALIDADE.....	14
1.2 DO VIRTUAL AO DIGITAL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1.3 IMEDIATEZ, INSTANTANEIDADE: A CIRCULAÇÃO NO DIGITAL.....	22
1.4 O DIGITAL E O ARQUIVO.....	25
1.5 O ARQUIVO E A MEMÓRIA DIGITAL.....	33
CAPÍTULO 2 – O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE	37
2.1 GESTOS DE LEITURA NO ARQUIVO DIGITAL.....	37
2.2 SUJEITO E AUTORIA NO ESPAÇO DIGITAL.....	45
2.3 A POSTAGEM DO SUJEITO NA REDE.....	52
CAPÍTULO 3 – DO PAPEL À TELA	64
3.1 O SUJEITO NAS/DAS REDES.....	64
3.2 O CONCEITO DE TEXTO: REFLEXÕES.....	67
3.3 DO TEXTO AO <i>TEXTÃO</i> : O OBJETO EM REDE.....	70
3.4 TEXTO + <i>ÃO</i> : MARCAS QUE DIFERENCIAM.....	77
CAPÍTULO 4 – “COM LICENÇA, AÍ VEM <i>TEXTÃO</i>”	85
4.1 O <i>CORPUS</i> E A CONSTRUÇÃO DA ANÁLISE.....	85
4.2 AS PISTAS DO <i>TEXTÃO</i>	96
4.2.1 O aviso inicial.....	96
4.2.2 Posição-sujeito e posicionamento.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	124

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sempre tive certa noção de texto, desde criança escrevia bastante e lia para o meu pai corrigir. Fascinada pela leitura, pelas palavras e pelos sentidos que elas carregam, resolvi cursar Letras. Minha pretensão aqui não é contar minha história, porém, acredito ser importante mencionar que aquele conceito ao qual eu me preendi - na infância/adolescência e durante o curso de Letras - sobre texto, sendo ele bem escrito, com a sua organização, regras e a ideia de produzir um “bom texto”, foi deixada um pouco de lado ao conhecer a Análise de Discurso (doravante AD) da linha francesa.

Relembrando um pouco o caminho que percorri até chegar nessa área, percebo que, para mim, sempre foi necessário manter uma escrita correta, com os padrões da norma culta claros, a fim de que minha professora, e inclusive meu pai, aprovassem os textos que eu escrevia nas aulas de Língua Portuguesa. As notas nunca foram um problema, escrever e ler sempre foram atividades entusiasmantes para mim. Ouvir histórias e imaginar as minhas próprias histórias, chegar em casa e passar os meus pensamentos para o papel era algo natural na minha infância/adolescência.

Recordando sobre essas fases percebo que, de certa forma, perdi a parte mágica¹ que a AD fez questão de trazer à tona, hoje, em minha vida. Manter a escrita correta, ajudar meus alunos no estágio, durante o curso de Letras, a compreender a importância do processo de uma escrita e reescrita no seu texto, era de fato algo de extrema relevância para eles e para mim. Porém, no meu imaginário, naquela época, somente essa visão do conceito “texto” podia ser considerada um texto de fato. Entretanto, não posso afirmar que isso não seja texto, pois é. Todavia, por trás desse conceito “fechado”, existe um leque imenso que, ao observar as condições de produção existentes em um texto, percebo que não, não é somente isso.

É conveniente mencionar que compreendi há pouco que o que existem são filiações de sentidos. Há sentidos através do discurso, na sua textualização,

¹ Mais exatamente quando finalizei a graduação e me vi dentro de uma sala de aula da pós-graduação em Letras, pesquisando e analisando conceitos e autores da Análise de Discurso. Afirmando que por vir de outra área (Linguística Sistêmico-Funcional), no período de Iniciação Científica (IC), ainda deslizo um pouco nesse percurso teórico – o próprio real surge em alguns momentos – mas sigo nessa jornada, ainda um pouco confusa, mas encantada com tudo que consigo compreender a partir dos estudos dessa área.

elaborando essa relação com o funcionamento discursivo, podendo assim “visualizar” diversas outras leituras de um mesmo texto. Assim como menciona Orlandi (2007), em **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**: “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”. (p. 52). Em minha leitura, hoje, todo texto carrega significado, toda palavra possui sentidos, há interpretação e as palavras carregam um discurso que significa, no processo de interpretar se movimentam questões ideológicas e históricas e elas fazem sentido.

Portanto, ao percorrer esse caminho, bastante complexo inicialmente, compreendo melhor que se trata de trabalhar com a ideia de o texto ser considerado incompleto, heterogêneo, contraditório. Seguindo o caminho que sempre me cativou - o texto -, surgiu a oportunidade de trabalhar com esse conceito na visão da AD, observando-o no espaço digital. Antes mesmo de compreender alguns conceitos da linha de pesquisa Língua, Sujeito, História, aceitei a sugestão² de trabalhar com os *textões* do Facebook. Era algo recorrente na época e a curiosidade em compreender melhor as condições dessa materialidade no mundo digital foi o “empurrão” para iniciar esta pesquisa. A partir disso, podemos questionar sobre a própria palavra *textão*, as formas que se circulam na internet.

Sabe-se que os nomes não vêm sozinhos, eles carregam uma história. Há uma memória trabalhando nessas condições de produção em que está inserido o *textão*. Por que escolhemos isso ou aquilo? Por que o *textão* e não outro termo? Por que não utilizar “texto longo”, ou “texto extenso”? O que o aumentativo de texto significa nessas condições, no meio digital? O *textão* carrega uma significância, ele possui sentidos para ser assim e não de outra forma. Com base nessas reflexões, estabelecemos quais os principais conceitos que envolvem essa pesquisa, por quais caminhos nós deveríamos percorrer a fim de que o trabalho/pesquisa fosse o mais claro possível, tanto para mim quanto para os leitores e quais são os conceitos na AD que sustentariam a minha pesquisa.

Essas reflexões foram de extrema significância a fim de que houvesse certa organização no percurso da dissertação. Foi necessário, e está sendo, como uma iniciante na AD, compreender melhor os conceitos trabalhados neste texto para que,

² Agradecimento especial à Profa. Dra. Verli Petri.

a partir disso, fosse possível compreendê-los visando meu objeto de pesquisa e, assim, conseguindo explorar melhor a parte analítica do trabalho.

Por esse motivo concordo com Dias (2008) quando afirma que “tem feito falta, quando pensamos o discurso eletrônico, reflexões que nos façam compreender como o sujeito está nele, e não só nas suas formas de estar, mas nos meios que isto implica e o que daí resulta”. (p. 07). Fundamentando nisso esta pesquisa, dar-se-á certa relevância aos conceitos sujeito, digital, posição-sujeito, memória, autoria, posicionamento e formações imaginárias, este último que preside na produção do sujeito de se ver imaginariamente como autor único do seu dizer, com enfoque também ao processo de significação do sujeito nesse espaço digital. Acredito ser imprescindível para este estudo uma reflexão acerca do digital, de texto e de sujeito, observar a maneira como isso afetou/afeta os sujeitos enquanto sujeitos ilusoriamente livres.

A questão de pesquisa deste trabalho é o *textão* como espaço de posicionamento do sujeito no *Facebook*. Para isso, o caminho que percorro está disposto da seguinte maneira: em um primeiro momento, minha reflexão é acerca do conceito que julgo ser o mais amplo neste estudo - o digital; e, a partir disso, focando mais no que ele significa e como ele produz sentidos para os sujeitos que o utilizam. Em um segundo momento, mostraremos o que estamos tomando como gestos de leitura dentro do *Facebook*, refletindo acerca dos conceitos sujeito, sujeito-autor, sujeito-leitor e o processo de autoria que leva esse sujeito das redes a posicionar-se nesse espaço digital. Em um terceiro momento, traremos reflexões acerca do que tomamos como texto e como *textão*, refletindo também acerca do mecanismo de argumentação (ORLANDI, 2001) em que o sujeito constrói argumentos para sustentar o seu posicionamento. E, em um quarto momento, desenvolveremos a parte analítica da pesquisa, em que compreenderemos e utilizaremos os conceitos teóricos que foram construídos ao longo da pesquisa, a fim de concluir nossos questionamentos e responder a nossa pergunta de pesquisa.

Então, prepara que “lá vem *textão*”.

CAPÍTULO 1 – TECNOLOGIA DIGITAL: O MUNDO DAS REDES

Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas. (ORLANDI, 2012, p. 134).

1.1 UMA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E ATUALIDADE

Tentando rememorar o passado, buscando as lembranças de minha infância, tenho ciência de que, assim como eu, as pessoas nascidas nos anos 90 vivenciaram todo esse processo considerado “novo” da era digital. Durante meu ensino fundamental ainda não era comum crianças terem um celular em mãos, muito menos cada morador de uma casa possuir um computador, como acontece hoje, no século XXI.

O primeiro computador, o Eniac dos anos 40, pesava várias toneladas. Ocupava um andar inteiro em um grande prédio, e para programá-lo era preciso conectar diretamente os circuitos, por intermédio de cabos, em um painel inspirado nos padrões telefônicos. (LÉVY, 1993, p. 102).

Em meio a esse desenvolvimento do digital, posso afirmar que assim como o processo de meu crescimento se deu demasiadamente rápido, o momento do digital também veio à tona aceleradamente, produzindo transformações, “[...] sobretudo, no que se refere à forma do sujeito, sua constituição e seus processos de subjetivação pelo digital, a saber, as formas históricas de assujeitamento na sociedade digital [...]”. (DIAS, 2018, p. 20). Hoje em dia o sujeito se constitui e está marcado por processos distintos; por processos de subjetivação que se dão de formas diferentes, pois trabalha-se com materialidades distintas. Nota-se que há diferença na materialidade de uma realidade fora do digital para uma realidade que é digital.

Tomando por base que “é a partir deste laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da análise de discurso se constitui” (INDURSKY, 2008, p. 11), observo que o meu processo de formação enquanto sujeito social (pensando enquanto um sujeito afetado ideologicamente, dotado de inconsciente) desenvolveu-se mediante essa nova era de aparelhos tecnológicos que à época surgiam, em uma sociedade digital.

Refletindo sobre as transformações e mudanças, o celular foi um dos

aparelhos que se transformou a partir das demandas do digital. Inicialmente, a única tarefa do aparelho celular era realizar uma ligação para que o sujeito pudesse se comunicar de perto ou de longe, sem a necessidade de um “fio” físico que fizesse as ligações. Após isso, as ligações deram espaço para as mensagens de texto, que podiam ser lidas a qualquer hora. Por fim, as ligações e as mensagens de texto mantiveram-se, porém, com os mecanismos digitais - os aplicativos de mensagens e as redes sociais -, as ações de ligar e de escrever atualizaram-se. Hoje, ao utilizar esses aplicativos, o sujeito consegue não só ligar, ler e escrever, mas pode ver, ouvir, gravar, acessar imagens e vídeos, etc. Todo esse processo é possível graças à internet, sendo essa a principal fonte de acesso a diversos aplicativos. Com ela, os sujeitos conseguem “baixar” aplicativos de redes sociais, como, por exemplo, o *Facebook*, tendo sido popularizado com a intensificação da utilização do celular³.

Para estruturar o nosso trabalho, observando nosso objeto de estudo, o *textão* no *Facebook*, que remete a uma forma de significação do sujeito no espaço digital, daremos espaço, inicialmente, para uma reflexão acerca desse processo de transformação, trazendo alguns conceitos que permeiam esse movimento tecnológico. “[...] Podemos dizer que a passagem ao século XXI trouxe grandes expectativas à humanidade de que uma nova era estava por vir. Uma nova era anunciada”. (DIAS, 2018, p. 25). De fato, ao longo dessa atualização tecnológica, o homem modernizou a sua relação com o outro e com as máquinas, o que Dias chama de ciberespaço, que é:

[...] um lugar criado pelo princípio técnico, com um fim técnico e que se expandiu pela necessidade de comunicação, de troca de informação, pela necessidade de estar-junto, de suturar a falta gerada pela própria velocidade do mundo, pelo corre-corre diário. O ciberespaço é um lugar possível para estancar o tempo. (2004, p. 50).

São relações que surgiram. A comunicação atinge então um outro lugar de significação e torna-se mais rápida, as pessoas conversam enquanto se veem a partir das telas, isto é, as relações se mantêm, mas agora são também virtuais e ocorrem em um espaço nomeado como ciberespaço. (DIAS, 2018).

Esse outro lugar de significação abre espaço para um outro lugar de

³ O que nos traz à baila a questão do SMS – sigla de Short Message Service, em Português: serviço de mensagens curtas. O celular é lugar de textos curtos, de mensagens instantâneas e de respostas curtas, mesmo que não imediatas. Porém, é possível que um *textão* no *Facebook* seja escrito pelo celular.

subjetivação dos sujeitos, “trata-se de uma memória discursiva na qual o ‘dizer de si’ se produz enquanto inscrição do sujeito no mundo [...]” (DIAS, 2018, p. 157), e, nesse instante, produz-se uma outra memória, outros sentidos que estão em jogo nessa relação do sujeito com o digital. São gestos distintos que significam e que produzem distintas relações de memória.

1.2 DO VIRTUAL AO DIGITAL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O digital, hoje, tornou-se parte do nosso dia a dia, da nossa tecnologia, das nossas comunicações. Hoje, quase tudo envolve as tecnologias digitais. Quem antes não fazia parte dessa rede, pois não havia essa forma de tecnologia, hoje se encontra nela, utiliza, vive, e, quase que na obrigação, está presente, está visível nesse espaço para que não deixe de se comunicar com os outros, para que não deixe de ser visível aos outros.

Lévy (2011) considera que o mundo virtual, o da virtualidade, não se trata de um mundo imaginário, um mundo falso. Trata-se de considerar a virtualização como uma dinâmica do mundo comum, isto é, “aquilo através do qual compartilhamos uma realidade”. (p. 148). Penso que não podemos separar a realidade dita como comum da realidade virtual posto que as duas se constituem como materialidades, bem como funcionam no interior de práticas sociais nas quais se inscrevem os sujeitos. Não são momentos diferentes, eles entrelaçam-se, misturam-se, unem-se, afastam-se, aproximam-se e até se confundem.... basta compreendermos que a virtualização é um “movimento pelo qual se constituiu e continua a se criar nossa espécie”. (p. 147).

Em uma das muitas leituras sobre o assunto internet, deparei-me com um texto de Kate Gale (2014 - atualizado em 2017), editora e professora da Universidade de Nebraska. Em seu texto, ela se questiona sobre o fato de estarmos tão *on-line* que esquecemos (muitos de nós nem sequer sabemos para poder esquecer) que a internet “consumiu” a sociedade de tal forma que hoje é quase impossível não checar os *e-mails* antes mesmo de sair de casa. A autora reflete sobre as conexões que a internet trouxe, que, por esse motivo, talvez, pensa-se que essas conexões aproximaram mais a família se compararmos com os meios de conexão de antigamente. Porém, “no século 19, as pessoas escreviam cartas para suas famílias. Elas eram lidas, relidas, apreciadas”. (GALE, 2017 [2014], s.p.).

Refletindo sobre o pensamento de Gale, existiram sim, antes do digital, “plataformas” em que os sujeitos escreveram, posicionaram-se, expuseram seu ponto de vista e conectaram-se com familiares. Estas formas ainda existem, ainda que de forma menos visível ou frequente.

Penso, sobre isso, que tratamos de algo no âmbito do linear, em algo que circula, que flui, que não cessa, que é contínuo. É um vai e vem. A tecnologia, seja ela qual for, sempre esteve presente. “Toda época teve as técnicas que podia ter”. (PINTO, 2005, p. 234). Por isso, concordo com a reflexão de Dias (2018) no momento em que a autora questiona sobre o fato de a expressão “era tecnológica” ser “inconsistente”. Nas palavras da autora, “tal expressão produz o efeito de retirar da história a própria tecnologia, de negá-la como acontecimento discursivo, de anular o processo histórico no qual esse acontecimento é produzido” (DIAS, 2018, p. 45), ou seja, existe um processo histórico presente nesses momentos considerados imaginariamente “novos”. As tecnologias sempre existiram, cada técnica é própria de cada época.

Para Robin, a comunicação, a interação e a informação estiveram sempre presentes, pois “há muito tempo nós nos falamos a distância graças ao telefone: não temos diante de nós a pessoa com a qual falamos”. (2016, p. 407). O telefone, considerado um objeto tecnológico, trouxe a questão que hoje se mantém, do sujeito conseguir comunicar-se, conectar-se a outros, a qualquer momento, independentemente do lugar-espço em que esse outro se encontra, o que comprova que, por estarmos “no centro de uma vasta constelação de comunicações, não podemos jamais nos separarmos dessa rede”. (ROBIN, 2016, p. 408).

Trazendo reflexões acerca da virtualização, Lévy (2011) propõe que “antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela” façamos “o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude”. (p. 12). Pois, assim como a vida, o mundo, o virtual também “tende a atualizar-se”. (p. 15).

Lévy (2011) toma como virtual “o que existe em potência e não em ato”. (p. 15). A partir disso, cabe mencionarmos aqui o exemplo que o autor traz da semente de uma árvore, partindo de uma interpretação da filosofia escolástica. A semente da árvore tem potência para transformar-se em árvore, “a árvore está virtualmente presente na semente”. (p. 15). Quer dizer, a semente “sabe” como é a forma da árvore, “a partir das coerções que lhe são próprias, deverá inventá-la, coproduzi-la com as circunstâncias que encontrar” (p. 16). Enquanto semente, ela é virtualmente

árvore. Então, para o autor, o virtual não está para o real, algo da ilusão, do irreal, mas para o atual, como algo da criação.

Para chegarmos onde pretendemos chegar (lembrando que nossa questão de pesquisa é: o *textão* como espaço de posicionamento do sujeito no *Facebook*), parece-nos ser necessário buscar esses conceitos a fim de que possamos, como menciona Lévy (Ibid.), compreender a virtualização em toda a sua amplitude. Definir apenas um sentido para o processo de virtualização, indicando uma significação única do conceito virtual, é algo que considero ilusório, no âmbito daquilo que é “fechado”, com apenas um significado. Penso, com isso, que não se trata apenas de definir o que é, quando surgiu e o que o sustenta. Trata-se de compreender os sentidos que a virtualização trouxe. O que dela podemos analisar? O que, a partir dela, podemos significar e para quem ela significa? Porém, antes de adentrar em conceitos, e ilusórias definições e conclusões, sobre as noções que nos sustentam, lembro-me de retornar às reflexões iniciais deste capítulo em que reflito sobre minha infância e os processos dos quais passei em meio a esse imaginário de “era tecnológica”.

Em uma das leituras realizadas como auxílio desta pesquisa, deparei-me com a leitura impactante do livro **A memória saturada** (2016), de Régine Robin. Impactante, pois em muitos momentos me fez refletir sobre o meu caminhar acadêmico, neste momento de intensa teoria, pesquisa, escrita e análise. Em seu livro, Robin retoma fragmentos de sua memória, considerada por ela infiel, porém, persistente. Assim como ela, recupero alguns momentos por vezes pouco certos que, como a autora muito bem intitula em seu primeiro subtítulo do livro, são momentos “como se o passado nevasse sobre nós”. (p. 13). Assim, vejo-me em um turbilhão de memórias, de cenas vividas e também contadas.

O quê!? Você já tinha esquecido? Eu não! Voltam-me fragmentos de textos desprendidos do esquecimento, excertos de filmes abandonados às lixeiras da história ou aos depósitos dos sonhos. Voltam-me imagens de cor sépia, cenas, tristes de chorar, marcadas pela estranheza da relação entre o presente e o passado, tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo. (Ibid., p. 13).

Esse livro de Robin despertou o melhor de mim, acredito que o melhor de nós, que são as memórias. Tudo o que nos resta, ao lembrarmos, são as nossas memórias e, sem saber ao certo o que posso julgar como exato e o que faz parte

somente do meu imaginário, exponho aqui reflexões iniciais acerca do tema “virtual”. Esse conceito, revisitado para este texto, trouxe algumas memórias que não me foram tão favoráveis assim. Diferentemente de hoje, meus brinquedos não eram jogos interativos vindo de telas brilhantes.

As palavras “tecnologia”, “digital” e “virtual”, quando ouvidas na minha infância, demonstravam ser algo de um futuro bem distante. Não imaginava, assim como muitos, ser possível “manusear” aparelhos eletrônicos e vislumbrar as telas dos computadores dentro de casa. Essas mudanças ocorreram de maneira rápida, assim como o próprio digital se manifesta hoje. Eram poucas as brincadeiras e brinquedos em que era preciso teclar, gravar, filmar, etc. Brincar era algo “separado” da tecnologia, não havia espaço para escrever aos amigos, com retorno instantâneo, como nas redes sociais. O contato entre os amigos e parentes não era virtual, era somente real, no sentido da presença física.

Contudo, por ter amadurecido juntamente com este novo mundo pude, de fato, mesclar as memórias do passado com os momentos do presente, lugar onde acredito ser possível haver certa coerência ao unir memórias em que o virtual não estava presente e momentos em que o virtual está associado a tudo e a todos, lugar em que encontramos o real comum “agarrado” ao virtual. Todavia, Lévy (2011) inicia seu primeiro capítulo, intitulado “O atual e o virtual”, mencionando que há uma “oposição fácil e enganosa entre real e virtual”. (p. 15). O virtual não pode ser visto como oposto do real, como já mencionamos anteriormente. Ele opõe-se ao atual: “virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. (p. 15). A virtualização (quando há potência; quando algo tem potencialidade para) é definida como o movimento inverso da atualização, sendo a primeira considerada como uma “mutação de identidade”, um deslocamento da entidade no espaço (lembrando do exemplo da semente se transformando em árvore), e a última considerada como “criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças de finalidades”. (p. 16).

Para Dias (2004):

O virtual é tomado pelo sujeito na instância do imaginário, como se ali ele estivesse livre das coerções do mundo. No entanto, o virtual, sendo ele real, e, portanto, funcionando como dispersão e incompletude, coloca o sujeito no confronto com sua própria constituição material. Com sua própria

constituição na história. (Ibid. p. 25)⁴.

Segundo Dias, o virtual não deve ser considerado como sendo um conceito novo. Assim como já foi dito anteriormente que cada época teve as suas técnicas, o virtual já foi “tratado há muito pela matemática, pela filosofia, pela lógica”. (2004, p. 74). Todavia, em seu estudo, a autora afirma ser importante compreender o virtual em sua discursividade, “nos aspectos que fundam o movimento da virtualização no cenário atual: aquele do ciberespaço”. (p. 74). O ciberespaço é o lugar em que o sujeito procura apagar as distâncias do “ao vivo”, dos espaços físicos. “O sujeito pós-moderno tem a possibilidade de habitar virtualmente todos os lugares”. (Ibid. p. 34).

O ciberespaço apenas recorta o tempo na medida de sua espacialidade, e resignifica o sentido das relações, do estar-junto, estar-no-mundo, através da linguagem. A medida do tempo está, pois, associada ao modo como o espaço é estruturado discursivamente. (Ibid. p. 24).

Dias (2004), tratando da mudança da discursividade, traz reflexões que muito contribuem ao nosso estudo acerca da rede *Facebook*.

O mundo pensado a partir do virtual muda em sua discursividade, no modo de inscrição dos sujeitos e dos sentidos na história, porque os paradigmas a partir dos quais o concebemos são outros. E isso modifica também nossa maneira de estar no mundo. É por isso que julgo importante compreender as mudanças, em seu movimento. (DIAS, 2004, p. 74).

A maneira como os sujeitos se inscrevem na internet mudou, houve uma transformação no sentido de que hoje, principalmente nessa rede, o sujeito publica a todo instante, e traz a sua história, o seu ponto de vista em um lugar em que ser visível é quase que “exigido”. Então, poderíamos afirmar que essa forma do sujeito publicar o seu dizer seria uma atualização, como mudança naquilo que já é pré-determinado, uma vez que o *textão* surge em um espaço que é “corrido” e, para ler um texto longo, o sujeito precisa “pausar” essa instantaneidade?

Conforme Dias (2004), “a passagem ao atual está na ‘ordem da criação’, ao atualizar um virtual, este é dotado de novas qualidades, ele passa por uma transformação”. (p. 78). A partir dessa ideia de criação, de transformação, pensamos

⁴ Segundo Dias (2004), “uma nova construção do real passa a ser tecida - construção no sentido de simulação, de interpretação. Uma outra noção de tempo, de sujeito, de identidade, de subjetividade, convive simultaneamente num espaço - tempo virtual [...]”. (p. 18).

nos conceitos que trabalham com a questão da falha e da completude, o real e o imaginário, pois é, a partir desse processo de atualização do virtual, atualização das discursividades, que o sujeito se depara com o real no digital.

O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário. (ORLANDI, 2015, p. 72).

O digital também trabalha com esse processo de falta, de dispersão, atrelado com as questões de completude, de unidade do sujeito, justamente por imaginar ter acesso a tudo, a toda e qualquer informação, a transposição de distâncias e barreiras, demonstrando o efeito de liberdade que está presente externamente ao digital, mas internamente esses conceitos também funcionam. Cabe esclarecer aqui qual a relação entre virtual e digital que estamos tomando. Dias (2004) não se opõe ao conceito de virtual de Lévy:

Sendo o virtual uma *fonte indefinida de atualizações* (LÉVY, 1999), no qual o sentido ganha novas formas, novas significações, novas formulações, uma vez mobilizados pelos quatro processos de transformação, que Lévy (1996) chama: realização, potencialização, atualização e virtualização, me interessa muito pensá-lo como um lugar de constituição de sujeito, de subjetivação, através de sua discursividade. Essas quatro transformações, embora distintas conceitualmente, se constituem pela passagem de uma para outra, *quatro passagens de uma maneira de ser à outra* (Id. p. 140), operando juntas.

Isso significa dizer que o suporte material, técnico, no qual o texto se realiza e se potencializa, são as condições (são condicionantes) da *criação de uma mensagem significativa (dialética da atualização e da virtualização)*. (p. 142). Os modos de potencialização e realização influenciam aqueles da atualização e da virtualização. É por isso que entendo que não podemos separar, ou considerar separadamente, a técnica e a maneira como o sujeito se constitui a partir dela. É por isso que estou considerando o virtual na relação específica que este conceito vai ter quando vinculado ao ciberespaço. Pois, para mim, o ciberespaço é um espaço no qual as quatro transformações atuam constantemente passando de uma para a outra. Ele constitui a imagem de um atual através de *uma multiplicidade de virtuais*. (DIAS, 2004, p. 76).

Dias (2004) define que não trabalha com o virtual, isto é, ela compreende essas questões, mas o tratamento que leva em seu trabalho é pelo/no discurso digital. Então talvez nos caiba mencionar aqui que, assim como Dias, também compreendemos que esse processo não deixa de ser virtual, mas, dentro da AD, o tratamento que vamos seguir é por um discurso digital. É o discurso e não uma

questão filosófica.

Retomando a questão de que o *Facebook* opera sempre com a atualização, seguimos a linha de raciocínio que tratamos anteriormente acerca das questões de atualização e transformação, pois pressupomos que postagens e compartilhamentos constroem-se a partir da conexão em rede de amigos. Por esse motivo sempre se atualiza, o dizer sempre circula. “Uma postagem tem que circular”. (DIAS, 2018, p. 158). Talvez essa seja a relação do ciberespaço com o digital, pois o ciberespaço “resignifica o sentido das relações, do estar-junto, estar-no-mundo, através da linguagem” (DIAS, 2004, p. 24) e é circulando os dizeres que se dão as relações desse espaço digital.

A partir disso, Dias (2018), ao tratar sobre o discurso digital, destaca em seu livro o momento da circulação proposto por Orlandi (2001), que trabalha com os três momentos do processo de produção dos discursos - a constituição, a formulação e a circulação.

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; 2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e 3. Sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (Ibid. p. 09).

Dias (Ibid.) foca no último momento, embora concorde que os três funcionem juntos. Com isso, entendo o momento da circulação da mesma maneira que a autora retrata esse processo em seu livro⁵: “é pela circulação (compartilhamentos, viralização, comentários, postagens, *hashtags*, memes, *links*...) que o digital se formula e se constitui”. (p. 29). Dias (2018) toma o conceito de digital como “uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas” (Ibid. p. 28), pois ele “produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social [...]”. (Ibid. p. 170).

1.3 IMEDIATEZ, INSTANTANEIDADE: A CIRCULAÇÃO NO DIGITAL

A circulação é o que torna o digital como algo produtivo, o que nos permite afirmar que o que dá sustentação à formulação dos dizeres no digital é a sua circulação. (DIAS, 2018). Portanto, “é pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia. Por essa razão,

⁵ Cf. em **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo** (2018).

acredito que a facilidade dos sujeitos em utilizar essas “novas tecnologias” tão abertamente, e tão “livremente”, vem por esse motivo: nasce-se em uma época em que o que antes era diferente, “futurístico”, abre espaço, dá lugar, para a facilidade de comunicação. Um espaço que traz diminuição de distâncias e velocidade em relacionar-se com o outro, um espaço que é constante, que traz a sensação de um movimento que é atualizado, pois hoje se lê uma notícia na internet e amanhã ela já foi editada e/ou até mesmo deletada ou substituída por outra que traz um fato novo. São características encontradas nas redes sociais e nesse espaço amplo da internet. Por esse motivo, uma rede social é lugar para relacionamento, para interação. São diversas as relações funcionando nesse espaço, estão conectados, estão compartilhando vivências.

O movimento de vai e vem, que vai e retorna, no momento em que se quer, demonstra o fato de que a sociedade contemporânea naturalizou esse fluxo constante, comprova a vida acelerada em que vivemos. “[...] O sujeito está em toda parte, virtualizado, nas clonagens, nos transplantes de órgãos, enxertos. O corpo sai de si mesmo para tornar-se híbrido, para multiplicar-se no ciberespaço, para se tornar corpo-imagem, corpo-linguagem, corpo-sujeito. (DIAS, 2004, p. 142).

Sobre esse sujeito que se encontra em toda parte, Haroche menciona que:

A velocidade, a aceleração, as tecnologias perturbaram profundamente os modos de vida: traduzindo-se na deslocalização, na desterritorialização, na ilimitação, essas condições induzem um sentimento de instabilidade, de permanente mudança, intensificando a incerteza, às vezes a angústia, e atualmente o isolamento e a insegurança. Elas teriam efeitos sobre as maneiras de ser e de viver, sobre as estruturas de pensamento, de ideação, os modos de representação e de expressão de si e o outro, bem como sobre as maneiras de sentir e de perceber. O advento de uma atividade constante induz uma ausência de reflexão que impõe a instantaneidade, a imediatidade. (HAROCHE, 2015, p. 02-03).

A imediatez, o instantâneo, o incessante do *Facebook*, deu espaço para as reflexões propostas neste estudo. O fato de não cobrarmos, com tanta veemência, a presença física – até porque hoje temos outros meios que facilitam esse contato rápido com apenas um clique - abre espaço para o que chamamos de presença virtual.

Mudamos nossos hábitos em função desse virtual: compramos, vendemos, fazemos negócios, utilizamos serviços públicos, conhecemos pessoas, produzimos conhecimento, fazemos pesquisa, estudamos, ensinamos, seduzimos, trocamos correspondência, tudo através da Internet, enfim,

virtualizamos nossos hábitos cotidianos sem que, no entanto, saibamos exatamente o que é o virtual, e que efeitos ele produz. (DIAS, 2004, p. 74).

Porém, como bem menciona Haroche (2015, p. 03, grifo meu), “(...) teriam efeitos sobre as maneiras de ser e de viver, (...), os modos de representação e de expressão de si e o outro, bem como **as maneiras de sentir e de perceber**”. Sentimos diferente, percebemos diferente, mas não podemos confirmar que perdemos isso, apenas compreendemos as maneiras de comunicarmo-nos diferentemente. Tratamos de visibilidades imediatas.

As redes sociais foram criadas com um propósito, com o intuito de facilitar a comunicação, seja entre familiares, entre colegas de trabalho, entre empresas e seus consumidores; era, de fato, melhorar a fluidez e a rapidez do contato que se fazia rápido e necessário. Foucault (2008) ao trabalhar o conceito de “tecnologia do eu” reflete que o sujeito, para poder moldar-se à vida, produz distintas tecnologias. Os sujeitos se moldam para seguir o fluxo de mudança que a vida os proporciona, e, a partir disso, produz novas tecnologias a fim de que possa se significar, enquanto sujeito, e significar o mundo.

Em minha leitura, produzir novas tecnologias é (re)significar o já produzido. Arelado a isso, podemos supor que o conhecimento está ligado ao sujeito, e que, a partir desse conhecimento, o sujeito produz novas tecnologias, afirmando que tecnologia e conhecimento também estão interligados. Forma-se então o que Dias chama de triplo indissociável:

sujeito, conhecimento e tecnologia, buscando mostrar como o sentido do conhecimento de si e do mundo é inseparável do sentido da tecnologia, e esta, por sua vez, é inseparável da ‘narratividade urbana’ (ORLANDI, 2004), espaço material onde os sentidos circulam e se constituem produzindo efeitos na vida social. (2009, p. 08, grifos da autora).

E o que é produzir esse social? Produzir efeitos na vida social? Tudo que significa ao sujeito faz sentido, faz sentido porque traz lembranças. Com isso, trago uma reflexão sobre o ler e o escrever. Ler e escrever traz não somente significações, traz lembranças. Essa é uma prática que todo sujeito carrega desde o princípio. Aprende-se o abecedário, as primeiras vogais, o primeiro toque no lápis, o contato com o papel em branco. Nós, enquanto sujeitos, interpelados pela ideologia, somos ensinados a ler, a escrever, e todos esses gestos significam, de uma maneira heterogênea, mas significam. Portanto, toda e qualquer mudança de conhecimento

atrelada à tecnologia produz sentidos, permite com que os sujeitos compreendam diferentes formas de relação social.

É por isso também que dizemos que a invenção de diferentes tecnologias gera necessariamente uma mudança na cultura e na memória. A cultura oral, a cultura do manuscrito, a cultura do impresso, a cultura de massa (midiática), a cultura digital. Cada uma delas traz em si uma memória e uma sociedade. (DIAS, 2009, p. 10).

Por produzir mudanças na cultura e na memória, pensemos o fato de que antigamente os sujeitos utilizavam a fala para que houvesse comunicação entre si, ocorre que com a evolução surge a escrita e agora utilizamos essa escrita nos meios digitais. São formas que significam de maneiras diferentes. Produzem “sentidos diferentes e diferentes conhecimentos do mundo, pois cada um desses gestos tem repercussões no modo como nos relacionamos com o conhecimento”. (Ibid. p. 11).

1.4 O DIGITAL E O ARQUIVO

Há muito mais que apenas a mudança do papel para a tela do computador. Tem-se o fato do folhear um livro e do deslizar do dedo em um mouse, o escrever e o teclar, o postar e podemos até pensar na questão física da significância de termos certo controle com um livro em mãos e no mundo virtual termos a fluidez da internet. Tamanha rapidez nos faz perder, imaginariamente, o comando.

Como vemos, temos três diferentes modos de escrita: teclar, digitar, escrever. Nesses diferentes gestos da mão escrita, a relação imaginária do sujeito com a língua e com o conhecimento sobre a língua é diferente porque o seu funcionamento muda. (DIAS, 2009, p. 15).

A transferência de um texto no papel para um texto na internet, o teclar, digitar, as marcas do social, do histórico, transformaram-se. Como mencionamos desde o princípio, trabalhamos com o contínuo, com o que muda, com o que se atualiza. Nesse momento, é importante trazeremos o conceito de digital que estamos propondo aqui, tomando por base algumas reflexões de autores que trabalham com essa materialidade digital.

Os estudos de Dias (2018) são um exemplo de reflexões que têm surgido, ao longo dos anos, sobre o digital e “sobre as transformações que o digital vem

produzindo na discursividade do mundo”. (p. 20). Assim como ela, pretendemos desempenhar um trabalho teórico-analítico que visa compreender essa materialidade discursiva encontrada no digital e, tomando por base seus trabalhos, refletir sobre os elementos constitutivos que o digital trouxe, atentar ao funcionamento do discurso no digital.

Para Dias (2018, p. 39), o digital “é um sentido específico da tecnologia, afetado, portanto, pelo modo como as tecnologias em sentido analógico significaram na história”. Para a autora,

O digital produziu uma mudança na discursividade do mundo [...] nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas também na forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação”. (2016, p. 09).

O digital trouxe mudanças na formação social do sujeito, e tais mudanças têm ocasionado consequências na pesquisa, na maneira como o efeito-leitor se constitui⁶. Esse processo de mudanças, mudança na discursividade do mundo, Dias (2016) nomeia de “digitalização do mundo” (p. 10), que envolve “um processo de historização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção [...]”. (p. 10-11). Pensando na área na qual exercemos o nosso estudo, “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria”. (p. 18). Portanto, pensar a materialidade própria do digital, com base em Dias (2009), é considerar essa materialidade “como um processo no qual língua, ideologia e inconsciente se relacionam no discurso”. (p. 08).

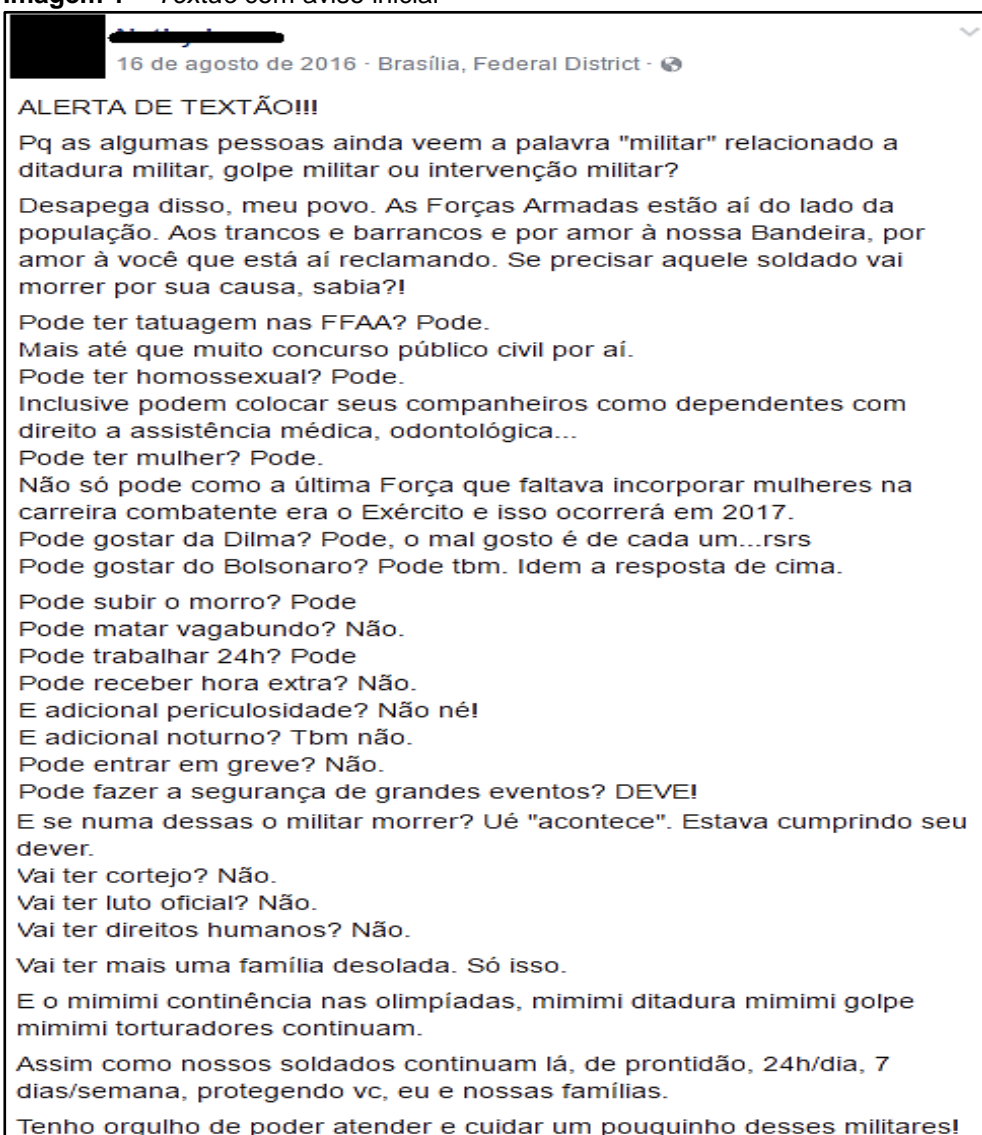
Contudo, essas mudanças na discursividade do mundo carregam um efeito, que, segundo Dias (2016), tem impacto no campo das teorias; na Análise de Discurso, “chamamos esses efeitos de efeito de arquivo, que diz respeito ao modo como o arquivo é compreendido em sua materialidade”. (p. 09). Dessa maneira, ao considerar o arquivo em sua materialidade, está-se tomando como referência de leitura um processo que envolve interpretação e não somente de descrição do objeto de análise. “A materialidade do arquivo, portanto, é aquilo que faz com que ele

⁶ Sobre o conceito de efeito-leitor, conferir páginas 32 e 45 em que procuramos nos deter melhor acerca dos processos de constituição do sujeito no meio digital.

signifique de um modo e não de outro” (DIAS, 2015, p. 973). Por exemplo, no arquivo que analisaremos, os textos iniciam com um aviso inicial, alertando aos outros sujeitos da rede que o texto extenso é um *textão*, sendo esse aviso, para nós, algo que está diretamente ligado ao posicionamento do sujeito frente ao tema em debate, nessas condições de produção específicas, e à própria noção de *textão*, que procuraremos desenvolver.

A materialidade do nosso arquivo significa dessa maneira que observamos e lemos, conforme imagem que segue (Imagem 1). Podemos notar, então, que: há um aviso inicial, que na nossa interpretação, é o que diferencia o *textão* de outros textos extensos nessa rede; há uma extensão do texto, uma extensão longa e não uma extensão pequena e há o posicionamento desse sujeito.

Imagem 1 – *Textão* com aviso inicial



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em:

<<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).⁷

Para Pêcheux (2010 [1995]), arquivo é um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. (p. 51). Essa é uma das interpretações possíveis sobre esse conceito, uma vez que foi com o dizer de Pêcheux que se teve o ponto de partida sobre arquivo. Com isso, seguindo os pressupostos da AD, o arquivo pode ser compreendido como uma materialidade simbólica carregada de sentidos, não podemos descrevê-lo em sua totalidade, já que se entende o arquivo como algo da ordem de um efeito de completude. Cada arquivo carrega sua singularidade, do que é dito, como é visto, dos modos de dizer presentes nele que talvez sejam diferentes dependendo do gesto de leitura dos sujeitos. Portanto, a questão dos gestos de leitura perpassa pelo processo de interpretação, que é um dos conceitos priorizados na Análise de Discurso.

Orlandi, pensando a interpretação, menciona que

reconhecer a materialidade da língua na ‘discursividade do “arquivo” é reconhecer também a interpretação, ou melhor, é reconhecer que os fatos estão sujeitos à interpretação e que a língua, na medida em que é constituída pelo deslize, pela falha, pela ambiguidade, faz lugar para a interpretação. (2007, p. 97, grifos da autora).

Nas condições de produção da internet, levando em conta a linguagem e a situação, o arquivo passa a ser visto também de acordo com a sua materialidade, uma vez que o arquivo envolve muitas questões como “o político, as instituições, a memória, a tecnologia, as subjetividades e a interpretação. Mas, além disso, o arquivo traz uma questão que é dele inseparável, que é a leitura”. (DIAS, 2018, p. 67).

A partir disso, o arquivo, visto como arquivo digital, leva em conta os modos de leitura que são “recolocados”. O ‘campo de documentos pertinentes’ localiza-se em um espaço em que milhares de informações são atualizadas a todo minuto, “milhares de dados produzidos a cada minuto nas redes sociais, *blogs*, vídeos, fotos, comentários, postagens, tuítes, enfim, nas mídias sociais em geral”. (Ibid. p. 67). Do mesmo modo, a armazenagem da documentação exposta em milhares de páginas também é “recolocada”, pois “nunca se arquivou tanto”. (Ibid.).

⁷ Todas as imagens deste trabalho não apresentarão fontes originais devido a Lei dos Direitos Autorais – Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Cf. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>.

A partir de Pêcheux (2010), Dias (2015) traz reflexões acerca dos *gestos de leitura*, que existem “maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias, de *ler o arquivo*” (p. 51), e quanto a esse espaço de questões da leitura, a autora põe a leitura de arquivo em relação aos tempos de internet.

[...] não seríamos nós o ‘conjunto de todos os outros’, referido por Pêcheux ao falar da divisão entre os clérigos, na idade média, por meio da qual alguns eram ‘portadores de leitura e de uma obra própria’ e outros, ‘o conjunto de todos os outros’, exerciam uma leitura que impunha ao sujeito-leitor um apagamento, uma vez que se dava por meio da repetição de gestos como ‘cópia, transcrição, classificação, indexação, codificação, etc.’? Afinal, não operamos nós, hoje, frequentemente, na relação com o arquivo digital, com gestos da mesma ordem: copiar, colar, compartilhar, recortar, extrair...? Contudo, em vez de clérigos, temos, hoje, a serviço do Estado e do empresariado, a grande mídia... (mas também a escola, a ciência...). (DIAS, p. 974, grifos da autora).

A rede *Facebook*, demonstra as reflexões da citação anterior, os sujeitos copiam e colam, classificam as postagens do outro em “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” ou “grr” (no sentido contrário a não curtir)⁸, compartilham, modificam, e, a partir disso, ocorre a repetição e a reprodução.

O arquivo com o qual trabalhamos produz um efeito de liberdade e esse efeito é do próprio modo de constituição dessa rede, e também do próprio modo de circulação dos sentidos que estão postos nesse espaço. O sujeito que não quer compartilhar uma postagem pronta tem o livre espaço para copiar e colar a mesma postagem na sua própria *timeline*. O sujeito incomodado com alguma postagem, além de clicar em “grr”, pode também comentar e criticar essa postagem. Inclusive, nesse espaço de julgamentos, há a opção de “Dar *feedback* sobre essa publicação”⁹, em que o sujeito pode inclusive denunciar¹⁰ a publicação como contendo “nudéz”, “violência”, “assédio”, “suicídio ou automutilação”, “notícia falsa”, “*spam*”, “vendas não autorizadas”, “discurso de ódio” e “outra coisa”. Desse modo, cria-se, ilusoriamente, o poder sobre outras postagens, sobre o dizer do outro. No entanto, a questão da liberdade na rede é realmente algo do imaginário do sujeito, pois em muitos momentos o aplicativo demonstra conter “regras” para o

⁸ Cf. os significados das reações em <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.html>>

⁹ Cf. em: <<https://www.tecmundo.com.br/facebook/25339-voce-sabe-o-que-acontece-quando-voce-denuncia-alguem-no-facebook-.htm>>

¹⁰ Ao denunciar alguma postagem, a reclamação será enviada a uma das equipes do *Facebook* para que sejam tomadas as devidas providências.

funcionamento da rede *Facebook*.

Pensando a linguagem na sua prática – o discurso (Pêcheux, 1995), Dias (2015) trabalha com os discursos digitais, o modo como a linguagem funciona no digital. Salientamos aqui que julgamos interessante manter a interpretação de Dias referindo-se a algumas características dos materiais produzidos na e para a internet, pois, por exemplo, em um texto publicado na revista **Estudos Linguísticos**, Dias traz as perspectivas de Paveau (2014) ao mencionar sobre “discurso digital”. Então, a respeito da singularidade do arquivo digital, Dias menciona:

- *temporalidade*: constituída por outros paradigmas que escapam a qualquer cronologia. O tempo do digital é o do acesso e da circulação. Um arquivo digital é sempre atual ou, melhor dizendo, passível de atualização pelo acesso. (Ex.: Ao comentar uma postagem do *Facebook*, independentemente da data que foi postada, ela se atualiza na linha do tempo).
- *instabilidade do arquivo*: diz respeito à sua mutabilidade. É comum lidarmos com *sites*, textos, *blogs*, vídeos, etc. que sofrem com atualização ou ficam indisponíveis. Faz parte do modo de circulação do próprio digital.
- *dimensão e heterogeneidade do arquivo*: lidamos com uma infinidade de textos na internet. Quantidade. Paráfrase.
- *autoria*: muitas vezes nos deparamos com materiais que não têm um “nome de autor” ou uma chancela institucional e temos que descartá-los pela demanda de “legitimidade” do arquivo.
- *leitura dispersiva*: a leitura se desloca do fio temporal linear passando a predominar a ordem espacial, na qual se impõe a visualidade. (DIAS, 2013, p.55). Para compreender o arquivo na internet, precisamos compreender a dispersão constitutiva desse arquivo, que impõe um ritmo ao trabalho de leitura. (DIAS, 2015, p. 975).

A questão da *temporalidade* é compreendida por nós como processo do sujeito querer fazer parte sempre. Na AD, esse termo é trabalhado visando os processos discursivos, e não no sentido de uma temporalidade cronológica, e, no *Facebook*, “um discurso remete a outros discursos dispersos no tempo, ele pode simular um passado, reinterpretá-lo, projetá-lo para um futuro, fazendo emergir efeitos temporais de diversas ordens”. (NUNES, 2005, s. p.)¹¹. O sujeito para fazer parte desse espaço, posta/publica, e, a partir disso, se faz visível. O que daí devemos observar são as diferentes temporalidades encontradas em rede e que estão inscritas no discurso.

Na *instabilidade do arquivo* notamos que é pela facilidade de presença e não-presença que ela se faz presente, pois hoje o sujeito pode estar visível e no outro dia

¹¹ Cf. em:

<<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/JoseHortaNunes.pdf>>

não estar. O sujeito, possuindo o aplicativo em seu celular/*smartphone*, poderá manuseá-lo a hora que quiser, e a conexão trabalha nesse sentido pela rede de amigos, mas também pela leitura, pois, se o sujeito não abrir o *Facebook*, ele se torna um presente-ausente¹². Ele não é um sujeito ausente, ele está sempre presente, porém, torna-se visível ao se posicionar naquele espaço.

A *dimensão e heterogeneidade do arquivo*, já desenvolvida na citação, é essa gama de textos, imagens, áudios, vídeos, etc., visíveis a quase¹³ todos na *timeline*, nos comentários, nos compartilhamentos. O processo da dimensão se dá nessa quantidade de textos possíveis na rede *Facebook*, e a heterogeneidade desse arquivo se mostra nessas diferentes formações dos sujeitos que, presentes digitalmente, postam e fazem circular dizeres heterogêneos.

A *autoria*, para nós, faz parte desse processo do sujeito sentir-se autor do seu próprio texto, de que o seu dizer lhe pertence, o individualiza. Nesse sentido, lembramos da questão do sujeito outro apropriar-se dos textos de outrem: quando o plágio acontece. Todavia, é importante mencionar que o plágio acontece devido a viralização que encontramos na rede. O viral é justamente a confirmação dessa circulação (DIAS, 2018), uma vez que é por ela, nos compartilhamentos, nas postagens, nos comentários, que o viral ganha força e, mais ainda, quando alguma postagem é mencionada em jornais, notícias em telejornais, rádio, etc. No sentido dicionarístico, viral significa “relativo a vírus: vírico, virótico; causado por vírus (ex.: hepatite viral): vírico, virótico; que, tal como um vírus, tem a capacidade de se espalhar (ex.: publicidade viral)”¹⁴. A partir disso, podemos afirmar que quanto mais uma imagem, um vídeo, uma postagem, é compartilhado, é espalhado rapidamente mais essas postagens serão visualizadas e viralizadas.

Atentar ao fato de que trabalhamos com o digital nos faz entender que se algo não circula, ele, aparentemente, não existe. Em outras palavras, está presente naquilo que é instantâneo, que é movimento, mas, se o dizer não circular, ele é

¹² Seguiremos, por enquanto, com esse termo para exemplificar o sujeito que se encontra presente na rede *Facebook*, porém, por não postar, curtir, compartilhar, torna-se ausente, no sentido de não ser/estar visível aos outros.

¹³ A palavra ‘quase’ significa que nem todos podem ler o que o sujeito posta na *timeline*. No aplicativo *Facebook*, o sujeito seleciona, nas configurações, a opção de não dar visibilidade das suas postagens aos sujeitos que não são seus “amigos”. As postagens, curtidas, compartilhamentos, comentários, marcações, etc., são visíveis apenas para aqueles que solicitaram (ou aceitaram) a sua amizade. O algoritmo também faz esse trabalho de selecionar quem vai ver e quem não vai ver. Então é uma questão técnica do próprio funcionamento do *Facebook*.

¹⁴ **Viral** (PRIBERAM, 2008-2013, em linha). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/viral>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

invisível. Nesse sentido, postar, compartilhar, comentar, também é fazer circular, é ser “visível”, é um espaço em que o sujeito escreve sobre si e carrega o desejo de que o outro saiba.

Se a internet é um espaço de escritura de si, não é à toa que a mais preciosa “moeda” da rede sejam os dados dos sujeitos: o que ele come, onde ele vai, onde mora, onde trabalha, qual sua posição política, seu poder aquisitivo, o que lê que música ouve, quem são seus amigos, etc. (DIAS, 2018, p. 156).

Dias traz essa questão do falar de si no digital, que é um espaço em que, para que o outro saiba sobre mim, preciso fazer com que o meu dizer circule, por esse motivo eu posto. Esse processo da leitura do que o outro faz ou deixa de fazer não é pelo fato de trazer e de fazer sentido, mas, quando eu leio que o sujeito X postou que foi a um restaurante com o sujeito Y, mostra que o processo de leitura no digital é um processo que se dá diferente. Trata-se de “uma memória discursiva na qual o ‘dizer de si’ se produz enquanto inscrição do sujeito no mundo [...]”. (Ibid. p. 157). É, a partir de um vaivém de páginas, que diversas informações surgem uma após a outra, onde a leitura funciona em um momento de dispersão: a *leitura dispersiva*, uma das particularidades desse espaço. É quando o sujeito abre o aplicativo e sua relação com os outros sujeitos se dá pelo processo de leitura.

Nesse arquivo digital, nesse ambiente de redes em que o *Facebook* se insere, o “estar presente” do sujeito se dá por meio desse processo de leitura, aqui abrangendo o processo em que o sujeito ouve, “rola a página”, faz buscas, comenta, etc. A interação dos sujeitos nesse espaço envolve diversos processos e tudo tem a ver com o efeito-leitor, do ponto de vista do autor, pois o sujeito espera que o outro leia o seu dizer, ele projeta um leitor que está na sua rede de amigos, um leitor que lerá o seu texto.

Ora, é fato que o funcionamento dos discursos, com a internet e o próprio trabalho com o arquivo, precisa levar em conta as condições de produção da internet, e, como venho dizendo, a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à injunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital. Para isso, porém, é preciso um real trabalho de leitura e de arquivo, ou seja, é preciso compreender a relação língua e discursividade. O resto, é, como diz Orlandi (2012), fabulação. (DIAS, 2015, p. 980).

Portanto, pensemos na questão da atualização que ocorre nesse processo

de dispersão e que se dá pela circulação: “Não se trata da atualização da memória discursiva pela formulação num intradiscorso, mas da atualização de dados pela circulação”. (DIAS, 2015, p. 975).

1.5 O ARQUIVO E A MEMÓRIA DIGITAL

O objeto de pesquisa deste trabalho está inserido em um local de muita visibilidade - a rede -, e, por se tratar de uma rede social sua utilização se dá por diversos motivos, seja para entretenimento, para seguir receitas de cozinha, para estar em contato com família/amigos, para seguir a previsão do tempo, para ler as notícias nacionais e internacionais, etc. O nome dado a essa ferramenta decorre do nome coloquial para o livro que é ofertado aos alunos no início do ano letivo por algumas instituições universitárias dos Estados Unidos, com o objetivo de ajudar os alunos a conhecerem uns aos outros. O *Facebook*, criado por Mark Zuckerberg e alguns de seus colegas de quarto, foi proposto por motivos parecidos com os dos livros ofertados nas universidades. Estudante da Universidade de Harvard, Mark elaborou o Facebook com o intuito de conhecer melhor os alunos que cursavam e frequentavam a mesma instituição, após a expansão para outras faculdades e, por fim, em escolas do ensino médio e fundamental¹⁵.

Observando os motivos de utilizarmos o *Facebook* atualmente (2018), notamos que a finalidade se mantém. Ainda é utilizado como meio de conhecer as pessoas, conhecer os seus gostos, o que essa pessoa posta, o que ela faz, etc. Todavia, tudo isso é possível se o perfil do sujeito não for bloqueado para quem não for do seu círculo de amigos. Do contrário, apenas “solicitando a amizade” dessa pessoa para poder acompanhar sua vida no âmbito do virtual. Além disso, essa rede social também permite que você encontre pessoas das quais você era mais próximo na infância e, claro, também pelo acaso de possuir amigos em comum. A própria rede social sugere amigos da sua rede de amigos. A partir disso, você consegue contato com pessoas - amigos da escola, vizinhos na infância - que eram de uma época em que nem haviam criado a rede social *Facebook*. Nesse sentido, é uma rede que proporciona (re)encontros entre pessoas que, às vezes, ficaram muito tempo sem se falar.

¹⁵ Cf. em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/facebook-faz-14-anos-veja-curiosidades-sobre-a-historia-da-rede-social.ghtml>>

A partir desse “gancho” de encontros e (re)encontros, situações que lidam com memórias, pensemos acerca desse conceito construindo um processo crescente das definições de memória, trazendo algumas reflexões tomadas por Pêcheux, Orlandi e Dias. Pensemos, em um primeiro momento, na memória não como algo visto no âmbito do psicológico, de vivências passadas, uma memória que é individual. Sabemos que esse conceito de memória existe, podendo assim trazer essa reflexão para contrapor ao processo de memória no discurso, que é compreendido como algo que fala antes. No entanto, para nós, “memória deve ser entendida aqui [...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Pensando então na questão do funcionamento da memória no discurso, Pêcheux (Ibid.) formula a questão da memória discursiva, que seria aquilo que “vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. (p. 52). A memória discursiva funciona em relação ao interdiscurso, definido por Pêcheux (1995) como

[...] ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. (Ibid. p. 162, grifos do autor).

Tudo que dissemos já foi dito por alguém, em algum lugar. “O dizer não é propriedade particular” (ORLANDI, 2015), as palavras fazem sentido aos sujeitos, pois elas significam na história. Ou seja, existe um conjunto de formulações já ditas e que já foram esquecidas, que determinam o nosso dizer, o que constitui o interdiscurso. Orlandi (2007), pensando na questão da tecnologia e da memória infalível, formula o conceito de memória metálica - desenvolvido em 1996 - de uma memória que, por ser produzida na tecnologia, aparentemente não possui falhas, e, nas condições de produção do digital, há implicações também no que tange à noção de memória. Orlandi, a respeito, distingue:

a *memória discursiva* (interdiscurso, constituída pelo esquecimento) a *memória metálica* (das máquinas) e a *memória de arquivo*, sendo esta a memória institucional, a que não esquece e alimenta a ilusão da “literalidade”, acentuando a ilusão de transparência da linguagem,

sustentada pelas instituições, lugares por onde circula o discurso documental e que servem a sua manutenção e estabilização. (2010, p. 04).

O conceito de memória metálica aqui abre espaço para o “não-esquecimento”, pois lida com o que é fluido, com o que vem em excesso. A memória metálica é facilmente acessada, é constante, é atualizada, produzindo um efeito de completude, do já interpretado, do já dito. Por se ter acesso facilmente a ela podemos também pensar na memória que é arquivada, a que produz efeitos de controle, podendo o sujeito escolher os seus registros. “[...] A memória metálica apresenta-se como uma linguagem que possui ‘imaginariamente dimensões precisas, com recortes, segmentos, tamanhos’ (ORLANDI, 2001, p. 114, grifos da autora), ela traz o excesso (como repetição de dados), ela é a memória própria do computador, da internet.

Considerando as questões de memória, Dias (2016) avança as formulações acerca do conceito e, assim como em muitos dos seus trabalhos, relaciona-o com o digital, trabalhando o que chama de memória digital. Para a autora, o digital traz essa ilusória noção da memória infalível, como algo de uma ordem do “não equívoco”, de que a tecnologia não falha. A partir dessas reflexões, traz a ideia de uma memória inesgotável, de que as possibilidades físicas da tecnologia são vistas como inesgotáveis.

Nesse sentido, o que tenho procurado compreender como memória digital, fazendo avançar a formulação de Orlandi, difere de memória metálica, mas não se desloca dela, pois se por um lado a memória metálica, que funciona pela quantidade, pela possibilidade de armazenamento e processamento dos dados, ou seja, a memória do computador, por outro lado, a memória digital é esse resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento digital, pelo trabalho do interdiscurso. (Ibid. p. 12).

Muito do que a autora define em seus trabalhos cabe para pensarmos e refletirmos no nosso objeto de estudo. Trazendo o conceito de memória digital, Dias também menciona que ela a vê como uma “atualização discursiva pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital”. (Ibid. p. 12). Então, pensando no nosso objeto de análise, onde se localizaria o *textão*? Ele localiza-se nesse espaço da postagem, e essa postagem surge quando o sujeito precisa parar para dizer. Essas postagens vão constituindo uma memória, uma memória digital. Uma memória que está dentro de espaços digitais. Ela associa isso a memória

discursiva, é quando esse mesmo digital te faz lembrar alguma coisa.

A memória discursiva é, portanto, o que sustenta o sentido daquilo que é atualizado, na sua relação com o virtual. Essa sustentação se dá pela repetição. O sentido é sustentado pela repetição (a memória) e pela diferença estabelecida pelo movimento de atualização (a formulação). (DIAS, 2004, p. 80).

Transformamo-nos em uma “sociedade de informação e de comunicação permanente, no estado de aceleração, de ilimitação e de indiferença que ela induz”. (HAROCHE, 2015, p. 08). Essa sustentação dada pela repetição é uma das particularidades do nosso arquivo e é, a partir disso, que o sujeito organiza o seu discurso no digital, por aquilo que se apresenta de maneira constante e imediata. Mesmo que essas ferramentas se modifiquem, os sujeitos mantêm suas relações, sejam elas físicas ou virtuais. Portanto, não importa o espaço, não importa a época, o sujeito e a sociedade estarão sempre produzindo significância no seu dizer.

CAPÍTULO 2 – O POSICIONAMENTO DO SUJEITO NA REDE

A leitura implica, portanto, mais do que apreensão de sentido(s). Implica reconhecer que o sentido pode ser outro, embora sempre determinado historicamente, que o dito é atravessado por um não-dito. (CAVALCANTI, 2006).

2.1 GESTOS DE LEITURA NO ARQUIVO DIGITAL

A leitura é vista por muitos como algo prazeroso, que acalma e nos insere em outro mundo, em um lugar utópico. Uma realidade fantasiosa. Podemos dizer que a leitura, seja de um livro, de uma revista, de uma simples frase em um cartaz, faz com que os sujeitos imaginem, resignifiquem algo no seu imaginário. Tal leitura diz respeito àquela que fomos ensinados desde pequenos, nos momentos de aprendizagem, na escolarização, no abecedário, em que vinculamos a “leitura à alfabetização (aprender a ler e escrever)”. (ORLANDI, 2012, p. 08).

Contudo, neste estudo, não iremos nos deter na leitura do ponto de vista pedagógico ou da satisfação pessoal. A leitura que vamos trabalhar embasa o sentido da instantaneidade, do excesso, da dispersão, que são algumas das características da leitura de arquivo que encontramos no nosso objeto. O arquivo do qual trabalhamos, um arquivo digital, se dá pela velocidade, pela ilusão de completude, pelo instantâneo.

O processo de leitura do nosso arquivo digital, que se dá num processo de circulação, fez-nos pensar, inicialmente, na questão do (re)lembrar. Muito do que vemos das imagens que observamos na *timeline*¹⁶ do *Facebook* nos traz lembranças. Faz-nos lembrar algo, isto é, “trazer outra vez à memória, recordar”¹⁷.

Assim, acredito que um dos sentidos que a leitura produz ao sujeito que lê no digital é lembrar situações já esquecidas, aquela memória que já foi silenciada, que está lá, mas que está “adormecida”. Para o dicionário Priberam (2008 – 2013, em linha), lembrar é isso, é “trazer outra vez à memória”, é trazer o que estava silenciado, é trazer momentos que estão inscritos na memória da história, na memória do sujeito. Todavia, na visão da AD, não se trata de buscarmos lembranças

¹⁶ Traduzida por "linha do tempo", na Língua Portuguesa. “Trata-se da ordem das publicações feitas nas plataformas sociais *on-line*, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos”. Cf. em <<https://www.significados.com.br/timeline/>>. Acesso em: abr. 2018.

¹⁷ **Relembrar** (PRIBERAM, 2008 - 2013, em linha). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/relembrar>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

já vivenciadas no passado. Orlandi (2015) menciona que há um já-dito sustentando a possibilidade de o sujeito dizer – o interdiscurso (os dizeres já ditos e esquecidos) e o intradiscurso (o que se diz no momento dado).

Nesse sentido, a lembrança, se pensada do ponto de vista do sujeito, nada mais é do que algo resultante do processo de atualização, algo que (res)que está associado a todo um conjunto de dizeres já formulados e que esquecemos e que, em algum momento, são reinscritos no fio do discurso e ressignificados. “A formulação, então, está determinada pela relação que estabelecemos com o interdiscurso” (ORLANDI, 2015, p. 31) e, segundo Cervo (2012),

mesmo não havendo meios de forçosamente lembrarmos ou revivermos nossas memórias o tempo todo, o interdiscurso significa incessantemente como ausência necessária, produzindo efeitos de sentido diversos nas/pelas nossas práticas linguageiras e cotidianas, haja vista que é sempre o já-dito que determina o dizer. (CERVO, 2012, p. 36).

Em contrapartida, o intradiscurso funciona por uma atualização do discurso e acredito que o processo dessa rede seja de uma atualização constante de discursos já-ditos, ‘adormecidos’, e que retornam em discursos atuais, trazendo não só um, mas vários sentidos, pois, como menciona Pêcheux (1993),

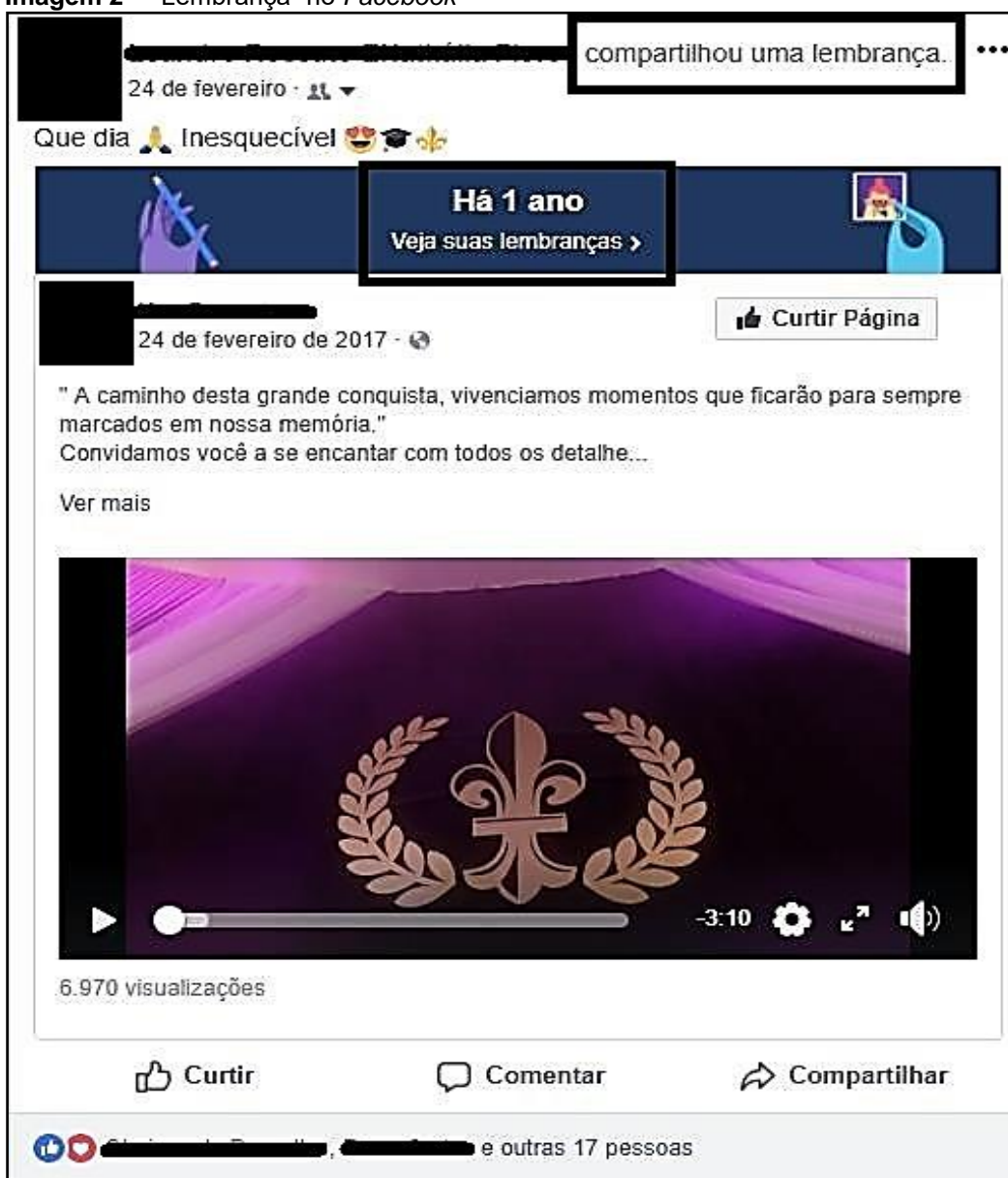
uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio” [...] seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantém com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 1993, p. 161).

No nosso gesto de interpretação, essa possibilidade de o sentido ser outro pode ser associada à leitura do *Facebook*. Nesse espaço em que o sujeito encontra diversas informações do outro, você pode, de repente, ser lembrado pelo *Facebook* de você mesmo, recordando diversas informações de si mesmo e, a partir disso, os sentidos nessa formação podem ser outros, pois ao tratarmos de memória, “estamos tratando, então, de acontecimentos e práticas do passado que sempre podem retornar e (res)significar no presente”. (CERVO, 2012, p. 38). Ou seja, há no *Facebook* um processo de resgate que é de ordem técnica, mas a leitura do sujeito está aberta ao processo de interpretação.

Quando nos referimos ao processo de resgate executado pela rede *Facebook*, estamos tratando de um recurso que promove uma lembrança automática de

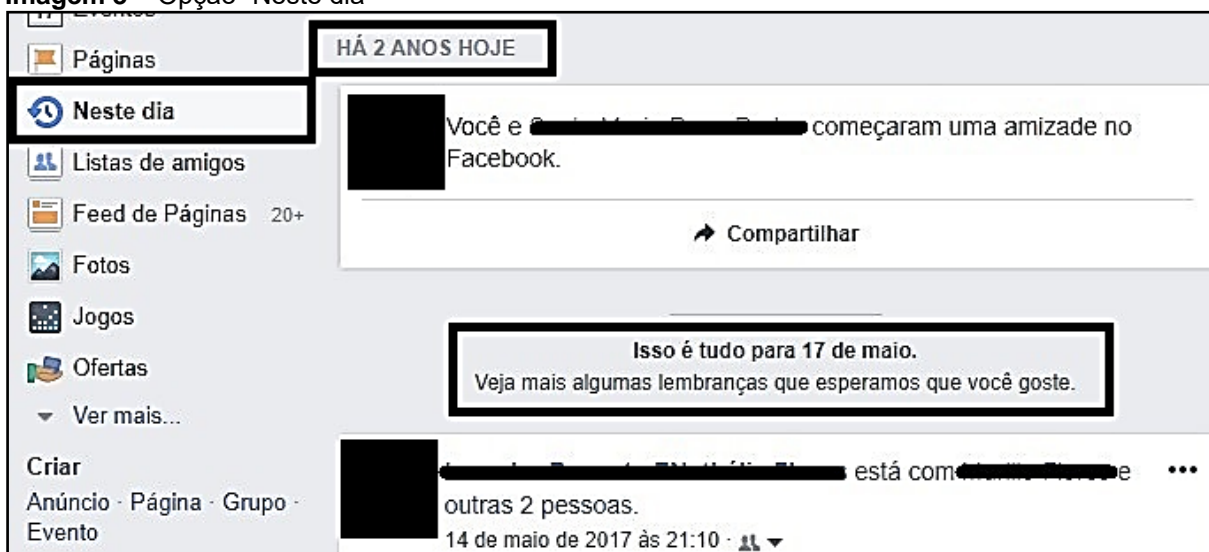
publicações e acontecimentos na *timeline* de cada sujeito. Por exemplo, o sujeito postou há três anos uma imagem (vídeo, texto, postagem compartilhada), nesse mesmo dia o próprio *Facebook* lhe mostra essa postagem e lhe questiona se você gostaria de compartilhar essa “lembrança” na sua *timeline*, conforme imagem que segue (Imagem 2). A partir disso, o *Facebook* arquiva lembranças automaticamente para os sujeitos e, caso o sujeito queira visualizar todas as lembranças arquivadas daquele dia, há a opção ‘Neste dia’, conforme imagem que segue (Imagem 3). Clicando nessa opção todas as lembranças daquele dia e da semana (caso tenha tido publicações) estarão visíveis para (re)compartilhar.

Imagem 2 – “Lembrança” no *Facebook*



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Imagem 3 – Opção “Neste dia”



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: fev. 2018. (Grifos nossos).

Em relação a essas observações, seguimos, tendo por base as reflexões de Orlandi (2012) quando menciona que

Desde que se assuma uma perspectiva discursiva na reflexão sobre leitura, alguns fatos se impõem em sua importância:

- a) o de se pensar a produção da leitura e, logo, a possibilidade de encará-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada);
- b) o de que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração do(s) sentido(s);
- c) o de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história;
- d) o de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente;
- e) o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura;
- f) finalmente, e de forma particular, a noção de que a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social. (Ibid. p. 08).

Separando os pontos mencionados na citação e refletindo acerca do trabalho que propomos neste texto, parece-nos importante ligar cada item à materialidade deste estudo, desse objeto. Pensar a produção da leitura, nas condições de produção do *Facebook*, é pensar que as formas em que o *textão* é lido são produzidas de maneiras diferentes. Como bem menciona Orlandi (2001)

[...] o momento da escrita de um texto e o momento de sua leitura sejam distintos, na escrita já está inscrito o leitor e, na leitura, o leitor interage com o autor do texto. Por isso, preferimos falar, em geral, e condições de produção de um texto, considerando que estas condições incluem locutor e receptor. Daí, então, se poder falar, sem que isto pareça estranho, em *condições de produção da leitura* do texto. Nossa perspectiva é, pois, a de que a leitura é *produzida*.

E, por fazer parte do processo de produção e de instauração do(s) sentido(s), pensando no sentido da rede, os sentidos que circulam, que funcionam nesse espaço como, por exemplo, o aviso inicial ao escrever um *textão*, fazem parte desse processo de leitura e de escrita no digital. Isso acontece pois é preciso que eu avise ao escrever, pois necessito que o outro pare para ler meu texto, e é preciso que avise para que no movimento de rolagem da tela, isso chame tamanha atenção para quebrar essa movimentação contínua da *timeline*.

Cabe refletir aqui, como menciona Orlandi na citação acima, que, por sermos sujeitos afetados ideologicamente e historicamente, interpretamos de maneiras diferentes, por produzirmos sentidos distintos, e isso de acordo com vivências e experiências de cada sujeito, pois cada sujeito-leitor carrega uma bagagem, lembranças, história, ditos e não-ditos. Portanto, as formas de leitura dessa rede e do *textão* serão distintas.

O recorte que realizarei para as minhas análises serão diferentes de outros sujeitos, pois a minha leitura sobre este estudo é realizada de acordo com os meus sentidos, e aí cabe o item “e” da situação - “há múltiplos e variados modos de leitura”-, o que significa dizer também que eu, enquanto sujeito, poderei observar esses recortes de modo diferente futuramente e, quem sabe, o recorte avançaria para um outro caminho.

Um exemplo que confirma o item “f” - “nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social” foi a eleição de 2018, que trouxe à tona sentimentos, sensações e sentidos que estavam silenciados. Na verdade, ousou dizer que pareciam estar silenciados, pois apenas uma parte da sociedade vive esses preconceitos forte e diariamente, e o que a eleição fez foi “gritar” o que muitos não enxergavam. Temas como racismo, homofobia, assédio, ditadura, entre outros, foram os mais comentados e postados na rede *Facebook*, antes, durante e após o fim das eleições. Foram já-ditos que sustentaram as possibilidades de os sujeitos dizerem, e hoje, postarem na internet.

Portanto, a forma como propomos a significação de leitura, no início deste capítulo, torna-se diferente quando pensamos no conceito de gestos de leitura para a AD. Os significados do conceito de leitura não são os mesmos em todas as áreas de estudo sobre a linguagem, e, analisando os gestos de leitura que fazemos no *Facebook*, ela se dá como um acompanhamento do que é postado, compartilhado. “Trata-se de uma circulação por reprodução” (DIAS, 2018, p. 34), ou seja, os dizeres

nesse espaço do digital circulam.

A leitura em AD não é focalizada apenas em ser o processo pelo qual fomos ensinados em sala de aula, ela “é uma questão linguística, pedagógica e social ao mesmo tempo”. (ORLANDI, 2012, p. 45). Esses conceitos funcionam unidos e, além desses componentes de produção de leitura, existem outros como, por exemplo,

os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso, a distinção entre leitura parafrástica (que procura repetir o que o autor disse) e a polissêmica (que atribui múltiplos sentidos ao texto), assim como tematizei a necessidade de se levar em conta as histórias da leitura do texto e as histórias das leituras do leitor. (Ibid. p. 49).¹⁸

De fato, a leitura não consiste em simplesmente saber ler. Ela nos traz significações e também nos traz lembranças. Na AD, o papel do analista está em encontrar maneiras de desconstruir o texto analisado, pois junto a essa “simples leitura” há um universo amplo de conhecimentos e de formações diversas. Desse modo, como lembra Orlandi, a AD “se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos”. (2015, p. 32).

Para compreender o arquivo analisado é preciso que se desconstrua o processo de leitura, pois ela aparece como um efeito de totalidade, de completude e o trabalho da pesquisa (teoria) e da análise (prática) consiste justamente em não aceitar o material que lhe é “entregue”, mas não no sentido de não concordar com ele, e sim no sentido de que o trabalho teórico, o trabalho analítico, baseia-se em desconstruir o enunciado que chega até o analista, pois

as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. (Ibid. p. 41).

Os gestos de leitura são compreendidos de maneiras diferentes, até mesmo para um mesmo sujeito, uma determinada leitura pode ser compreendida de outra maneira de acordo com a evolução de sua formação. “Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando”. (ORLANDI, 2012, p. 13). É nesse sentido de

¹⁸ Cf. Orlandi (2012): **As histórias das leituras** (p. 54-62) e **A história do sujeito-leitor: uma questão para a leitura** (p. 63-68).

tornar-se outro que a AD trabalha. Nesse espaço que deriva, que é possível. Para Pêcheux (2015 [1938-1983]):

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (p. 53).

Os gestos de leitura compreendidos em nosso arquivo têm relação com a memória, pois a rede *Facebook* é um espaço que congrega o que é do sujeito e o que é do outro sujeito, o que é teu e o que é do outro. Nesse espaço de postagens, encontra-se a materialidade do *Facebook*, que se dá por esse processo da escrita. A partir disso, o processo que predomina nosso arquivo digital é a leitura.

Ao realizar a leitura desse arquivo, nos relacionamos com novas tecnologias e isso torna necessária uma organização na dispersão, requer que o sujeito dê conta do que aparece em excesso e, a partir disso, ocasiona a ilusão de completude, pois pareço estar me relacionando com o outro por completo, mas não estou. Ou seja, dar conta do excesso que encontramos nesse arquivo digital é algo ilusório, são milhares de informações a todo instante, a cada minuto as páginas são atualizadas, publicações podem ser apagadas e/ou substituídas. Se o sujeito não conecta em seus aplicativos e/ou se não se atualiza em outras tecnologias corre o risco de sentir-se desconectado aos outros, ao mundo.

A partir disso, seguimos com as reflexões de Dias (2018) sobre o trabalho de arquivo “que consiste no procedimento de leitura, descrição e interpretação do objeto de análise” (p. 159), processos esses que não se separam, um trabalho pendular (PETRI, 2013)¹⁹ que consiste no processo de vai e vem do sujeito na teoria e na análise, na teoria e na observação do objeto teórico com o qual trabalhamos, o discurso.

Contudo, é no sentido do interpretar que a AD funciona, ela coloca a interpretação em questão. Então, como afirmar que um texto nomeado como *textão* em uma rede social pode produzir sentidos? Pode-se dizer que, ao ler um *textão*, o sujeito realiza um gesto de interpretação, realiza um ato no domínio simbólico, pois

¹⁹ Cf. em: <http://corpus.ufsm.br/images/Verli_Petri_-_Textos/O-funcionamento-do-movimento-pendular-pr%C3%B3prio-%C3%A0s-an%C3%A1lises-discursivas.pdf>.

esses gestos, que vem a partir da leitura, interferem no real do sentido. É importante frisar que, ao trabalhar com a questão da interpretação, não focaremos apenas no interpretar de um texto, mas tentaremos trabalhar os limites desse objeto, os mecanismos que o fazem significar nas suas condições de produção. Compreender o processo discursivo e não apenas o produto.

O interpretar no digital é o que Dias (2018) trabalha quando associa a memória digital à memória discursiva: “É só quando há possibilidade de interpretar que a memória metálica se des-organiza na tensão com a memória discursiva, produzindo uma memória digital”. (p. 165). Então a memória digital é isso, é quando, no meio desse excesso de informações, o sujeito interpreta. Por esses motivos é que se tentará trabalhar com vários sentidos, pois se sabe que a compreensão é um ato que demanda sentidos, o sujeito sente necessidade em interpretar:

Diante de um objeto simbólico o homem tem necessidade de interpretar. Ele não pode não interpretar. Esta é uma injunção. E o homem interpreta por filiação, ou seja, filiando-se a este ou aquele sentido, inscrevendo-se nesta ou naquela formação discursiva, em um processo que é um processo de identificação: ao fazer sentido, o sujeito se reconhece em seu gesto de interpretação. (ORLANDI, 1998, p. 19).

Compreender nos permite “ouvir”. Escutar os outros sentidos que estão justapostos nos objetos simbólicos que interpretamos. São sentidos outros para quem escreve, para quem lê e para quem analisa e “cada um tem seu gesto que só faz sentido no seu evento”. (Ibid. p. 21)

Importante trazer a reflexão acerca do interpretar e do dizer. Como o nosso objeto de estudo está em um local de bastante fluidez, com grande visibilidade, é necessário olhar para o fato de que todo dizer é interpretável. “A interpretação é sentido que retorna: o dizer que se diz. E é assim que o repetível (o saber discursivo, sua memória) constitui o dizer”. (ORLANDI, 1998, p. 22). Tudo que é postado no *Facebook* carrega uma gama de interpretações, seja por quem escreve, seja por quem lê, seja por quem compartilha.

[...] desde muito cedo, quando se aprende análise de discurso, isso vai-se impondo. A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende análise de discurso. Daí a teorizar a leitura e afirmar que o sentido pode ser outro é só um passo. O que sempre me atraiu, me seduziu na análise de discurso é que ela ensina a pensar, é que ela nos tira as certezas e o mundo fica mais amplo, menos sabido, mais desafiador. E pensar que o sentido pode ser sempre outro vai nessa direção. (BARRETO, 2006).

Por esse motivo, compreendemos que a leitura carrega a questão do olhar²⁰. Ler implica em uma inclinação do olhar. “O olhar inclina-se sobre o texto”. (ORLANDI, 2001, p. 63). Nesse sentido já se pode pensar no efeito-leitor, produzido pelos gestos de interpretação. A textualidade é feita desses gestos. Como repetidamente é mencionado em vários textos e livros da autora: texto é unidade de análise.

Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, sequências com uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se apresenta em sua unidade, na origem do texto, “dando”- lhe coerência, progressão e finalidade. (ORLANDI, 2001, p. 64).

Sobre o conceito de texto, daremos mais ênfase no capítulo 3 desta pesquisa, em que salientaremos com maior clareza o que estamos levando em consideração acerca dos conceitos de texto, textualidade e *textão*, mesclando essas noções com o lugar que propomos analisar: o *Facebook*.

2.2 SUJEITO E AUTORIA NO ESPAÇO DIGITAL

Pensemos, por agora, a partir do que foi refletido anteriormente, no processo de leitura inserido nesse espaço que é considerado fluído, instantâneo. Encontramos na rede social *Facebook* muita movimentação, atualizações constantes, espaço em que tudo é veloz, que muda frequentemente. Sabe-se que “o homem sempre procurou entender o mundo: explicar a existência; decifrar enigmas; fazer do desconhecido algo apreensível, passível de dominação” (SCHMITT, 2003, p. 17), e, por certo, torna-se importante trabalharmos aqui as noções de sujeito e autoria, nesse espaço que funciona com a circulação de dizeres.

O *Facebook* trabalha com uma série de dados e mais dados, é a mesma rapidez que traz uma série de informações, cada vez mais vezes, a cada atualização a *timeline* produz novas informações a todo instante, e, a partir disso, se tem uma ideia de completude, de que, ali naquele espaço, tem-se a informação sobre tudo ou todos da rede. Talvez seja esse um dos motivos de, ao “postar” um *textão*, os sujeitos sentirem obrigação em avisar os demais usuários que “Lá vem

²⁰ Cf. em: <http://corpus.ufsm.br/images/Verli_Petri_-_Textos/O-funcionamento-do-movimento-pendular-pr%C3%B3prio-%C3%A0s-an%C3%A1lises-discursivas.pdf>.

textão”. Como se postar um *textão* na sua rede social fosse algo não aceito naquele lugar, naquele espaço que é contínuo. Talvez pelo fato de vivermos em uma constante e por estarmos conectados em redes sociais que possuem esse fluxo, os usuários que postam um *textão* querem justamente “pausar” essa aceleração. Causam uma ruptura no que é fluido, causando certa estranheza em sua circulação rápida, em um lugar onde não há tempo (imaginariamente) para pausas. Dessa forma, surgem alguns questionamentos que nos fazem buscar cada vez mais sobre essa materialidade no *Facebook*, sendo eles: qual é o momento certo (se é que existe) para postar um *textão*? Será que é algo recorrente para alguns usuários?

Anteriormente²¹, mencionamos alguns componentes de produção de leitura que Orlandi (2012) sustenta. Acreditamos ser importante explicitar melhor sobre o sujeito visto como autor e leitor. Orlandi (Ibid.) relaciona as noções de sujeito e autor no subcapítulo *Autor e função enunciativa* (p. 80), no livro **Discurso e Leitura**. Ela menciona que se trata “de considerar o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações” (p. 81), produzindo reflexões acerca do princípio de autoria. A própria unidade do texto é efeito discursivo desse princípio de autoria e essa unidade, feita a partir da heterogeneidade, deriva do princípio de autoria como uma função enunciativa. Têm-se as várias funções enunciativas do sujeito-falante: locutor (se representa como “eu” no discurso), enunciador (a perspectiva que esse “eu” constrói) e autor (a função social que esse “eu” assume). Portanto, existe uma perspectiva do locutor, uma perspectiva do enunciador e existe o que é o autor, aqui trabalharemos com a perspectiva do autor que é quando esse sujeito assume uma função de autor do seu dizer.

Orlandi (2012), tomando por base as reflexões de Pêcheux (1975), menciona que há a ilusão do sujeito e que nessa ilusão trabalha-se com os dois esquecimentos que foram definidos por ele. O primeiro é o de que o discurso não nasce no sujeito, originando a ilusão do sujeito ser fonte de seu discurso; o segundo é o de que, ao longo do seu dizer, se formam famílias parafrásticas (permanência de um mesmo sentido) com aquilo que ele poderia dizer, mas que é excluído para o não dito, originando a ilusão da realidade de seu pensamento. Em ambos os casos se trabalha com a onipotência, primeiro, do sujeito; segundo, do sentido.

²¹ Cf. página 40 deste texto.

Portanto, segundo Orlandi (Ibid.), a formação discursiva (doravante FD)²² é importante, pois permite ao analista “apreciar o modo de inscrição histórica pelo qual uma dispersão de textos pode ser definida como um espaço de regularidades enunciativas”. (p. 145), por isso que, na teoria da AD, o que define o sujeito é o lugar do qual ele fala em relação aos diferentes lugares de formação social, pois a percepção do sujeito é “desorganizada”, ela não se faz de um lugar só. Exemplificando isso, a autora (Ibid.) trata sobre o trabalho do artista plástico David Hockney, reconhecendo então que o olhar do sujeito é móvel, ele atinge os pontos que quer atingir e se desloca por pontos diferentes e em cada sujeito esse olhar é diferente. Assim, podemos pensar que o mesmo ocorre com a linguagem verbal, em que o olhar do leitor atinge diversos “pontos”.

Para compreender é necessário observar as condições de produção, ao realizar esse percurso é possível apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpre sua função social. “O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende”. (ORLANDI, 2012, p. 157). Em razão disso, para compreender é necessário que haja historicidade, como já mencionamos aqui neste texto.

Orlandi (2001) afirma que sujeito é posição entre outras. Que ele se subjetiva na medida em que se projeta de sua situação - lugar - no mundo para sua posição no discurso. “Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia”. (p. 99-100). O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e ele submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. Torna-se sujeito pelo assujeitamento à língua, na história. Um sujeito, assujeitado, só se constitui na e pela ideologia. Não existe sujeito que não esteja inserido em alguma formação discursiva. Há sempre uma identificação.

O sujeito-autor carrega uma responsabilidade que lhe dá a sensação de unicidade e coerência do seu discurso. O *Facebook* é uma rede que se constitui a partir do efeito de completude, pela saturação dos sentidos, pelo excesso de textos e dizeres, e o sujeito-autor, de seu lado, também carrega essa característica de

²² *Formação discursiva* é “aquilo que numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito”. (p. 38). É determinante a posição do sujeito e o momento sócio-histórico em que ele se encontra, pois aí se estabelece o que pode e deve ser dito.

completude, de unicidade. Ambos funcionam com a ilusão de um sujeito que se considera único, que carrega um dizer completo, em um espaço que funciona pelo fluído, por situações e informações que circulam. “Unidade na dispersão”. (DIAS, 2018, p. 164).

As condições de produção compreendem os sujeitos e a situação e podem ser consideradas em um sentido estrito (contexto imediato) e em um sentido amplo (contexto sócio-histórico, ideológico). Nas condições de produção entram a história - a produção de acontecimentos que significam –, a memória, pensada em relação ao discurso. A partir disso, podemos pensar por quais motivos um sujeito realiza determinada ação e não outra como, por exemplo, postar um *textão*. Por que o sujeito X foi afetado por certo sentido e o sujeito Y não? Esse jogo de saberes fica determinado por conta da história, do equívoco, da língua, pelas experiências simbólicas e pelas experiências de mundo dos sujeitos que, obviamente, são distintas.

Retornando o pensamento na questão da escrita, dos leitores e autores, podemos afirmar que as condições de produção funcionam de acordo com a relação de sentido estabelecida – um dizer sempre terá relação com outros dizeres. Então, ao escrever, ao postar, todo sujeito é capaz de colocar-se no lugar do sujeito-leitor para assim antecipar-se ao seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras irão produzir. Esse sujeito escreve de tal forma, e não de outra, segundo o efeito que imagina produzir em seu ouvinte. Um usuário que é professor irá escrever/postar de determinada maneira, assim como um usuário aluno irá escrever/postar de outra maneira, diferentemente do professor. Esse processo é constitutivo. Nesse sentido, trata-se de formações imaginárias, o mecanismo imaginário que produz imagens dos sujeitos dentro de um meio sócio-histórico, sendo essas imagens que constituem as diferentes posições. Os sentidos produzidos em um texto, ou em uma frase, ou em uma palavra apenas, não estão nas palavras em si, escritas, eles estão além das palavras. Essas imagens resultam de projeções e “são essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição”. (ORLANDI, 2015, p. 38).

Portanto, para compreender um processo discursivo de um dizer, é necessário assimilar as condições de produção desse dizer, observar as relações que ele mantém com a sua memória, inserindo-se em uma formação discursiva e,

como já vimos, uma formação discursiva é aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. A compreensão da formação discursiva, segundo Orlandi (2015), decorre de dois pontos: (a) “O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (p. 41) e (b) “é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”. (p. 42). Podemos afirmar então que tudo o que dizemos produz sentido. Em tudo o que é dito há um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. O analista de discurso deve então observar tanto as condições de produção, verificar o funcionamento da memória, da história e “deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito”. (Ibid. p. 43).

Pensando no sujeito, aliás, mantendo a reflexão no sujeito, falamos sobre o conceito de autoria, sendo este considerado uma função do sujeito, pensada como uma função discursiva, ou seja, enquanto autor o sujeito é visto como um produtor de linguagem.

A autoria é a função que está mais afetada às regras das instituições e nela encontramos mais facilmente os procedimentos disciplinares. Essas exigências “procuram tomar o sujeito visível (enquanto autor) com suas intenções, objetivos, direção argumentativa”. (Ibid. p. 74). Esse processo é nomeado como *assunção da autoria*, em que o autor é visto como o sujeito que possui domínio dos mecanismos discursivos, e representa, na/pela linguagem, esse papel na posição em que se constitui, assumindo sua responsabilidade no que diz, como diz e para quem diz.

Faz-se necessário encaminhar nossas reflexões sobre autoria para o discurso digital. Logo, questiono-me: Como a autoria se manifesta/materializa no *Facebook*? O processo de postar um *textão* poderia ser analisado como um processo de resistência do sujeito? É possível, talvez ocasionalmente, que ao postar um *textão* ele demonstre resistência e “o processo de resistência é justamente isso: estabelecer um outro lugar de discurso onde se possa (re) significar o que ficou “fora” do discurso”. (ORLANDI, 1998, p. 16). Nesse momento, o sujeito tenta se organizar na dispersão, tenta ser

unidade na dispersão. Mosaico de sujeitos e subjetividades que se constituem nas mídias digitais. Sentidos roubados que constituem a minha narratividade pela alteridade. Eu e o outro, eu e o Outro. Língua, sujeito e história. A narratividade no *Facebook* é constituída pela dispersão de outros. (DIAS, 2018, p. 164-165).

Nesse sentido, o sujeito publica o seu dizer e o fato de publicar é como se o sujeito fosse fazer parte desse meio, desse lugar. É o momento desse sujeito se inscrever nesse espaço instantâneo. Ele está ali, mas publicar, postar, significa que ele se inscreve, marca a sua presença e isso vai constituindo uma rede de memória, uma memória digital.

O sujeito, ao publicar, mais provoca interesse ao outro do que apenas comunica. “Os espaços da internet são menos espaços de trocas do que espaços nos quais é preciso primeiramente provocar interesse para ser notado. Daí a tendência a tornar as mensagens caricaturais, às vezes extremas, até mesmo provocadoras” (TISSERON, 2013, p. 133), talvez por esse motivo o *textão* traga, inicialmente, um aviso “vai ter textão, sim” para “provocar”.

Pensa-se no fato de que, no *Facebook*, o sujeito (autor/leitor), passou a digitar, e a publicar. Dias (2018) questiona justamente esse processo: “O que é a postagem?”.

Se teclar parece ficar entre a oralidade e a escrita, o postar estaria entre a escrita e o meio. O postar inclui o percurso, o envio, a espera, a chegada, a saber, o meio, é uma forma de escritura que implica o compartilhamento, a viralização, mas também o *textão* ou as *hashtags* ou as imagens, os memes, vídeos, etc. O teclar é *com* alguém, o postar é *para* alguém. São formas distintas de subjetivação pelo digital. (Ibid. p. 158).

Ser autor no *Facebook* é justamente estar ali, é estar visível. Manifestar-se, fazer um comentário, escrever uma publicação, fazer um *check-in*²³, compartilhar postagens/vídeos/áudios. Ações compreendidas como posicionamentos desses sujeitos que se encontram visíveis/presentes nesse espaço digital.

Contudo, ser autor na rede *Facebook* não significa plagiar como inicialmente havíamos refletido. Acreditamos que o plágio deslocou-se para um outro lugar, não que ele não exista, ele existe e funciona, mas não na relação direta com a rede, com o *Facebook*. Portanto, o viralizar no *Facebook* não é da ordem do plagiar, pois, se pensarmos, por exemplo, na postagem de algum sujeito; se essa postagem for

²³ Com a ferramenta *check-in* o sujeito pode marcar o lugar em que está/esteve e publicar. Cf. <<http://www.comofazerfacebook.com.br/check-in/>>.

desativada para compartilhamento e alguém gostaria de compartilhar aquele dizer, o que talvez venha a acontecer é que este sujeito irá copiar, colar e inserir esse dizer em seu perfil. Esse dizer será copiado e colado como se fosse desse sujeito primeiro que postou. Não afirmamos que isso seja um compartilhamento, pois nota-se aí um outro movimento que não é o compartilhar, o que é feito nesse momento talvez seja apenas o “copiar”.

Outra ideia interessante de refletirmos, é que nesse espaço do copiar, as pessoas criaram verbos para esse movimento do “copiar e colar”, como o “roubartilhar” ou o “usarei” no sentido de “peguei”. Ou seja, eu estou “roubando” aquele dizer, eu estou compartilhando. Aqui a questão do plágio funciona não de forma direta, mas indireta, porque aparentemente, na rede Facebook, eu posso me adonar do dizer do outro. Trata-se, talvez, de um outro funcionamento para o plágio, que não vamos aprofundar por não fazer parte do nosso objetivo.

O roubartilhar, por exemplo, ainda não é encontrado em todos os dicionários *on-line*. No Priberam (2008 – 2013, em linha), a palavra não é encontrada, já no dicionário informal²⁴, roubartilhar significa: “tipo de gíria usada geralmente no *Facebook*, que significa compartilhar algum conteúdo de páginas ou usuários citando ou não os créditos”. O que justamente já foi mencionado, o sujeito para compartilhar – roubartilhar – o discurso do outro, não precisa necessariamente dar crédito e isso não se configura como plágio.

Os outros dois verbos “usar” e “pegar”, no dicionário Priberam (*Ibid.*) significam, respectivamente:

1. Pôr em uso, pôr em prática; Costumar, ter por hábito; Empregar, servir-se de.
2. Fazer aderir, colar, unir; Agarrar, segurar; Comunicar por contágio ou contato.

As palavras “empregar” e “servir-se de” funcionam a exemplo do que estamos propondo nesse momento. O ato de servir-se de outro discurso, empregar-se de outro discurso, que não o meu, para publicar na minha página do *Facebook*. Muitas vezes as pessoas avisam nos comentários do próprio post do sujeito, ou não, muitas vezes questionam se podem compartilhar/roubartilhar. “Fazer aderir”, a ideia é essa, a de que essa movimentação de “copiar e colar”, nesse espaço, não é vista como

²⁴ Cf. <<https://www.dicionarioinformal.com.br/roubartilhar/>>.

sendo um plágio, mesmo que não se avise ao outro.

2.3 A POSTAGEM DO SUJEITO NA REDE

A partir dessas reflexões sobre autoria materializada no discurso digital, percebemos que o sujeito, conectado nessa rede *Facebook*, sente a necessidade de posicionar-se. Essa necessidade de postar, posicionar-se frente a determinados assuntos, postar com o objetivo de mostrar ao outro o lugar em que está ou esteve, etc., é algo que nos instiga nessa pesquisa e nos faz refletir, talvez afirmar, que o conceito que envolve nosso estudo é justamente o conceito do interpretar, o *gesto de interpretação*, pois ler, ouvir, postar, compartilhar, comentar, são ações de interação e estas ações permitem que o sujeito interprete.

Ouso afirmar que o posicionamento vem antes mesmo de nascermos. Ao escolherem nossos nomes, nossos pais mantiveram uma posição a algo que nos dá nome, que nos significa, que nos posiciona frente à sociedade. Contudo, além do fato de nos posicionarmos por carregarmos um nome com significância, uma história, mantemos também nossas convicções, nossos ideais, e, a eles, e/ou para eles, demonstramos necessidade em nos posicionar, em mostrar à sociedade nosso posicionamento. Posicionamo-nos no primeiro “não”, no primeiro “sim, concordo”, e nos posicionamos também quando nem sequer falamos, quando calamos. Calar também é tomar uma posição. Somos ensinados a compreender que todos carregam um posicionamento e devemos respeitar essa posição, justamente pelo fato de que a formação de cada indivíduo é única, diferente do outro. Tomo partido de determinada maneira, frente a determinada situação, pela minha formação, pelo que julgo seguir e defender. Portanto compreendemos as noções de posicionamento e posição-sujeito como sendo distintas.

Venho assimilando, durante as pesquisas e estudos da área, que ao escrever um *textão* o sujeito marca um posicionamento a partir de sua posição-sujeito. Portanto, observaremos de que posição esses sujeitos falam, como eles se colocam nesse discurso, pois o posicionamento está atrelado ao que esse sujeito diz nessa posição e nessas condições de produção. Para Pêcheux (2014), o sujeito

[...] é interpelado – constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a “norma” identificadora: “um soldado francês não recua”, significa, portanto, “se você é um verdadeiro soldado francês, o que, de fato, você é,

então você não *pode/deve* recuar”. Desse modo, é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, o *que é e o que dever ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (p. 145-146).

Quanto ao interpretar e ao compreender, Orlandi (2015) menciona que a AD “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido”. (p. 24). Portanto, compreender e interpretar são processos distintos. Não basta, para o analista, apenas interpretar, pois compreender é “ouvir” os outros sentidos que ali se encontram. A partir disso, é necessário cuidarmos o fato de que, no mundo no qual vivemos (repleto de visibilidade), os sujeitos que não possuem rede social parecem estar de fora, parecem excluídos, e, “em nossa sociedade, o invisível tende a significar o insignificante, e, mais, o inexistente”. (AUBERT; HAROCHE, 2013, p. 13).

Contudo, não é de agora que o sujeito “abandona” a presença, pois segundo Lévy (2011), “a imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais”. (p. 20). Quando o sujeito se virtualiza, ou virtualiza o seu dizer, no *Facebook*, por exemplo, ele se torna “não-presente”, “se desterritorializa” (p. 21), ele escapa “a seus lugares comuns ‘realistas’”. (LÉVY, 2011, p. 20-21, grifos do autor). Porém, se seguirmos tal afirmação, entraremos em contradição, pois o que faz parecer que o sujeito se desterritorializa é o próprio funcionamento da ideologia e não o aplicativo em si. Tomemos o exemplo da opção “*Check-in*” da rede *Facebook*²⁵. Será que esse recurso desterritorializa o sujeito? Concordamos que com essa tecnologia o sujeito se sente “livre”, mas é somente no pelo processo ideológico que ocorre a diminuição de fronteiras, de distâncias, etc.

A internet, após o surgimento das redes sociais, tornou-se um espaço em que o sujeito quer se colocar e esse espaço dá uma sensação de liberdade, sensação de que não há lugar para o sujeito se conectar, que independente do lugar em que a

²⁵ São reflexões obtidas a partir de orientações com a professora Larissa Montagner Cervo e em discussões no Grupo de Estudos Língua, Política e História, ministrado pelas Professoras Doutoras Larissa Montagner Cervo e Taís Martins.

pessoa esteja o outro também está. Com a possibilidade de fazer *check-in* as pessoas publicam imagens, textos, vídeos, etc., marcando o lugar onde estão, esse espaço dá a sensação de liberdade, de desterritorialização, mas ao mesmo tempo o sujeito tem a necessidade de se colocar, pois se ele não publicar onde ele está as pessoas não terão a dimensão do local que se quer passar em uma postagem com *check-in*. Os sujeitos, no *Facebook*, ao postarem utilizando essa opção são tomados por um processo de territorialidade, de mostrar o espaço onde se encontram fora do digital, porém, marcado no/pelo digital.

Também nessa reflexão, entra a questão de que, se o sujeito não publicar, não fizer o *check-in*, parece que ele não esteve em lugar algum, voltando à afirmação de que se o sujeito apenas ler e não postar nada, ele é invisível nessa rede social. Então é necessário que ele marque onde ele esteve e poste para que os outros saibam. Nesse processo entra o funcionamento ideológico que faz parecer que o sujeito é livre, que ele não precisa fazer parte o tempo todo, mas aí o sujeito recorre a mecanismos que mostram que ele faz parte, por isso a contradição. Se o sujeito fosse dotado de intenção o tempo todo, ele saberia que no momento que ele faz *check-in* é para marcar onde ele está, ou seja, ele teria essa consciência plena. Porém, o sujeito faz isso de um modo que às vezes é automático. Muitas vezes é intencional, talvez para que alguém muito específico veja, mas o que pensar sobre o *check-in* de toda hora? No mesmo lugar? Às vezes todos os dias da semana? Porque o modo como o sujeito se relaciona com as pessoas ainda é a partir de onde ele está, do que ele está fazendo, com quem ele está, de como ele vive, e o *Facebook* oferece justamente isso.

O sujeito acaba criando maneiras de se territorializar de novo. Esse processo não é algo do consciente, no sentido de que o sujeito está pensando nisso intencionalmente, o tempo todo. O inconsciente é pensar que tem coisas que estão funcionando e que não se tem acesso necessariamente. A ideologia²⁶ é isso, faz parecer que é um sentido, mas se desdobrarmos esse discurso, observaremos que é outro sentido que está funcionando ali. Por isso estar visível virtualmente é algo solicitado a todo instante, inclusive, em entrevistas de emprego tornou-se natural o pedido do endereço de *e-mail* para contato ou um *link* que transfira seus dados de currículo. Hoje é considerada comum a solicitação de algumas empresas sobre sua

²⁶ PÊCHEUX, 2014, p. 146 (sobre ideologia); recorte R4c (p. 114).

rede social. Nesse caso, a solicitação é justamente para verificar o “passo-a-passo” da vida do sujeito. O que faz, o que posta, o que segue, quais são suas visões políticas, etc. Somos conectados, vivemos conectados, na realidade e na virtualidade.

“Me passa o seu número de celular?”, seguido de uma expressão confusa e surpresa logo após afirmar: “Você não possui *WhatsApp*?”. Após passar por essa situação, lembro-me de que não estar inserida nesse aplicativo de mensagens não me tornou em momento algum “invisível”. Contudo, a grande maioria da minha rede de amigos “reais” comunicava-se pelo *WhatsApp*, momento no qual optei por “baixar” o aplicativo a fim de manter contato com a minha rede de amigos, que agora também é virtual. Nesse sentido, cabe lembrar o que Birman (2013) menciona no livro **Tirania da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas** sobre a questão da invisibilidade:

Assim, já não se diz, como fazia Descartes no século XVII, “penso, logo existo”. Essa fórmula parece ter sido substituída pelo “vejo e sou visto, logo existo”. Na verdade, a condição do ver e do ser visto foi transformada em um verdadeiro critério *ontológico* para a existência do sujeito contemporâneo. (p. 48-49).

Essa situação grita aos meus ouvidos e mexe com meus pensamentos para o fato de quão “engolidos” estamos pela tecnologia digital. A importância demasiada que damos ao ultrapassarmos os limites da visibilidade no espaço digital. Quais são os sentidos que os sujeitos encontram ao teclar em uma tela de celular, ao postar no *Facebook* e ao posicionar-se “cara a cara”? É o querer mostrar ao outro que existe uma história de vida nesse perfil, que há memórias, experiências, momentos que compartilho na internet. De certo modo, essas ações demonstram um sujeito que quer marcar sua presença nesse espaço. É uma unidade na dispersão: eu existo, eu estou aqui. Porém, por mais que muitos acreditem que esse mundo virtual/digital/tecnológico está afastando a presença física das pessoas, Lévy traz uma reflexão acerca desse processo do “não-presente”.

Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não pode uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se configuram com um mínimo de inércia. (2011, p. 20-21).

Como mencionamos no primeiro capítulo, a virtualidade não está “acabando” com a realidade. A virtualidade é vista como uma extensão da realidade. Passamos um bom período do dia nos relacionando “ao vivo” e também virtualmente. O modo como damos continuidade a nossa interação apenas foi reinventado e, penso eu, melhorado, pois nada é tão rápido como a comunicação dos dias de hoje com ajuda da tecnologia digital, eletrônica.

O que mais encontramos, na internet, são espaços em que o sujeito se posiciona como, por exemplo, em comentários, nas opções de “expressões”²⁷, deletando alguma marcação em fotos, aceitando ou não uma solicitação de amizade, publicando, compartilhando, até mesmo deletando a conta do *Facebook* ou na escolha em não possuir uma rede social, etc. Tudo isso é possível pela facilidade do acesso e pela rapidez com que esse processo funciona.

O compartilhar, o postar, o comentar (editar ou excluir o comentário), essas ações trazem um jogo de opiniões que é visivelmente explícito nessa rede *Facebook*. Sobre esse processo, Dias (2013, p. 50) menciona que há “relações de poder”, que a tecnologia é tratada “como instância de produção de discursos”, e a maioria dos comentários, nesse espaço, são considerados demonstrativos dessas relações de poder. É afirmar (muitas vezes com veemência) que o meu dizer é o correto e o seu não, ou que a interpretação do outro é equivocada. Quanto a isso, vale mencionar que esse espaço aborda diversos assuntos, dos mais simples aos mais polêmicos. Porém, não é somente na tecnologia digital que encontramos essa gama de opiniões. Para falar, por exemplo, sobre assuntos de cunho religioso/político, basta olharmos para mídia televisiva que Schmitt (2003) menciona (outro lugar que ilustra essa ilusória completude do homem): “Na rede Globo, há quatro telejornais diários: um pela manhã, um após o meio-dia, outro à noite e outro ainda à meia-noite”. (p. 18). Esse seguimento de comunicação a cada entrada, a cada abertura dos telejornais, demonstra repetição dos fatos. É o que menciona Orlandi (2001):

[...] a Tevê trabalha para que a memória não trabalhe. Para que já esteja sempre já lá um “conteúdo” bloqueando o percurso dos sentidos, seu movimento, sua historicidade, seus deslocamentos. Para que, quando titubeamos, à beira do sem-sentido, discursos disponíveis com seus “conteúdos” já lá, nos estejam à mão. (Ibid. p. 181).

²⁷ Cf. página 69 em que falo um pouco mais sobre as expressões que aparecem quando o sujeito vai “curtir” alguma postagem.

Para além da repetição na Televisão, a rede *Facebook* agora permite a viralização, e ela também, em certa medida, se dá pela repetição e pelo excesso, muito embora no *Facebook* existam espaços para que o sujeito possa comentar, posicionar o seu dizer.

Observamos que o nosso objeto de estudo carrega e, ao mesmo tempo, conduz o sujeito a reflexão. Se o sujeito solicita aos outros sujeitos em rede “licença”, para escrever um *textão*, é justamente porque almeja ser ouvido, ser lido. O objetivo do aviso talvez esteja nesse caminho, em solicitar que o outro pare o que já é do automático, da rapidez, e leia o que está sendo postado.

Sabe-se que a maioria utiliza o *Facebook* mais para manter o contato com a sua rede de amigos do que para defender o seu ponto de vista sobre determinados assuntos. A partir disso, as noções que mobilizam o digital serão analisadas e pesquisadas, buscando por base o “mesmo olhar” que Dias (2018) carrega, pois é sobre os elementos que constituem a produção no campo da linguagem e das ciências humanas em geral que ela trabalhará.

Não no sentido de defini-los, mas no sentido de mostrar por meio do funcionamento do discurso de determinados materiais de análise, como o digital tem produzido um desdobramento em noções como memória e autoria, a própria linguagem, mas também sujeito e espaço. (Ibid. p. 21).

Observando o espaço em que trabalhamos, a internet, na AD, é tratada como “instância propulsora de ‘acontecimentos enunciativos/discursivos’, portanto, nesse espaço, o encontro de sentidos heterogêneos tem produzido novas textualidades, novos efeitos de sentido e novas discursividades”. (GALLO, 2011, p. 255, grifos da autora). Os efeitos de sentido frente a essas novas textualidades e novas discursividades demonstram, aos sujeitos que navegam nessa rede, um dizer sem fim, um dizer com múltiplas interpretações carregadas de diferentes formações discursivas.

É interessante pensar que não se trata de focar nas palavras e/ou frases utilizadas em um *textão*, o que importa é o que o texto organiza em sua discursividade; a história significa (constitui-se) na linguagem de sentidos, ou seja, desse encontro há o texto, logo, textualidade que é história, que produz sentidos. (FLORES; CERVO, 2017, p. 09).

Os homens carregam o imaginário de ter acesso a tudo, o chamado efeito de completude, porém, “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente”. (ORLANDI, 2015, p. 50). Há, também, a ilusória necessidade de se estar conectado com todos, em todos os lugares e a todo

instante. O questionamento inicial referente à essa “facilidade” em expor opiniões é: Será que essa ilusão é que faz com que os sujeitos se sintam mais à vontade na internet? Sentir-se mais à vontade no sentido de sentir-se “livre”, para digitar o que quiser, onde quiser, quantas vezes achar necessário, ou simplesmente escrever, arrepender-se e deletar. No mundo acelerado em que vivemos pode ocorrer de, às vezes, não pararmos para refletir sobre o que lemos/compartilhamos. Exatamente, não paramos!

Porém, o hábito de estar sempre *on-line* já virou algo que é recorrente e estar sempre disponível nos dá essa sensação ilusória, de ser um sujeito livre: “Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento”. (ORLANDI, 2015, p. 48). O assujeitamento submete o sujeito e, ao mesmo tempo, o apresenta como livre e responsável. “A liberdade não é sagrada. Ela é histórica. Ela é uma prática. Ela se dá em condições determinadas. [...] Os sujeitos são posições e essas posições não são indiferentes à história”. (ORLANDI, 1998, p. 16).

Por isso, e nas condições de produção que o nosso arquivo apresenta, a palavra Liberdade vem como um efeito, que na rede social o sujeito carrega, pois ele não pede autorização para postar, para publicar. O nosso objeto sim, é justamente aquele que avisa ao outro, e o aviso é a diferença. Basta o sujeito estar no espaço da rede *Facebook* para ter liberdade de postar, “condição do homem ou da nação que goza de liberdade” e isso é o que dá esse efeito de liberdade. Também nisso é acrescido a questão do excesso, “se os outros postam, eu também posto”.

Talvez pelo fato de a liberdade ser um efeito, os sujeitos escrevem, refletem, discutem, sobre os mais variados temas e assuntos nas redes sociais, imaginando se haverá alguém que avalie o que pensam; do mesmo modo que imaginando ser aquela opinião importante e interessante a outros sujeitos. “[...] Espaços nos quais o sujeito pode ‘livremente’ manifestar o seu desejo através da escrita, mas não qualquer escrita, falo da escrita instituída por aquele espaço específico de dizer, por aquele modo de dizer [...]”. (DIAS, 2007, s. p., grifos da autora)²⁸.

Retornando às reflexões acerca do sujeito posicionar-se na internet, é notório que mesmo que saibamos que existem divergências de posicionamento, os sujeitos

²⁸ Cf. <<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>>.

mantêm sua posição digitando, postando, até porque a internet abre espaço para que os sujeitos possam se significar enquanto sujeitos; para que possam interpretar suas postagens e as postagens dos outros do seu ponto de vista; quem escreve *textão* está projetando a leitura por parte do outro. Seguindo o conceito das formações imaginárias, tratamos a esse respeito sobre a capacidade que todo sujeito carrega em experimentar o lugar do seu leitor, é pensando nele, que esse sujeito regula a sua argumentação de tal maneira a ponto de dizer algo de um modo seguindo o efeito que imaginariamente acredita produzir em seu leitor.

É possível pensarmos, a partir do que foi refletido anteriormente, que talvez o *textão* seja utilizado como uma forma de desabafo. O desabafo postado em um *textão* faz sentido ao autor desse texto. Talvez também o faça para alguém que o leia. O dizer significa, tanto para mim quanto para o outro. “Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”. (ORLANDI, 2015, p. 41). Portanto, o desabafo geralmente vem em momentos que o sujeito não aguenta mais a falação repetitiva no *Facebook* e decide então falar, expressar.

É como se o *textão* marcasse um espaço, um lugar diferente. Ele é um posicionamento, é um desabafo, mas aparece marcado como um deslocamento em relação aquilo que já vem sendo feito no *Facebook*, então o sujeito opta por falar, agir de uma outra maneira. Essa ação tem a ver também com as questões da posição-sujeito, é a posição da qual esse sujeito fala. De que lugar esses sujeitos falam sobre determinadas questões e de que lugar outros sujeitos falam sobre a mesma questão.

Por mais que não conheçamos determinada pessoa, muitas vezes nos identificamos com o que lemos, e, assim, compartilhamos das suas visões, do seu ponto de vista. O que faz com que, muitas vezes, haja compartilhamentos nas redes sociais que não são de sua própria autoria, mas aquele desabafo me identifica, me significa também. Nesse processo, o sujeito interpreta. Quanto a isso, Pêcheux (1999) menciona que o momento de interpretar é um ato que surge com uma tomada de posição, concebida como gestos de interpretação, lembrando ainda “que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras”. (ORLANDI, 2015, p. 47). “É a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”. (Ibid.). Para tanto, o próprio ato de analisar requer uma interpretação do analista, de acordo com sua posição sujeito. Devemos atentar que, nas condições de produção que trabalhamos,

[...] todo sujeito é constitutivamente *colocado como* autor de e responsável por seus atos (por suas 'condutas' e por suas 'palavras') em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em 'sujeito-responsável'. (PÊCHEUX, 1995, p. 214, grifos do autor).

Assim sendo, o processo de intervir no dizer do outro, no *Facebook*, ou o processo de intervir como uma pausa nesse espaço que é corriqueiro requer do sujeito uma tomada de posição, tomar partido, tomar posição.

[...] a tomada de posição resulta de um retorno do 'Sujeito' no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele 'toma consciência' e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus 'semelhantes' e com o 'Sujeito'. (Ibid. p. 172, grifos do autor).

Quanto a esse dizer/posicionar nos meios digitais, Dias (2018), em seu livro **Análise de Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**, trabalha sobre o processo de individuação pelo discurso digital, e, para tanto, a autora menciona que “é preciso compreender a exterioridade constitutiva do discurso digital, as relações e os meios de produção capitalista, os processos da constituição de sentidos e suas condições de produção, mas também a formulação e a circulação desse discurso”. (DIAS, 2018, p. 27).

Tomando por base essa reflexão, podemos levar em conta a questão da formulação e da circulação dos discursos em rede. Observar o posicionamento do sujeito em rede como uma formulação de um argumento, pois na argumentação o sujeito precisa expor seu ponto de vista. O nosso olhar nesse ponto é compreender como é que, para se posicionar, o sujeito formula determinados argumentos para sustentar seu posicionamento e não outros posicionamentos.

Para Orlandi (2001), há

[...] três coisas que presidem a argumentação em termos de discurso: relação de forças (lugares “sociais” e posição relativa no discurso), relação de sentido (o “coro de vozes” em um dizer; a relação que existe entre os vários discursos) e a antecipação (que examinamos mais detidamente neste trabalho). Esses fatores derivam das condições de produção do discurso, constituindo formações imaginárias. (ORLANDI, 2001, p. 128).

A argumentação é uma forma de renovar: “‘renova’ argumentos para reforçar

a mesma configuração ideológica” (Ibid.) e o que conta “não é a imagem do outro – psicologizante – mas *a do lugar do outro no discurso* (ideológica). Para Orlandi (Ibid.) a argumentação “resulta numa diferença do funcionamento discursivo, como dissemos, e essa diferença, mostra o jogo da interação, de interlocução, no *texto*”.

Novamente pensando no processo do desabafar, nos vem à baila a questão de um lugar de tensão, entre o público e o privado. O desabafo está aí, nesse sentido, de o sujeito extrapolar um lugar para trazer uma coisa que ainda imaginamos ser da ordem do privado, mas que na verdade é algo ilusório. Há diferença na materialidade dessa realidade social na qual vivemos para a realidade digital.

O que se pensa, na verdade, é com quem normalmente o sujeito desabafa? Com o melhor amigo, com alguém que é mais próximo. Torna-se um processo de desabafar porque é preciso falar, é preciso dizer, e, nesse momento, é necessário mencionar que o *Facebook* entra como um outro lugar de subjetivação, pois nesse espaço o sujeito pode ter mais de mil amigos e mesmo assim posta/compartilha/curte. Portanto, o sujeito é atravessado pela linguagem, pelos meios, pela história: “Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico [...] ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos”. (ORLANDI, 2015, p. 46).

Pensar que essas reflexões nos provocam outras questões, como os efeitos que essa sociedade digital traz aos sujeitos hoje – nos traz à tona os conceitos de público e privado. Até que ponto o que eu publico é dito como privado ou público? “[P]ercebe-se com essas novas redes que o perigo da internet não é somente o controle de cada um por um poder centralizado, mas também o controle de cada cidadão por sociedades privadas (...)” (TISSERON, 2013, p. 136) no sentido de controle e de privação, pois

nada nunca se apaga, e tudo se propaga muito rapidamente, à revelia dos próprios usuários! Não apenas os usuários não têm nenhuma possibilidade de retirar informações que lhes dizem respeito, e que eles já não querem ver *on-line*, mas essas podem se espalhar muito rápido. (Ibid).

Porém, o espaço público está presente nesse lugar da rede, “o espaço público é também um espaço de troca de subjetividades, de sensibilidades e de realizações

peçoais. E seria muito redutor qualificar sistematicamente de exibição o fato de tornar públicos seus sentimentos, emoções, intuições, medos ou pasmos” (JAURÉGUIBERRY, 2013, p. 151), e é o que encontramos no *facebook*, um lugar de troca, de debates, de interação. Por isso pensamos na questão do desabafar, pois há uma troca entre os sujeitos e muitas vezes esse desabafo traz respostas de outros sujeitos, traz a interação instantânea que a internet possibilita.

Para compreender melhor o processo do desabafo, buscou-se algumas definições na internet e no dicionário Priberam.

de-sa-ba-fo: ato ou efeito de desabafar. Expansão. Desafogo; desforço.

de-sa-ba-far: destapar; desagastar-se. Dizer o que sente, desafogar. Respirar livremente, expandir-se.

A partir disso, o que chamou a atenção e que de certa forma encaixa com as reflexões propostas aqui, foram as palavras desopressão²⁹, expansão³⁰ e sobre o ato de desabafar: desafogar.

Refletindo acerca desses significados, o desabafo se apresenta como uma desopressão, o que talvez queira dizer que o sujeito que posta está oprimido? Por quê e por quem? Pensando que esse espaço trabalha com uma suposta liberdade, como esse sujeito está oprimido ao ponto de exercer um ato de alívio, de libertação? É muito importante debruçar-nos sobre a palavra expansão. Expandir, observando o espaço no qual estamos trabalhando, talvez venha no sentido de que o sujeito está expandindo o seu dizer, está libertando o seu discurso, está tornando o seu dizer amplo. O ato do sujeito expandir o seu discurso tem muito a ver com essa questão do resistir, como um anseio em não se calar, em precisar dizer, o que nos leva a refletir sobre a palavra desafogar. De que forma o sujeito desafoga as suas angústias, as coisas que lhe prendem? Desafogar é livrar-se daquilo que nos afoga, que nos sufoca; desafogar é tirar o excesso do silêncio, é livrar-se do peso que carregamos, é lavar a alma desabafando.

Em muitos dos *textões* que selecionamos durante a pesquisa podemos observar que o desabafo vem, muitas vezes, no próprio aviso inicial do *textão*, como na imagem que segue (Imagem 4):

²⁹ Primeiro significado ao pesquisar a palavra no *Google*, sem *site*.

³⁰ **Desabafo** (PRIBERAM, 2008 - 2013, em linha). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/desabafo>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

Imagem 4 – Desabafo

Eu gostaria de compartilhar uma coisa boa, mas hoje vou usar este espaço para um **DESABAFO** (sim, é textão!)

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Dessa maneira, talvez possamos levar em consideração que, assim como há textões com outros intuitos, esse tipo, essa forma de *textão*, carrega sentidos de sujeitos que precisavam de visibilidade, “desejar ser visto, como o fato de ser ouvido, é desejar ser reconhecido, considerado”. (ZAWADZKI, 2013, p. 303).

CAPÍTULO 3 – DO PAPEL À TELA

Pensar o texto em seu funcionamento é pensá-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade. (ORLANDI; LAGAZZI- RODRIGUES, 2015, p. 19).

3.1 O SUJEITO NAS/DAS REDES

O trabalho da escrita de uma dissertação é visto como um processo, é um movimento de vai e vem, um “movimento pendular” (PETRI, 2013), que vai da teoria para a análise e da análise para a teoria. Penso que o meu “empurrão” inicial (Ibid. p. 42), em que se deu o início da “oscilação do pêndulo”, aconteceu com a teoria. Por esse motivo retorno ao meu processo de formação: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2015, p. 41). Falo no sentido de ter “migrado” de uma área com conceitos bastante diferentes - Linguística Sistêmico-Funcional - para a área da Análise de Discurso.

Por muito tempo fui rodeada - e ainda sou - por livros, por histórias, por contos proferidos pelos “mais velhos” da família. Momentos estes, apaixonantes, que me fizeram admirar ainda mais o que o texto significa. O que ele significou na minha infância/adolescência foi tão verdadeiro que hoje me encontro rodeada de letras, de palavras, de significações. Rodeada de significâncias que me retornam como memórias.

Fico pasma em compreender que tudo isso se encaixa, em algum momento, assim como Pêcheux (2014 [1983]) menciona que o sujeito não se livra daquilo que o constitui.

[...] A insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ sequência, *estruturar* esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o ‘ego-eu’ se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa). (p. 313, grifos do autor).

Ouso dizer que o que me constituía anteriormente se dá de maneira diferente hoje, aluna de mestrado, no sentido de olhar para trás e observar a diferença entre

conceitos que permeiam o sujeito e que envolvem o conceito de texto. ‘Escapavam’-me questões outras, que não são trabalhadas na AD, impensadamente.

Menciono tudo isso para adentrar na questão que este capítulo objetiva tratar. Pretendo trazer aqui alguns conceitos que nos levem a refletir sobre o sujeito em rede e sobre o conceito de texto e, a partir disso, o que venho a compreender como *textão*. Como relatei anteriormente, trata-se de um processo, ao longo deste capítulo vamos desmembrar passo a passo esse conceito a fim de que tenhamos claras as suas características e para que possamos analisar o nosso *corpus* da melhor forma.

No primeiro capítulo, tento rememorar momentos da minha história e, a partir deles, explico os motivos pelos quais me interesse pelo digital, mais especificamente na rede *Facebook*, envolvendo o sujeito, a história e o texto. A partir disso, julgo ser importante levar em conta os conceitos que trabalham conjuntamente o processo de formação do eu sujeito.

Pêcheux (2014 [1969]) entende (inicialmente em seus estudos) o conceito de sujeito como “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (p. 81), mas, ao longo dessas formulações, na obra **Semântica e Discurso** (1975)³¹, ele acrescenta, nas formulações sobre o conceito de sujeito, os conceitos *inconsciente e ideologia*. Aqui, o autor compreende a subjetividade do sujeito, porém não uma subjetividade centrada no sujeito. Ele define que o sujeito não está na origem do que diz, por isso é duplamente afetado, pela ideologia (social) e pelo inconsciente (pessoal). É a partir do laço desses dois conceitos que o sujeito se constitui.

Na verdade, o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que ‘o não-sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. Ora, o paradoxo é, precisamente, que a interpretação tem, por assim dizer, um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja ‘sempre-já-sujeito’. (PÊCHEUX, 1995, p. 154, grifos do autor).

A partir disso, são formulados outros dois conceitos que consideramos importante mencionar: forma-sujeito e posição-sujeito. (PÊCHEUX, 2014 [1988]). A diferença entre esses dois conceitos é que a forma-sujeito é como nós nos constituímos sócio-historicamente e a posição-sujeito é, por exemplo, quando o

³¹ Originalmente escrito em 1975 com o título **Les Vérités de La Palice**.

mesmo sujeito está na posição de professor, na posição de filho, na posição de namorado. Essa é a fragmentação do sujeito. Ele se fragmenta em várias posições conforme os lugares que ele assume e em todas essas posições a forma sujeito é a mesma para todos. Na posição de professor existem coisas que eu posso e devo dizer, na posição de filho existem coisas que eu posso e devo dizer, etc. São tomadas de posição.

É justamente o sujeito intercambiável que Orlandi (2015) menciona. Talvez por esse motivo, o espaço que observamos carregue interpretações que não necessariamente vão para um mesmo caminho, pois são leituras diferentes dos mesmos textos; gestos de interpretações diferentes em relação as mesmas materialidades, por haver posições-sujeitos distintas, que vão significar diferentemente. É a posição-sujeito que determina o que o sujeito diz: “Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras” (Ibid. p. 47), por isso ela menciona que os sujeitos são intercambiáveis, o que lhes dá identidade relativa a outras. Portanto,

[...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas [...]. (PÉCHEUX, 1995. p. 160).

Observando o nosso objeto, podemos refletir acerca da posição-sujeito dos sujeitos que publicam um *textão*. Fala-se de X maneira e não de Y de acordo com a posição-sujeito. Um adolescente poderá abordar seu dizer de maneira diferente de um advogado ou de um médico. Talvez os motivos que levam esse sujeito a escrever um *textão* também seja diferente.

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2015, p. 46).

Com base nisso, pensemos nos diversos textos que surgem a todo instante na *timeline* do *Facebook* e os diversos temas e assuntos que são abordados, pois existem muitas pessoas conectadas nessa rede. Assim sendo, podemos retomar uma questão importante que se refere ao processo do sujeito

diante dos aplicativos digitais que surgiram. Atrelada a essa questão, Dias (2018) vai focar na questão do apagamento do sujeito durante o processo de produção da tecnologia e menciona que esse processo se dá “como se a tecnologia se produzisse por si só, como se fosse uma entidade autônoma e sobredeterminasse o próprio sujeito” (p. 43-44) trazendo à reflexão de que essa situação parece estar sendo invertida, pois a tecnologia é um produto histórico e não a história é um produto da tecnologia. Por isso, a autora pensa a respeito da relação homem-máquina, que seria “uma relação que já faz parte da própria constituição dos sujeitos. Quando um indivíduo nasce, ele já nasce afetado pela relação com a máquina”. (Ibid. p. 49). É a essa questão que queremos chegar, uma vez que o modo de constituição da forma-sujeito modifica-se, pois a “tecnologia tem efeitos no processo de interpelação em sujeito do indivíduo bio- psico, intervindo no funcionamento espontâneo da forma sujeito histórica [...]”. (p. 49).

O conceito que iremos seguir faz parte dos pressupostos da AD. Portanto, não nos basta seguir os conceitos da gramática, por exemplo, em que a correção é vista como norma, “resultando daí que a correção depende de regras e não das circunstâncias ou da pessoa”. (ORLANDI, 2001, p. 76). Tomamos o conceito de texto em relação ao discurso e, a partir disso, pensando nessa relação “homem-máquina”, daremos enfoque a esses conceitos funcionando nesse espaço digital.

3.2 O CONCEITO DE TEXTO: REFLEXÕES

Como afirmei nas considerações iniciais deste texto³², a maneira como eu considerava texto não estava equivocada, na verdade, acredito que todos, inicialmente, compreendem texto como sendo algo naturalizado. “Todos sabem o que é texto: sabemos, desde sempre, que texto é verbal, que deve apresentar-se de forma escrita, que esta forma deve apresentar clareza, e precisa ter começo, meio e fim”. (INDURSKY, 2015, p. 37). Segundo Lagazzi-Rodrigues (2015), por esse conceito parecer tão familiar fica mais difícil encontrar uma definição.

“O que é um texto?” (Ibid. p. 91). A partir dessa pergunta, Lagazzi-Rodrigues (Ibid.) menciona que esse conceito tem várias perspectivas de acordo com as diferentes teorias, assim como menciona Indursky (2015): “O sentido de *texto* muda

³² Cf. páginas 11, 12 e 13.

de acordo com o aparato teórico de que nos cercamos para concebê-lo [...] também não é idêntico o trabalho que sobre ele pode ser realizado” (p. 39, grifo da autora). Portanto, vamos percorrer as significações sobre esse conceito pelos caminhos que a Análise de Discurso busca compreender.

Pêcheux (2014 [1969]) compreende texto por “uma sequência linguística fechada sobre si mesma” (p. 78), por esse motivo, menciona que, ao trabalhar com um discurso, é impossível analisá-lo como sendo um texto. “É necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (p. 78), a partir das condições de produção em que o discurso é pronunciado, as quais incluem os sujeitos e a situação³³.

A partir disso, Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2015), também trabalhando com esses conceitos, definem que veem o texto discursivamente, “enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade”. (p. 19). Para compreender o texto (os *textões* que selecionamos na rede *Facebook*), deve-se observar, perceber como ele se constitui em discurso, pois “é pensando a relação do texto com sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto mas seu funcionamento”. (Ibid. p. 25).

O texto carrega uma historicidade, ele parte de um processo que é sócio-histórico. Cada texto carrega certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado. Ele é heterogêneo e se apresenta como uma unidade, dada sua relação com o discurso e a sua inscrição em uma formação discursiva que se relaciona com outras formações discursivas. Pode-se compreender então a multiplicidade de instâncias que caracterizam o discurso. Sem esquecer que, nesse funcionamento do discurso, repousa a chamada formação imaginária, que funciona no momento em que o sujeito projeta como o seu leitor interpretará o seu discurso, no momento em que ele escreve X e não Y, ele “antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem”. (ORLANDI, 2015, p. 37).

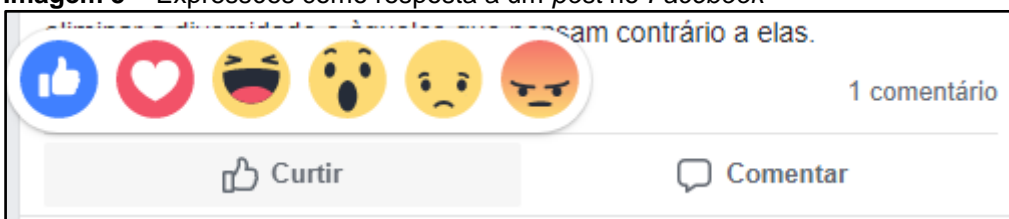
Essas questões nos auxiliam nas reflexões sobre a noção de texto no digital. O *textão* é produzido nas condições de produção do *Facebook*, pois se analisarmos em outros espaços, por exemplo, em um *blog*, não encontraremos *textão*. O que há em *blogs*, em *sites*, são textos. Não os considero *textões*, primeiro, porque tais

³³ A situação no sentido estrito “compreende as circunstâncias da enunciação” e no sentido lato “compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo”. (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2015, p. 17).

textos não são associados à designação *textão*;segundo, porque as condições de produção desses textos que são publicados fora do Facebook não pressupõem a interpelação do outro, por meio do aviso, desse chamamento para parar e ler. Portanto, o funcionamento do *textão* se dá nas condições de produção do *Facebook*.

Refletindo sobre esse funcionamento, parece-nos que nesse espaço digital não há lugar para um *textão*, como se o *Facebook* não fosse o lugar do *textão*. Parece-nos então que em algum momento isso é criado, estabelecido por algum sujeito que deu início a essa “febre” do *textão*. Porém fica a dúvida: quando o *textão* começa, aonde é que esse lugar inicia? Há um princípio e esse espaço é lugar de atualização, então o próprio *Facebook* vai se reinventando, se ‘moldando’ à maneira que seus usuários o utilizam. A exemplo disso temos as opções de “curtir”. Não tinha, no início dessa rede, as expressões como “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”, conforme imagem que segue (Imagem 5). Muitas vezes os sujeitos não interagem com comentários, compartilhamentos, apenas com expressões.

Imagem 5 – Expressões como resposta a um *post* no *Facebook*



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Isso é o reinventar e acreditamos que o *textão* também, ele casa como uma demanda do *Facebook*, é uma demanda dos usuários dessa rede e a rede acaba por naturalizar esses processos, essas mudanças que muitas vezes são os próprios usuários que alteram. Se há sujeitos que querem escrever mais, o *Facebook* “acolhe” esses usuários e insere um lugar a essa reinvenção, como por exemplo com o “ver mais”. Então que textos são esses que estão funcionando nessa rede? É uma outra materialidade, é um outro espaço. Os textos no *Facebook* vem e vão, eles encolhem, eles espicham.

A partir disso, pensemos nos textos que encontramos nessa rede, que são múltiplos e que surgem a todo instante. Objetivamos focar naqueles que são considerados textos longos e que carregam características próprias dessa materialidade que é vista como um meio de o sujeito expressar, em forma de

manifestação, o seu dizer. Na análise, realizaremos recortes a fim de que essas características possam ser observadas.

3.3 DO TEXTO AO *TEXTÃO*: O OBJETO EM REDE

Como mencionado anteriormente, o nosso objeto chamou-nos a atenção pelo fato de mostrar-se recorrente na rede *Facebook*. Por ser uma rede visitada com grande frequência, notamos que o encontro com textos que se autodenominavam *textão* estava se tornando constante. Foi relatado também (nas considerações iniciais deste texto³⁴), que desde a graduação eu sentia certa curiosidade em trabalhar com questões voltadas à internet e, compreendendo melhor os conceitos da linha da AD, esse interesse ficou mais forte. Explicarei o motivo.

Normalmente encontramos textos em qualquer lugar. Se seguirmos as reflexões acerca de texto, mencionadas anteriormente, lembraremos que para a AD o conceito de texto é visto funcionando como unidade de análise “que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação”. (ORLANDI, 2015, p. 67). Anteriormente, eu pensava que só poderia considerar um texto se nele houvesse uma história sendo narrada, explicada ou inventada, com introdução, desenvolvimento e conclusão. Essas eram, para mim, as regularidades básicas de um texto, algo próximo à redação obrigatória de vestibulares e concursos. Contudo, sempre me senti indagada, pois como considerar frases, imagens ou até mesmo monossílabas como sendo um texto? Para mim, tais frases, imagens e monossílabas faziam sentido, provocavam em mim significância da mesma forma que cor azul ou rosa em um berço também já significa, sem que seja necessário mencionar “ele” ou “ela”.

Dessa maneira, o texto não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas, etc. Uma letra “O”, escrita em uma porta, ao lado de outra com a letra “A”, indicando-nos os banheiros masculino e feminino, é um texto pois é uma unidade de sentido daquela situação. E isso refere, em nossa memória, o fato de que em nossa sociedade, em nossa história, a distinção masculino/feminino é significativa e é praticada socialmente até para distinguir lugares próprios (e impróprios...). Por isso esse “O” tem seu sentido: tem sua historicidade, resulta em um trabalho de interpretação. (Ibid. p. 67, grifos da autora).

³⁴ Cf. páginas 11, 12 e 13.

Ao me aproximar mais da AD e ao pesquisar e compreender melhor o conceito de texto, pude afirmar, aliás, confirmar, que tudo carrega uma significância e que tudo pode ser considerado texto. Inclusive, os textos na internet.

Segundo Dias (2009), existem gestos que fazem parte desse espaço digital (falar, escrever, digitar, teclar), e “cada um desses gestos está significado por uma tecnologia de linguagem específica e como cada um produz distintas relações de memória”. (DIAS, 2018, p. 157). Mesmo que esses gestos do digital carreguem gestos diferentes, eles produzem sentidos e produzem diferentes conhecimentos. “Em cada uma dessas relações muda a relação do sujeito com a linguagem”. (Ibid. p. 158). Mesmo que sejam gestos diferentes na produção desses textos, qualquer texto, seja ele físico ou *on-line*, carrega-se de significações. A partir dessa reflexão, observemos o nosso objeto de análise.

Ao surgir, o *textão* pode ser visto, tanto por quem o escreve quanto por quem o lê, como algo polêmico, porque o *Facebook* se constitui dentro de um ambiente digital, e nesse espaço digital, nesse espaço das redes, a interação funciona a partir da *timeline*, espaço em que as informações passam corriqueiramente, pois a velocidade faz com que muitas vezes o que é lido não seja apreendido, significado. Quanto a isso nos surgiu a dúvida: será que existe um limite nas publicações do *Facebook*? Em nossa pesquisa, encontramos que antigamente o *Facebook* já limitou os caracteres em publicações³⁵. O sujeito poderia escrever até 420 (quatrocentos e vinte) caracteres, mas nos dias de hoje o limite já ultrapassou a marca de 60.000 (sessenta mil) caracteres, mais especificamente 63.206 (sessenta e três mil duzentos e seis) caracteres. Contudo, na *timeline* são 400 (quatrocentos) caracteres (sem espaço) visíveis, se o sujeito ultrapassar esse número haverá uma opção “Ver mais” ao final de seu texto. Assim, clicando nessa opção, a página é transferida para outra guia em que o texto poderá ser visualizado por completo³⁶.

Talvez cause estranhamento, pois os sujeitos estão acostumados com publicações que são breves, são imagens, são compartilhamentos de vídeos ou de publicações do outro e, de repente, alguém utiliza a opção de escrever mais. Pensando no *textão*, o sujeito avisa aos outros que fará isso. Talvez seja nesse momento que o sujeito “para” esse processo que é corriqueiro, mas por qual motivo

³⁵ Cf. <<https://tecnoblog.net/83950/facebook-atualizacoes-63206/>>.

³⁶ Cf. Imagem 6, página 73 – texto com opção “Ver mais” – e Imagem 1, página 27 – texto visualizado por completo.

esse sujeito precisa avisar? Acreditamos que nessa rede existe entre os sujeitos um acordo tácito. Não como um acordo firmado, mas como um modo de coexistir nesse espaço orientado pelas condições de produção do discurso digital, da rede social. A partir desse “acordo”, os sujeitos têm uma ideia de que as publicações serão sempre curtas, para que a aceleração desse espaço se mantenha.

Acreditamos que aí entra a ideia da ilusão de liberdade que o sujeito carrega. Por qual motivo avisar antes de postar? Será que simplesmente não é para chamar a atenção do outro para si e para o que será dito? “Teríamos aí o desaparecimento do sujeito de direito e o surgimento de um sujeito de dados, submisso não ao Estado mas à tecnologia?” (DIAS, 2018, p. 115)³⁷, pois pensamos que o *textão* pode ser visto como uma forma do sujeito manifestar-se nesse espaço, de ele não ser submisso às ilusórias normas. Tomamos a palavra norma pensando no sentido do que refletimos sobre o acordo tácito. São acordos imaginários, é uma maneira de coexistir em um espaço que é da imagem, dos vídeos, dos compartilhamentos, das publicações, que são breves, curtas e rápidas.

A norma vem no sentido do sujeito parar e quebrar algo que é constante e dizer “olha, eu vou fugir a regra e não vou fazer o que se deve fazer aqui, que é dizer em poucas palavras o que eu quero dizer”. Portanto, existe algo que está anunciado. Existe uma contradição de querer escrever o *textão* para chamar a atenção do outro, isso para não seguir a normatividade e não somente porque os usuários ou o *Facebook* não permitem, porque a própria normatividade do número de caracteres do *Facebook* limitava essas publicações.

É um número grande de palavras, mas o espaço limita; e a palavra limite vem no sentido de que o sujeito não pode escrever, por exemplo, cinco páginas nesse espaço. Portanto, há algo que funciona normativamente no Facebook, há algo que normatiza de alguma forma o *textão*. Também podemos dizer que é um número grande de informações, de postagens e essas publicações são atualizadas muito rapidamente, o que nos levou a refletir de que o limite está somente no uso de caracteres, pois nesse espaço os sujeitos podem postar/publicar quantas vezes quiserem.

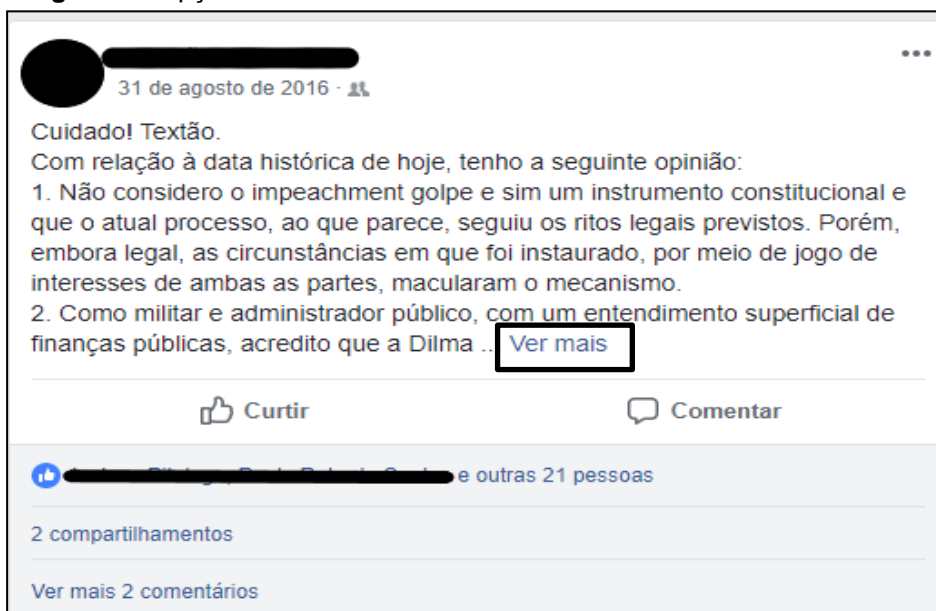
A partir da ideia desse espaço ser um lugar de constante atualização, surgiu-me um receio em “perder” os textos que estávamos selecionando para este estudo,

³⁷ Outra possibilidade ao sujeito: “que ele deixe de ser pessoa (sujeito de direito) e se converta em holograma (sujeito de dados)”. Cf.: DIAS, 2018, p. 115.

pois, com o tempo de observação, notamos que a frequência de publicação de *textões* diminuiu e também começou a surgir de outras formas³⁸. Acreditamos que isso tenha ocorrido devido ao fato de que os *textões* foram sendo naturalizados, ao ponto de que no ano em que estamos (2018), são poucos os *textões* que trazem o aviso inicial. Uma observação primeira é que o *textão* vem com um aviso, ele rompe com a continuidade.

Existem textos longos, porém, sem avisos. Ser um texto longo é uma das principais características do *textão*, e, talvez, o aviso inicial “Lá vem *textão*” tenha diminuído também pelo fato de não ser bem recebido nesse espaço da rapidez, da fluidez. Não sabemos ao certo em que momento o *Facebook* limitou os caracteres na *timeline*, mas a partir do momento que o sujeito ultrapassa os caracteres permitidos, e as opções “Ver mais” e “Continuar lendo” surgem, a fluidez e a rapidez se mantêm, conforme imagens a seguir (Imagem 6 e Imagem 7). O sujeito só lê o *textão* por completo se quiser, clicando na opção, e, do contrário, o texto já é “simplificado” automaticamente pelo *Facebook*. Por esse motivo, talvez, o *textão*, com avisos, tenha se naturalizado.

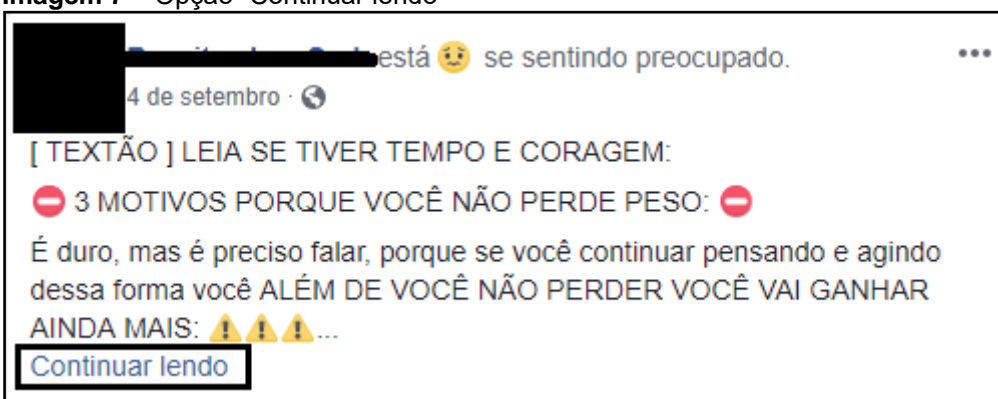
Imagem 6 – Opção “Ver mais”



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <http://www.facebook.com>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

³⁸ Cf. Quadro comparativo (p. 74).

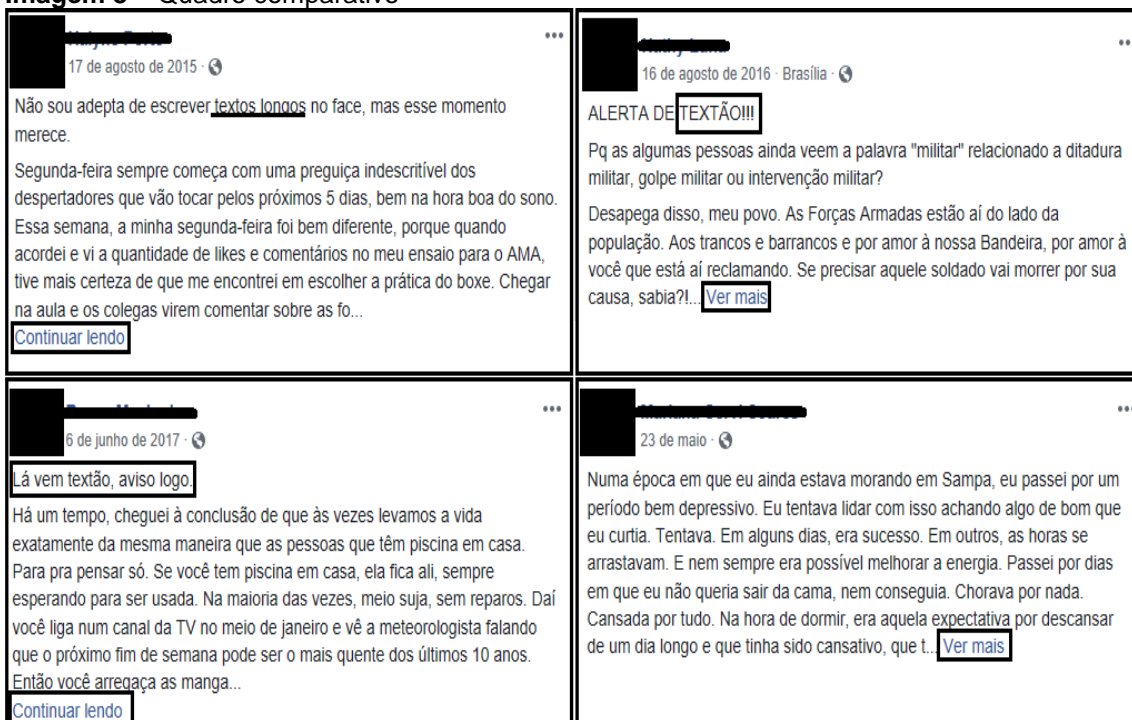
Imagem 7 – Opção “Continuar lendo”



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <http://www.facebook.com>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Por esse “desaparecimento”, tanto dos avisos quanto dos próprios *textões*, optamos por “salvá-los”. O nosso arquivo digital, trabalhado nos primeiros capítulos, nos obriga a fazer esses mecanismos, pois se não agirmos dessa maneira, não encontramos mais os textos que gostaríamos de trabalhar, justamente porque a *timeline* “corre”. Os sujeitos estão ali o tempo inteiro e essa ‘linha do tempo’ atualiza-se a todo instante.

Imagem 8 – Quadro comparativo



FONTES: Nossas, a partir de recorte de exemplos de *textões*. (Grifos nossos).

O *Facebook* trabalha com um dispositivo que orienta o sujeito caso ele queira encontrar alguma postagem com mais facilidade. Clicando em “Salvos”, o *Facebook* transfere sua página diretamente a todos os arquivos selecionados “salvar” (*links*, vídeos, produtos, fotos, locais e itens arquivados). Dessa maneira, o sujeito consegue encontrar de forma rápida o que procura, porém, esse dispositivo ajuda somente se o sujeito estiver presente na rede social para poder salvar o que achar interessante ou caso queira ler/ouvir/ver em outro momento. Se o sujeito não estiver *on-line*, não será possível visualizar as postagens, muito menos ter a opção “salvar” disponível naquele momento, a não ser que ela fique visível ao sujeito mesmo depois do momento exato da postagem. Foi dessa maneira que conseguimos “salvar” o nosso *corpus* de análise, optamos também por “printar” a página em que os *textões* estavam. “Tirar um *print*” é quando se pretende salvar a página que está aberta no computador ou no celular. A maneira mais conhecida, no computador, é clicando no botão do teclado “*PrtScr*” ou “*Print Screen*”, a fim de que a tela que está aberta seja “capturada”. Dessa forma, optamos por “salvar” dos dois modos, para que o *textão* não fosse perdido. Contudo, como a internet é “passível de atualização”, se optássemos apenas pela primeira opção, salvar apenas no *Facebook*, poderíamos clicar para retornar à página salva e esta não ser mais encontrada. Por ser um arquivo digital, é possível que esse arquivo seja deletado e/ou substituído da conta do sujeito que escreveu o *textão* e, nesse caso, o *textão* poderia ser “apagado” do nosso arquivo “salvos”.

A partir disso, entramos em outra discussão questionando: até que ponto podemos deletar/apagar um arquivo digital? Pois, como mencionado anteriormente, a segunda opção nos dá acesso ao *textão* sempre quando necessário, pelo simples fato de termos salvado a página. Onde está o limite do apagamento nessa condição de produção? A internet nos dá “livre” acesso a tudo e a todos?

[...] Como podemos compreender, hoje, o postulado *clico, logo sei/sou* veiculado pela internet e que domina as formas de pensamento do sujeito contemporâneo? Nesse ínterim, que relações de poder noções como as de instantaneidade (do clique) propõem ao sujeito contemporâneo que, ao clicar do mouse, tem acesso a uma gama de informações? E que relações com o saber isso implica? (DIAS, 2009, p. 12).

A questão da dimensão, da heterogeneidade do arquivo é algo que devemos levar em conta. Notamos que os sujeitos que escrevem um *textão* estão inseridos

em uma ordem do discurso contemporâneo, que, nas visões de Dias (2015), tem como matéria-prima o falar de si e o próprio objeto *textão* é também um falar de si, é utilizar de posicionamentos para marcar sua posição.

Opinar, julgar, avaliar, indagar, nada mais é, para mim, do que uma forma de expressar, de desabafar. Pode ser essa forma, mas também pode ser um processo de resistência, pois a resistência só vai fazer sentido quando o sujeito quer se colocar em um outro lugar. Esses processos trazem questões já trabalhadas nos capítulos anteriores e também diversas formas que funcionam ao redor desse “dizer contemporâneo”, desse efeito de liberdade que o nosso arquivo carrega, de que, com as condições de produção do *Facebook*, o sujeito posta, interpreta.

O digital, o uso da internet, dos aplicativos e dispositivos móveis criam outras possibilidades para o sujeito, outras formas de guerra, mas também de resistência, outras formas de controle por filtros algorítmicos, mas também de denúncia. Outras formas de visibilidade, mas também de invisibilidades ou des-visibilidades. De luminosidades que projetam mundos em imagens tridimensionais na luta pela liberdade. (DIAS, 2018, p. 118).

Pensar a resistência é muito interessante e talvez tenha relação com aquele sentido da palavra desopressão. O sujeito que posta o seu discurso está oprimido por alguma coisa ou por alguém e também pode estar oprimido pelo excesso do mesmo dessa rede, pois o *textão* ele é contraditoriamente um lugar de pausa, de “vamos parar com isso e vamos falar sério agora”. Ele carrega esse lugar do resistir porque do contrário o sujeito apenas segue, é levado junto com a atualização das informações dessa rede, ela carrega os sujeitos nesse fluxo constante.

Nesse espaço encontra-se a subjetividade dos sujeitos, na escrita, no dizer, ali eles trazem na bagagem formações discursivas divergentes, que encontramos em jogo as redes de memória, os momentos históricos internos que precisam ser expostos, precisam tornar-se grafia. Talvez por esse motivo o dizer, o escrever, o teclar, o digitar, na rede *Facebook*, funcione por esses meios, transformando os processos do dizer em rede. Esse processo funciona como se houvesse uma interpelação para o sujeito de tal forma que ele não pode dizer em poucas palavras. Ele não aceita dizer nos “limites” de caracteres do *Facebook*, é necessário que haja mais espaço para esse desabafo, mais espaço para formular seus argumentos. O funcionamento do *textão* é da ordem do mais lento, é uma questão que não se diz rapidamente. Portanto, há uma interpelação ideológica nesse processo, o sujeito

pretende parar com aquilo que é da ordem do rápido, é como se dissesse “para tudo que agora eu vou elaborar meus argumentos”, e assim avisar: “Alerta: lá vem *textão*”.

3.4 TEXTO + ÃO: MARCAS QUE DIFERENCIAM

O que marca a diferença do que estamos tomando por texto na rede *Facebook* é a questão do sufixo –ão. Com esse sufixo, o texto postado no *Facebook* traz a ideia do longo, de um texto que é longo: *textão*. O grande é o diferencial que queremos mostrar. Para tanto, recorremos a Gramática de Sacconi (2011) sobre o sufixo –ão:

1. **Estado ou qualidade** – perfeição, sujeição. 2. **Ação ou efeito de ação** – discussão, rasgão. Geralmente, ao acompanhar radicais verbais, dá ideia de agente da ação sempre repetida: brigão, chorão, fujão. Ao juntar-se a radicais nominais, exprime aumento: casacão, facão, paredão, salão [...]. (SACCONI, 2011, p. 85, grifo do autor).

Interessante notar que na Gramática referenciada existem alguns dizeres que lembram as condições de produção do *textão* no *Facebook*, por exemplo: “Ação sempre repetida”, “exprime aumento”. Isso institui o acordo tácito que mencionamos, do funcionamento regular no *Facebook*. É isso que traz regularidade. Pelo –ão, que é uma ação sempre repetida do *textão*, constrói-se discursivamente uma regularidade de algo que é recorrente e que sempre volta no mesmo, o que chamamos de implícitos, que nos traz o conceito de memória.

Portanto, o que dá a regularidade é a repetição, pois se cada sujeito escrevesse de uma maneira diferente e/ou escrevesse pouco, sem exprimir aumento, sem avisar, não teríamos o rótulo *textão*. Existe algo que se mantém, existe o dizível e é aquilo que inscreve na memória e que fica.

Também há algumas palavras como: brigão, chorão, fujão. Essas características talvez se encaixem em uma postagem de *textão* no *Facebook*, pois ao resistir, posicionar-se, e indignar-se, de certa forma o sujeito se torna um “brigão”, um “fujão”. Alguém que não quer calar, aquele “chorão” que prefere expor o seu ponto de vista, que sente necessidade em publicar um *textão*, trazendo o aviso inicial, justamente para que os outros sujeitos prestem atenção ao seu dizer.

Quanto aos conceitos de texto, mas também de sujeito e de discurso,

Orlandi, no livro **Discurso e Leitura** (1998), traz questões referentes ao que estamos refletindo – que inclui as reflexões possíveis nesse espaço do *textão*. O discurso é compreendido pela autora como “uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito”. (2012, p. 70). Podemos afirmar então que o discurso é reconhecido duplamente pela dispersão – a dos textos e a do sujeito. Com base nas reflexões de Foucault (1969), a autora, ao afirmar esses conceitos, traz maneiras de certificar a heterogeneidade presente no conceito de discurso, definindo “o sujeito como descontinuidade e o texto como espaço de dissensões múltiplas”. Afirmando que o texto é atravessado por várias posições do sujeito, e essas posições-sujeito no texto demonstram as diversas formações discursivas.

Segundo as teorias da enunciação (autor fundamental Benveniste) o sujeito-locutor centraliza o ato de produção e aparece como fonte da linguagem, sendo que, nos textos, há marcas que comprovam a relação do sujeito com o seu dizer, do sujeito com a linguagem. Na perspectiva da AD, a relação do sujeito com a origem do seu dizer é trabalhada a partir do atravessamento do processo ideológico e as marcas que atestam essa relação não são facilmente detectáveis; para atingi-las é preciso teorizar.

Ainda segundo Orlandi (2012), para caracterizarmos um discurso “é menos importante (e possível) remeter a um conjunto de textos efetivos do que a um conjunto virtual, o dos enunciados produzíveis conforme às coerções da formação discursiva”. (p. 72-73). O discurso não é um conjunto de textos, ele é uma prática. Durante as análises dos *textões* será analisado o discurso, com base nos textos, aliás, analisaremos os processos de sua produção. Sua função é assegurar a permanência de uma certa representação, por isso que existe, na origem de todo discurso, o projeto totalizante de um sujeito, o projeto que o transforma em autor.

Ao constituir o texto, o sujeito se constitui como autor e o autor é o espaço em que se constrói a unidade do sujeito. Fala-se então da produção da unidade, e o que produz essa impressão, essa ilusão da completude do dizer, são as relações que ocorrem do sujeito com o texto, do texto com o discurso, e o discurso em uma formação discursiva determinada. Porém, retornando às reflexões sobre a questão da dispersão, pretende-se considerá-la como unidade. A dispersão dos textos e a dispersão do sujeito, e a unidade do discurso e a identidade do autor. As divisões são entre texto e discurso, sujeito e autor, e tratar dessa questão de unidade e da questão da identidade é “atingir o modo pelo qual o texto é atravessado por várias

formações discursivas”. (ORLANDI, 2012, p. 76).

A partir disso, pensamos acerca do sentido que “é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. (ORLANDI, 2012, p. 77). As palavras mudam de sentido segundo as posições dos que as empregam, como já mencionamos anteriormente. Dependemos do ponto de vista do sujeito leitor, pois os gestos de leitura e as formações discursivas dos sujeitos fazem com que até mesmo uma única palavra tenha sentidos divergentes.

Aqui entramos novamente na questão dos gestos de leitura, nas novas formas de ler, tanto visando pelo olhar do analista de discurso, quanto o espaço em que essa leitura é praticada. Orlandi (2015) trata sobre a questão do dito e o não dito. Na AD, entende-se que essa leitura indica que o dizer tem relação com o não dizer. Pensando nos *textões* selecionados, a leitura realizada para a análise deverá ser refletida seguindo, assim como Orlandi o fez:

Distinguindo, na origem de sua reflexão, como diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido). (Ibid. p. 80).

Compreender o que naquele texto se encontra, de certa forma, apagado. É um dizer que não é posto, mas que está presente e que também significa. “Na análise de discurso, há noções que encampam o não-dizer: o conceito de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva”. (Ibid. p. 81).

Acredito que nessa questão podemos trabalhar com um conceito de um dizer parafrástico, que consiste na reformulação de um dizer. “[...] A que interessa à Análise de Discurso, a paráfrase figura como reformulação. Nesse sentido, se estudam os tipos de reformulações parafrásticas possíveis em um dado contexto, de modo a identificar a significação do texto-fonte (aquele que foi reproduzido/interpretado parafrasticamente) [...]”. (COSTA, 2010, p. 101).

Utilizando esse movimento parafrástico e observando o nosso objeto de análise, no momento em que o sujeito anuncia “Vai ter *textão*, sim!”, podemos refletir que outros dizeres estão aí sendo silenciados, dizendo: “Vou me manifestar, sim!” e “Não vou ficar calado, não!”. Contudo, o que seria o calar nesse enunciado? O que é dito e o que não é dito? Por que o sujeito faz uma afirmação e ao mesmo

tempo precisa somar com o “sim” ou uma negação somada ao “não”? Pensamos em uma forma de manifestação, de resistência, e pensamos em paráfrase no sentido de que esses dizeres se repetem. O sujeito quer se deslocar desse lugar, mas ao mesmo tempo se mantém, repete e (re)afirma o seu discurso nos avisos.

Diante desses conceitos básicos apresentados sobre o conceito de texto para a AD, surge a questão de definirmos como nós podemos compreender um *textão*? Quais as marcas que nos ajudam a compreendê-lo? Estamos trabalhando com um conceito diferente? Acredito que o *textão* é um texto com particularidades diferentes, com regularidades distintas. Então, como podemos definir texto e *textão*? Trabalhando alguns pontos que aproximam e que distanciam um texto de um *textão*.

Anteriormente mencionamos, citando Orlandi, que texto pode ser até mesmo uma letra pendurada em uma porta. Essa letra produz significações aos sujeitos que a utilizam, que a leem, que a observam, pois ela carrega um processo de significação que traz memória, que traz sentidos, por isso um texto não precisa ser necessariamente longo para ser considerado texto. Todavia, se pensarmos no *textão*, o próprio nome já transparece ser um texto grande. Porém, *textão* é um texto, eles não possuem conceitos diferentes, ou seja, ele é um texto longo que está inserido na internet. Existe um conceito que é texto e um funcionamento de texto dentro das condições de produção que estamos trabalhando, que faz funcionar esse texto como um *textão*.

O *textão*, em geral, demonstra ser um recurso no qual o sujeito escreve sobre algo que causa indignação, seja por alguma situação vivenciada na rua, em sociedade, ou até mesmo por algum comentário que leu na internet, ou por querer responder a um vídeo do qual não tenha concordado. Porém, nem sempre esses textos carregam revolta ou repúdio a algo, existem alguns *textões* que carregam informações sobre os mais diversos contextos, explicações médicas, divulgações de ONGs, etc. Por esse motivo, compreendemos o *textão* como sendo algo em que o sujeito opina, julga, mas também resiste, resiste para se expor, para dizer, para compartilhar, para não silenciar. “Exalta-se o sujeito livre e decidido, completo, capaz de realizar o que quiser”. (MAGALHÃES, 2013, p. 205).

Podemos refletir também sobre os modos de circulação. Os textos no *Facebook* internet, os *textões*, por estarem no âmbito do digital, permitem que haja respostas instantâneas a esses textos. Há uma interação rápida a partir da escrita de um sujeito. Já algo pichado na parede não necessariamente abre espaço para

que haja respostas imediatas, porém, por ser um espaço público, a resposta em si não se dá de maneira instantânea. É no tempo de resposta que está a diferença.

A diferença dos textos que são externos a esse espaço digital talvez esteja na questão da “interação” instantânea, como por exemplo um jornal; permite o debate, mas somente na próxima edição. Os textos que encontramos no *Facebook* possuem espaço para “debate” instantâneo, o outro pode não aceitar o que eu expus e dar o seu ponto de vista em um comentário, em um compartilhamento, ou, até mesmo, com um *textão*. É preciso então observarmos o fato de que, como a rede *Facebook* trabalha com esse espaço do outro, de que os outros veem o que se publica/compartilha/comenta, é aceito que haja interação, que a comunicação seja bilateral, que haja reciprocidade entre os usuários.

Ao especificar essas diferenciações entre texto e *textão*, tanto no espaço digital quanto externo a ele, lembremos que para organizarmos melhor a nossa análise é preciso que se ressalte as características desse objeto, para que possamos observar suas particularidades. De certa forma pensamos sobre essa questão de texto gramaticalmente, porém, é importante refletirmos como é que essa questão funciona no discurso digital como, por exemplo, pensarmos em um texto trazido por um *link*. Se inserirmos um *link* no *Facebook*, que remeta a um *textão*, ele já não é mais considerado um *textão*, pois está em lugar fora do *Facebook*, ele é apenas um *link*. Isso caracteriza a nossa materialidade, pois *textão* é o que se escreve ali, naquele espaço do *Facebook*, ou seja, existe essa característica que é própria do *textão*, que não é qualquer *textão* e que não é em qualquer rede.

Outra particularidade do *textão* é a questão da argumentação³⁹, e nos cabe observar, nesse momento do texto (anterior à análise propriamente dita), o que de fato estamos tomando por argumentação e por que isso nos é relevante. Para falar sobre argumentação, Orlandi (2001) propõe que há um mecanismo que é extremamente importante: a antecipação, e elabora o conceito de *funcionamento discursivo*, conceito necessário para que ela empreendesse “uma análise de marcas formais que me remetessem à formação ideológica”. (p. 125).

O funcionamento discursivo para ela “é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor

³⁹ Refletida rapidamente na página 61, mas que, em conjunto com as reflexões de posicionamento e de posição-sujeito, se fez necessário um olhar mais aprofundado sobre essas questões que relacionam o sujeito e o texto.

determinado, com finalidades específicas”. (Ibid. p. 125). Portanto, o que encontramos também nesse espaço digital, são sujeitos que carregam uma formação ideológica, mas que além disso, relacionam essas formações com o que trazem em seus discursos e isso “está marcado *no e pelo* funcionamento discursivo”. (Ibid. p. 125).

Então para falarmos sobre essas questões argumentativas, que os sujeitos constroem em seus textos, é necessário observarmos o funcionamento desse mecanismo que está baseado na *antecipação*: “processo sobre o qual se funda a estratégia do discurso e que é de natureza argumentativa”. (ORLANDI, 2001, p. 126). Para que o sujeito escreva o seu *textão* é necessário que ele construa os seus argumentos para que, a partir da sua posição, encontre componentes que sustentem o seu posicionamento; e construir argumentos para sustentar o seu posicionamento é antecipar-se, ou seja, “há ‘decisões antecipadoras’ do locutor”. (Ibid. p. 126). Mas é um antecipar-se à que ou à quem? Aqui entra uma questão de formação imaginária, onde “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras” (ORLANDI, 2015, p. 37), e isso explica o mecanismo da antecipação, é um mecanismo que “regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte”. (Ibid).

Para compreender melhor e, já pensando em um contraponto sobre a questão da argumentação, acredito ser interessante trazer algumas reflexões de Koch (2011) em seu livro **Argumentação e linguagem**⁴⁰. A autora menciona que há algumas relações que se estabelecem entre o texto e o que constitui sua enunciação, e dentre essas relações existem duas que acredito serem relevantes para nós: “os modalizadores que revelam sua **atitude** perante o enunciado que produz (...)” e “**os operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva”. (KOCH, 2011, p. 33, grifos da autora).

De certa forma, esses elementos aparecem nos textos através de marcas linguísticas e seu uso é inerentemente argumentativo, ou seja, é “preciso admitir que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a

⁴⁰ Por ter trabalhado em outra área que também envolve questões de texto e de escrita, realizar esse contraponto foi de extrema relevância para observar melhor algumas definições sobre argumentação e observar também como estou tomando essa questão do sujeito produzir argumentos para posicionar-se.

pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros”. (Ibid. p. 101).

Nota-se que ambas as áreas trabalham com a ideia de que o sujeito antecipa-se ao seu leitor no processo de argumentação do seu discurso. Em Koch (2011), o locutor tem a “pretensão” de orientar o interlocutor de acordo com a forma que argumenta em seu enunciado e, em Orlandi (2015), o sujeito “regula a argumentação” visando seus efeitos sobre o interlocutor.

Com isso, observamos que, com a AD, não trabalharemos com o uso dos conectivos nos textos, muito menos para saber a escala argumentativa dos morfemas, nem se os argumentos utilizados pelos sujeitos são argumentos decisivos ou conclusivos, mas sim com o uso da palavra, com o modo como o sujeito diz o que precisa ser dito e nas condições de produção em que são produzidas.

Pensando então no nosso objeto de análise, buscar argumentos para sustentar o seu posicionamento - fazendo isso em um espaço que visa a movimentação, a economia da palavra, a fluidez - pode ser visto como uma forma de resistência, aquilo que ficou “fora” do discurso, pois o sujeito organiza suas ideias, estabelece seus argumentos e marca seu posicionamento postando um *textão*.

Além da necessidade de justificar o seu ponto de vista, que, em geral, é contrário aos dos outros, talvez para marcar a diferença, no sentido de que, para aquele que escreve, o que ele está dizendo é o que falta ser dito naquele espaço ou o que ainda não foi dito, não daquele modo. “Nesse sentido, a postagem funciona como a própria provocação ao outro, diríamos, até mesmo, solicitação do outro, de resposta, de opinião, de simples manifestação de leitura e visibilidade”. (FLORES; CERVO, 2018, p. 226).

Se pensarmos na escritura de si, a argumentação é justamente o que sustenta esse posicionamento, dando-lhe autonomia e autenticidade. O sujeito argumenta, pois se não argumentar ele torna o seu posicionamento arbitrário, fazendo isso ele será apenas mais um entre os outros sujeitos que postam, por isso é necessário que ele justifique o que pensa argumentando.

Isso nos traz à baila a questão do “falar de si”, da “escritura de si”, pois “as postagens do *Facebook*, muitas vezes, produzem o efeito de um registro ou de uma marca de autenticidade da própria existência do sujeito”. (DIAS, 2018, p. 157)⁴¹.

⁴¹ Cf. Nota de rodapé em DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 157.

Escrevendo, “o sujeito se revela”. (ECKERT-HOFF; CORACINI, 2010, p. 108).

Escrever significa, também, mexer em identidades remotas, futuras, fraturadas, opacas, reveladoras de algo que foge a nosso controle enquanto sujeito que escreve. Identidade que esburaca pela porosidade do próprio ato de escrever. Porque escrever diz respeito ao revelar(-se), uma parte de um todo. Qual parte e qual todo? (ECKERT-HOFF; CORACINI, 2010, p. 108).

O que nós observaremos é que, para se posicionar e para que esse posicionamento não seja arbitrário, o sujeito argumenta e, ao realizar a argumentação, ele formula suas ideias, relacionando àquilo que ele fez, acredita, defende, etc. Nesse sentido, não vamos analisar o argumento em si, vamos analisar como o sujeito diz aquilo que ele precisa dizer. O que nos leva a concluir que esse sujeito escreve nas redes sociais para significar(-se), para “soltar as amarras” (Ibid.), desabafando.

CAPÍTULO 4 – “COM LICENÇA, AÍ VEM *TEXTÃO*”

“Ao tempo que passa da cronologia e da história sucede portanto um tempo que se expõe instantaneamente”. (VIRILIO, 1993 [1932], p. 10).

4.1 O *CORPUS* E A CONSTRUÇÃO DA ANÁLISE

Pensar a pesquisa e, principalmente, a análise deste trabalho foi bastante confuso para mim – talvez pelo fato da noção de texto, pensado gramaticalmente, estar muito presente ainda no meu discurso. Contudo, a partir do que foi refletido durante o processo de escrita/reescrita e o processo da teorização do nosso objeto de pesquisa, buscamos, com base nas reflexões obtidas durante o processo deste texto, organizar de maneira mais madura o que seria pesquisado e analisado. Por isso, as regularidades que desenvolvemos de início foram necessárias a fim de que os *textões* selecionados seguissem certa coerência durante as análises e, também, para observarmos a maneira que estávamos seguindo o nosso gesto de leitura frente a esse arquivo.

Há um “efeito de arquivo” (ORLANDI, 2013), pois a teoria, o método e o objeto de análise carregam suas constantes, porém, na elaboração do dispositivo analítico, encontra-se uma forma de se considerar o material, constrói-se o objeto de análise de acordo com a interpretação dos resultados obtidos a partir de uma compreensão. O que é e como deve ser trabalhado esse arquivo, pois “a interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão”. (Ibid. p. 03).

Esse processo visa “compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos”. (ORLANDI, 2015, p. 24). O interpretar, nessa perspectiva, desenvolve-se a partir de um método, de uma “construção de um dispositivo teórico” (Ibid. p. 24) e, segundo Nunes (2005), o material de arquivo está sujeito a mais do que interpretação, está sujeito “à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca”. (s. p).

Considero relevante entender o arquivo como um “lugar de observatório”, que seria considerar esse lugar como sendo muito mais que um *corpus*. (ROMÃO; LEANDRO-FERREIRA; DELA-SILVA, 2011). “O arquivo envolveria tanto as materialidades sob investigação, como um modo de observar seu funcionamento e mudança no seio de uma sociedade (dispositivo analítico)”. (p. 16). Assim sendo,

propõe-se observar o arquivo não apenas visando a evidência como um conjunto de documentos que temos acesso, mas compreender as discursividades que constituem o nosso arquivo.

Pensando no trabalho que objetivamos aqui, é preciso “atentar, para as correspondências que esses “dados” engendram em nós, o que já se dá a partir de uma filiação à memória histórica, de um trabalho do arquivo. É isso considerar o digital em sua materialidade”. (DIAS, 2015, p. 974).

Sabe-se que cada material de análise exige que o sujeito pesquisador, analista, dependendo das questões que desenvolve, aborde conceitos que, dependendo do gesto de leitura desse arquivo, outro analista não abordaria. As análises não são iguais, o analista formula questões diferentes de outro analista e, por esse motivo, o resultado na descrição do material é diferente, os recortes são únicos. É o que Dias (2015) menciona: “Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade”. (p. 973).

Inicialmente, a ideia era selecionar apenas textos longos que carregassem um aviso. Para realizar essa seleção, acessei o meu perfil do *Facebook* para buscar textos em minha rede de amigos. No entanto, a maioria dos textos selecionados não são somente da minha rede de amigos. São textos que pessoas que sabiam do meu projeto de Mestrado salvaram e me enviaram. Com isso, meu arquivo ficou muito extenso, o que nos levou a seguir uma linha de regularidades para delimitar nosso *corpus*.

Portanto, ao observar os *textões*, selecionamos os que possuem as características que elencamos como sendo de um *textão*. Com isso, o número de textos no arquivo “final” é menor, mais especificamente 5 (cinco) *textões*. Optamos por selecionar 5 (cinco) *textões*, pois entendemos que essa quantidade é suficiente para mostrar o que estamos buscando.

Sobre as regularidades, elegemos duas regularidades principais. A primeira tem relação com o viemos construindo ao longo do texto, mas que entendo que pode ser melhor trabalhada/analísada neste momento, que são os avisos. E a segunda, que também construímos desde o princípio deste texto e que é da ordem do visível, a questão da posição-sujeito e do posicionamento do sujeito-autor em seu texto. Essas regularidades constituem o procedimento metodológico que organiza nosso gesto analítico e que estão dispostas nos subitens 4.2.1 e 4.2.2 adiante.

A partir disso, é relevante definir alguns conceitos que nos serviram como

base na construção desta análise. Trazendo algumas definições acerca dos conceitos de *corpus* e de recortes, que são noções que permeiam nossa análise e que de fato foram essenciais para observar melhor o objeto analisado. Para isso, foi necessário observar e entender a posição da qual estou tomando como pesquisadora e analista de discurso, pois:

Qualquer que seja a posição acerca da língua, o *discurso* do analista de discurso é sempre um produto, um enunciado ou um grupo de enunciados atestados, não importa quais. O linguista do discurso não trabalha a partir de exemplos, quer se trate de frases pronunciadas ou de textos exemplares, mas com *corpora*. Isso significa que ele delimita, põe em correspondência, organiza fragmentos de enunciados mais ou menos longos e mais ou menos homogêneos, para submetê-los à análise”. (MAZIÈRE, 2007, p. 14).

Necessário entender também que o analista de discurso não trabalha com exemplos, mas sim com um *corpus*, que está longe de ser mera colagem e seleção de textos. Por isso, o que ocorre é a construção de um “dispositivo de observação apto a revelar, a permitir apreender o objeto discursivo que ele se dá por tarefa interpretar”. (Ibid. p. 15). Estabelecer um *corpus* “mobiliza a posição do analista sobre a língua e seu funcionamento”. (Ibid. p. 14). Seguindo nessa questão, Orlandi (2015) menciona que o objeto analítico não se esgota em uma descrição:

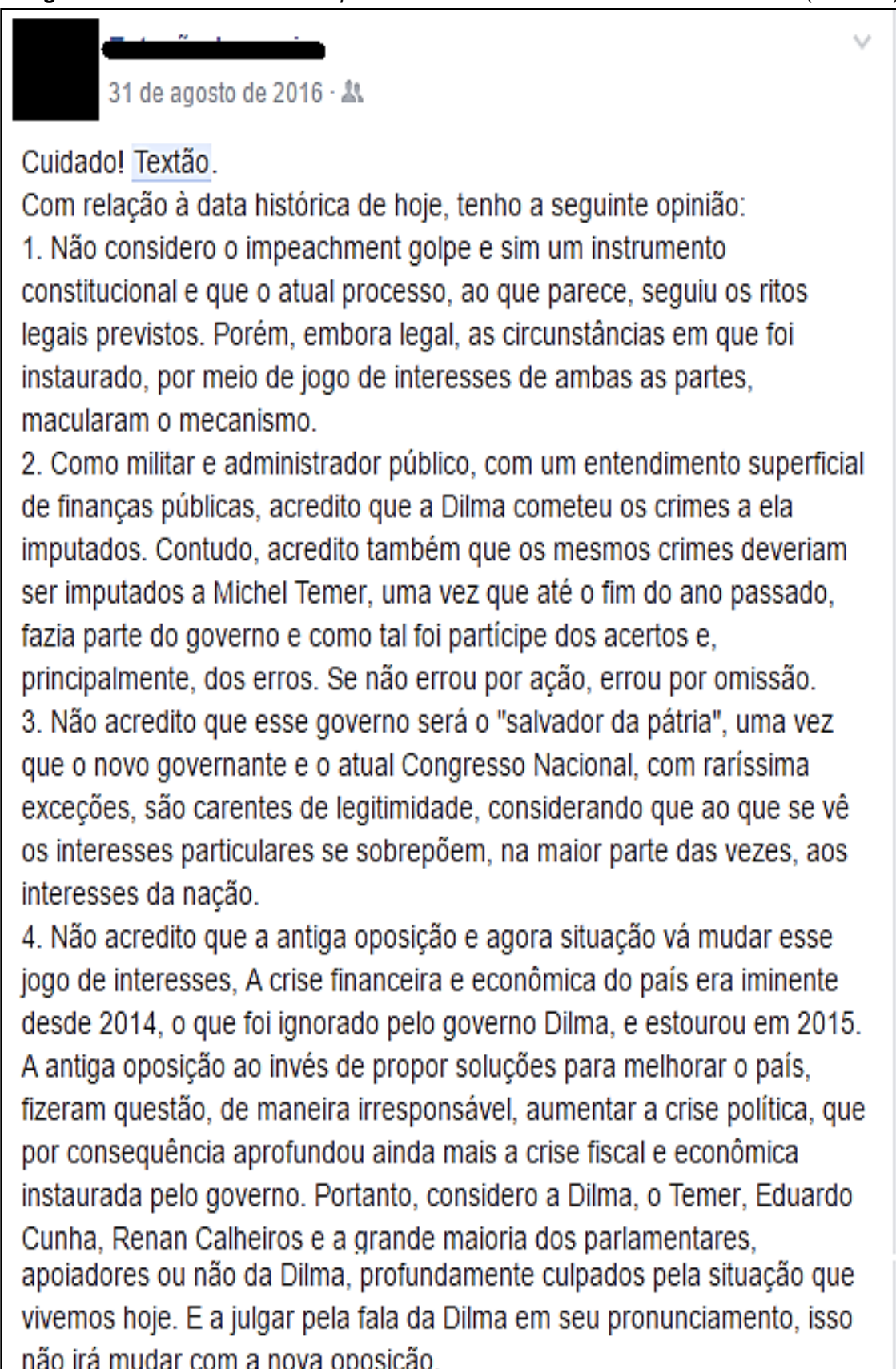
(...) todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos. Por isso o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos- do *corpus*, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes. (Ibid. p. 62).

Portanto, é relevante mostrar quais *textões* optamos por analisar, para que se observe o texto completo, a fim de explicitarmos melhor a nossa questão de pesquisa e quais os motivos que nos levaram a analisar esses *textões*. Analisar e observar o que de fato estamos tomando como um funcionamento do *textão* no *Facebook* e mostrar ao leitor o caminho pelo qual tomei ao utilizar o meu gesto de leitura frente ao arquivo analisado.

A seguir apresento o nosso *corpus* identificado como “*textão*” e numerado sequencialmente:

Imagem 9 – Textão 1 do nosso corpus de análise

(continua)



31 de agosto de 2016 · 2

Cuidado! Textão.

Com relação à data histórica de hoje, tenho a seguinte opinião:


1. Não considero o impeachment golpe e sim um instrumento constitucional e que o atual processo, ao que parece, seguiu os ritos legais previstos. Porém, embora legal, as circunstâncias em que foi instaurado, por meio de jogo de interesses de ambas as partes, macularam o mecanismo.
2. Como militar e administrador público, com um entendimento superficial de finanças públicas, acredito que a Dilma cometeu os crimes a ela imputados. Contudo, acredito também que os mesmos crimes deveriam ser imputados a Michel Temer, uma vez que até o fim do ano passado, fazia parte do governo e como tal foi partícipe dos acertos e, principalmente, dos erros. Se não errou por ação, errou por omissão.
3. Não acredito que esse governo será o "salvador da pátria", uma vez que o novo governante e o atual Congresso Nacional, com raríssima exceções, são carentes de legitimidade, considerando que ao que se vê os interesses particulares se sobrepõem, na maior parte das vezes, aos interesses da nação.
4. Não acredito que a antiga oposição e agora situação vá mudar esse jogo de interesses. A crise financeira e econômica do país era iminente desde 2014, o que foi ignorado pelo governo Dilma, e estourou em 2015. A antiga oposição ao invés de propor soluções para melhorar o país, fizeram questão, de maneira irresponsável, aumentar a crise política, que por consequência aprofundou ainda mais a crise fiscal e econômica instaurada pelo governo. Portanto, considero a Dilma, o Temer, Eduardo Cunha, Renan Calheiros e a grande maioria dos parlamentares, apoiadores ou não da Dilma, profundamente culpados pela situação que vivemos hoje. E a julgar pela fala da Dilma em seu pronunciamento, isso não irá mudar com a nova oposição.



Imagem 6 – Textão 1 do nosso corpus de análise

(conclusão)

5. No fim do processo, ao não inabilitarem a ex-presidente Dilma, embora tenha sido revestido de certa legalidade, digo assim por não ser conhecedor da matéria, na minha opinião produziu mais uma mácula no processo movida por interesses particulares. Eu acredito que essa decisão foi tomada para de um lado beneficiar a Dilma, que manteve seus direitos políticos e, no meu leigo entendimento, abriu a possibilidade para continuar recebendo proventos do Estado, o que para mim é uma anomalia para alguém que foi julgada por desrespeitar a Lei de Responsabilidade Fiscal; e de outro lado, os senadores criaram um precedente que futuramente pode beneficiá-los e até mesmo beneficiar o tão combatido Eduardo Cunha.

6. Acredito que o sistema político e a sociedade precisam mudar drasticamente, pois da forma como está continuamos muito a mercê de interesses escusos de nossos governantes.




 23 6 comentários 1 compartilhamento

 Curtir  Comentar

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Imagem 10 – Textão 2 do nosso corpus de análise

(continua)

 
30 de abril às 20:50 · 

Eu nem ia postar nada, mas achei que seria, no mínimo, uma falta de respeito.
Então que seja! Lá vem textão...

Em 1978, meu professor de Edição, Luiz Carlos de Oliveira e meu professor de Prática de Reportagem, Oscar Barbosa, pediram que conseguíssemos uma personalidade para entrevistarmos. Essa entrevista, feita em dupla, seria no auditório, deveria durar, no máximo, 45 minutos sem intervalos e seria aberta a todos os alunos da faculdade. Eu e Amelia decidimos levar Jô Soares. Depois de dias tentando falar com ele sem sucesso, fomos ao Teatro da Praia, em Copacabana, e ficamos esperando ele sair. Quando ele foi pegar a moto, as duas "futuras celebridades do jornalismo carioca" expuseram a tarefa. Nada feito. Ele estava muito cansado e blabláblá. Tudo bem. Nosso plano deu ruim.

Imagem 10 – *Textão 2* do nosso *corpus* de análise

(conclusão)


Mas aí me lembrei que, no meu prédio, tinha dois teatros: o Opinião e o Tereza Raquel. No primeiro tinha uma roda de samba e, no segundo, tinha um show do Belchior. Pensei: se o Jô roeu a corda, o Belchior, no auge da carreira, nem vai me receber. Mas como quem me conhece sabe que eu sou uma tremenda cara-de-pau, lá fui eu pro teatro. Pedi pra falar com o produtor do show e me veio uma menina, acho que da minha idade na época (26 anos), eu expliquei o caso, já preparada para um tranco, e ela prontamente abriu um sorriso e me disse: "ah, vem comigo que eu te levo no camarim".


E lá estava Belchior, com seu bigode de bandido mexicano e seu mocassim com salto 5,5. Expliquei tudo de novo, ele me ouviu com paciência e me disse: "só preciso que alguém me pegue no hotel, porque não conheço muito bem o Rio e nem onde fica essa faculdade".

Pois senhores, pegamos a criatura no hotel em Ipanema, levamos na Faculdade, fizemos a entrevista, com direito a um show 0800. Isso porque, no fim, os alunos pediram para ele cantar, não sei de onde surgiu um violão e ele, sem pestanejar, cantou vários sucessos. Saímos, então, pra pegar água pra ele e, quando voltamos, ele tinha sumido. Assim mesmo, ele simplesmente sumiu!

Até hoje não consegui agradecer ao Belchior. E nem vou conseguir agradecer mais. Por isso, gostaria de deixar aqui registrada essa demonstração de generosidade, simpatia, compreensão e falta de estrelismo, tão raros nas celebridades de hoje.

Valeu, Bell!




 255 25 comentários 12 compartilhamentos



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Imagem 71 – *Textão 3* do nosso *corpus* de análise

(continua)

 
25 de março de 2016 · 

Desculpem o textão, mas se fez necessário.

SOBRE O DIRETÓRIO ACADÊMICO DE LETRAS DA UFSM:

Como (quase) todo mundo sabe, a última gestão do DAL, a Polifonia, terminou na metade do ano passado, e isso significa que os cursos de Letras da UFSM estão sem uma gestão ativa no Diretório Acadêmico de Letras (DAL). Ou seja: estamos sem representação estudantil.

As Letras são compostas por 4 cursos (licenciatura em português, inglês e espanhol e bacharelado em português) e isso significa muita, muita gente sem representação estudantil.

Imagem 8 – Textão 3 do nosso corpus de análise

(conclusão)

Como eu era um dos membros da última gestão e como a maioria do pessoal que era da gestão Polifonia já se formou, tenho sido cobrada sobre a atividade do DAL. As pessoas me veem pelos corredores e perguntam: "E o DAL? Vai voltar? Puxa a frente. A gente precisa de um DAL". Concordo plenamente. A presença de um diretório acadêmico é muito importante em um curso e me coloco a disposição para ajudar quem quiser tocar ficha e montar uma chapa.

Infelizmente, neste ano não terei o tempo disponível necessário que o DAL demanda, porque sim, demanda MUITO tempo e dedicação. Sendo assim, eu, juntamente com a [REDACTED] e [REDACTED] ambas ex-membros do DAL e já formadas, achamos que seria interessante nos reunirmos com os alunos que tenham interesse em tocar o DAL pra frente e, de fato, exercer a representação estudantil. Isso demanda tempo porque há reuniões em setores administrativos, há cobrança dos professores do curso, há eventos a serem realizados, há bolsas de auxílio a serem repassadas via diretório, dentre muitas outras coisas.

Sendo assim, reforço: interessados em montar uma chapa para o DAL, falem comigo inbox. Até hoje à noite, vou criar um grupo fechado com os interessados para que possamos marcar uma reunião em que eu e as gurias expliquemos como funciona toda a função do DAL. Também contaremos com a presença de alguém do DCE. Muita gente tá entrando no curso e não faz a mínima ideia do que tudo isso significa. E é função do DAL orientar os alunos sobre tudo o que rola no curso e no ambiente acadêmico.

ps.: Este post não foi feito com o perfil do DAL porque o facebook desativou, já que agora perfil é apenas para contas pessoais.

Há braços! 😊

👍 33

8 comentários 1 compartilhamento

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Imagem 9 – Textão 4 do nosso corpus de análise

(continua)

[REDACTED] [REDACTED] com [REDACTED] e [REDACTED].
14 de março de 2016 · 👤

Eu gostaria de compartilhar uma coisa boa, mas hoje vou usar este espaço para um DESABAFO. (sim, é textão!)

Ontem, domingo, resolvi sair de casa e dar uma volta com meu namorado e com a minha irmã. Embora eu estivesse receosa em relação aos protestos, decidi que iríamos mesmo assim. Tudo estava tranquilo, passamos por várias pessoas que voltavam do protesto anti-governo, carregando suas bandeiras e roupas verdes e amarelas. Tranquilo.

Imagem 12 – Textão 4 do nosso corpus de análise

(conclusão)

Até que em um dado momento da nossa caminhada, eu fui pedir uma informação geográfica (vejam bem, INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA) para um homem, que estava acompanhado da mulher e que voltavam do protesto. Surpreendentemente, quando ele diminuiu o passo (ele não parou), percebi que me olhava com cara de raiva, os olhos estavam arregalados, só faltou bufar.

Até que ele se acalmou. E respondeu o que eu havia perguntado.

"Ah, [REDACTED], mas o que tem nessa história toda?"

Bom, o senhor apenas se acalmou depois que ele viu que: 1) eu estava acompanhada; 2) a pessoa que me acompanhava era branca. Quem conhece meu namorado sabe que ele é muito branco, branquerrimo.



Então eu entendi a expressão que muitos livros trazem "olhou-me acima dos ombros", foi assim que o senhor fez. E foi assim que senti, de forma mais incisiva, o racismo ardendo na minha pele.

O CARA SÓ FOI LEGAL COMIGO PQ O MEU NAMORADO É BRANCO.


Eu passei o dia inteiro revendo mentalmente a cena, pra ver se não era coisa da minha cabeça. E não era. Não é. Cada vez que lembro do modo como os olhos dele repousaram sobre mim, me dói um pouco mais.

Então eu entro no Facebook e sou obrigada a ler que racismo é vitimismo, mimimi e outras coisas. Sou obrigada a ler que uma babá negra que PRECISA trabalhar e sustentar a sua família pode trocar de emprego quando quiser, ou que ela não teve capacidade de estudar e arrumar um emprego melhor. Que os patrões pagam os direitos dela e que (olhem só que coisa boa) gostam dela.

A minha avó, negra, foi doméstica. A minha mãe, negra, foi doméstica. E eu, negra, não vou exigir menos que respeito. Por elas e por mim.

  Você e outras 2 pessoas

 Curtir




 Comentar


FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

em:

Imagem 10 – Textão 5 do nosso corpus de análise

(continua)

24 de novembro de 2017 · 

SOBRE A LEISHMANIOSE EM SANTA MARIA -RS

Não costumo escrever textão, mas a ocasião pede. Motivado pela repercussão da reportagem, do Diário de Santa Maria, sobre a ocorrência de leishmaniose no município, me sinto na obrigação profissional de disseminar um pouco do que venho estudando como clínico de pequenos animais e futuro profissional de saúde pública veterinária. Saliento que já

acompanhei vários casos, diagnosticados por mim ou por colegas próximos, notifiquei os que atendi e tenho paciente em terapia sob minha responsabilidade clínica. Sendo assim, esse não é um texto onde exponho meu posicionamento a favor ou contra a terapia, mas sim o que a literatura veterinária, a legislação e o Ministério da Saúde (MS) nos colocam como realidade. Até porque, se lhes interessa o meu posicionamento entre tratar ou não tratar, lhes digo que, sob a minha ótica, a indagação correta seria: quando tratar e quando não tratar um cão com leishmaniose? Espero que sua conclusão ao final dessa leitura, não seja favorável ou contra o tratamento, mas que também tenha em mente que a instituição da terapia ou não deve ser baseada em critérios clínicos do paciente, econômicos do tutor e, acima de tudo, no grau de comprometimento desse tutor na continuidade do tratamento e das medidas de controle.

Todos sabem que o tratamento do cão com leishmaniose é permitido. Porém, há uma certa distorção do que é e o que não é permitido usar como terapia. Segundo a Portaria Interministerial 1.426, de 2008, é proibido o tratamento da leishmaniose visceral em cães infectados ou doentes, com produtos de uso humano ou produtos não-registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Mais recentemente, o MAPA e o MS emitiram a Nota Técnica Conjunta nº 001/2016 que conferiu o registro do produto Milteforan, permitindo assim seu emprego na terapia contra leishmaniose visceral de forma legal. Dessa forma, o tratamento do paciente, infectado ou doente, passa obrigatoriamente pelo uso do Milteforan. Quando em terapia com o Milteforan o médico veterinário poderá associar ou não outros fármacos ao tratamento do paciente (alopurinol, domperidona, prednisolona,...). Porém, o tratamento desses pacientes com uso isolado de alopurinol, além das questões técnicas referentes ao controle da carga parasitária, esbarra na proibição legal imposta pela Portaria Interministerial 1.426 por não ter registro junto ao MAPA (fragmento da lei, em grifo, no texto acima) e implica nas penalidades previstas no Artigo 5º da mesma lei.

Em uma breve síntese, a diferença entre o alopurinol e a miltefosina (Milteforan) consiste em seu efeito no protozoário parasita causador da Leishmaniose. O alopurinol é uma droga considerada leishmaniostática (inibe o crescimento dos parasitas), enquanto a miltefosina é uma droga leishmanicida (mata os parasitas). Sendo que o Milteforan, mesmo com capacidade de matar os parasitas, não é capaz de eliminar 100% da carga parasitária que está no organismo do cão. Por isso, na maioria das vezes, se faz necessário um novo curso de terapia com o Milteforan a cada 4 ou 6 meses nos cães em tratamento, ou a associação de outros fármacos. É muito importante lembrar que mesmo que seu cão melhore 100% das alterações clínicas (melhora visual das lesões de pele, emagrecimento, melhora dos exames,...) ainda permanecerá nele uma carga residual de parasitas. Quando do uso do Milteforan, que é muito mais eficaz na redução dessa carga parasitária quando comparado ao alopurinol, a empresa fabricante alega que ele é capaz de reduzir a quantidade de parasitas no organismo a ponto do “mosquito” (*Lutzomia* – mosquito palha) não conseguir se infectar a partir desse cão. Porém, a mesma fabricante recomenda a realização de exame (PCR quantitativo) de forma regular para controlar o crescimento da carga parasitária e a necessidade de repetição da terapia. Por esse motivo, também, que o cão mesmo em tratamento com o Milteforan deve usar coleira repelente de mosquitos e evitar, assim, que sirva de fonte de contaminação para os mosquitos palha que podem contaminar outros cães e até mesmo pessoas.

O tratamento, então, passa pelo uso de medicamentos (no mínimo o Milteforan, pode ser necessário associações); emprego de coleiras impregnadas com deltametrina ou spot on eficaz em repelir os mosquitos, no cão em tratamento e nos demais cães da casa, com substituição regular das mesmas; realização de remoção de material orgânico (lixo orgânico, fezes de animais, folhas de árvore em decomposição, ...) do pátio e arredores que possa servir de criadouro para o mosquito palha; e avaliação frequente do cão em tratamento.

Considerando um cão de 10 Kg o proprietário terá que investir: em média 900,00 reais (<https://lista.mercadolivre.com.br/milteforan-30>) para fazer um curso de 28 dias de terapia (poderá ser necessário repetir isso a cada 4 ou 6 meses). Aproximadamente 60,00 a 300,00 reais em coleiras ou spot on contra o mosquito, por cão da casa (todos devem usar!) e esta deve ser substituída a cada 3 a 6 meses conforme a marca da coleira ou reaplicado a cada 30 dias se for o caso (dependendo se Scallibor, Leevre, Seresto, Vectra 3D, Advantage Max 3 ou Frontline Tri-Act). Sem considerar o custo das consultas, exames regulares (a cada 4 meses) de sangue e de carga parasitária, bem como o custo de correio para envio da amostra.

Imagem 13 – Textão 5 do nosso corpus de análise

(conclusão)


Dessa forma, quem quiser tratar seu cãozinho doente terá de, além de arcar com esses custos, se comprometer em seguir a risca as recomendações do médico veterinário; dar continuidade ao tratamento (sem interromper à medida que os sinais desaparecerem. Embora visualmente possa voltar ao normal, dando a falsa impressão de que está tudo bem, o cão nunca fica curado); usar coleira repelente nos cães da casa (no que estiver em tratamento e nos demais também). E caso opte pela eutanásia do cão doente, mesmo assim todo cão que estiver ou for colocado no mesmo local deve usar a coleira repelente; e manter o pátio livre de matéria orgânica em decomposição.


Cabe lembrar que, embora autorizado o tratamento dos cães com o Milteforan, o mesmo não se configura como uma medida de saúde pública para controle da doença e, portanto, trata-se única e exclusivamente de uma escolha do proprietário do animal, de caráter individual. E que conforme o MS, através do Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral, está recomendada a eutanásia para todos os animais sororreagentes e/ou parasitológico positivo.

Um recente estudo de modelagem matemática, mostrou que o encoleiramento em massa dos cães (de todos os cães, doentes ou não) se mostrou o melhor método para reduzir a prevalência da infecção em humanos e animais. Por isso, independentemente de qual bairro da cidade você mora, o ideal é colocar uma coleira repelente no seu cão mantendo ele, os demais cães e os humanos protegidos dessa enfermidade.

 159

35 comentários 67 compartilhamentos

 Curtir

 Comentar

 Compartilhar

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Para procedermos nosso gesto analítico, em cada bloco de análise das regularidades levantadas, trabalharemos com recortes, entendidos como “unidade discursiva”. (ORLANDI, 1984, p. 14). Sendo assim, não se trata de algo definitivo e sua efetivação varia de acordo com “os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise”. (Ibid). Por isso, os recortes se apresentam com efeito polissêmico, não são determinados de forma mecanicista, eles se correlacionam e produzem uma rede de significações. “O recorte é naco, pedaço, fragmento” (Ibid.) e nisso entra o olhar, a observação, a

interpretação do analista de discurso, que “não é uma pessoa neutra. Nunca. Vimos que ele deve assumir uma posição quanto à língua, uma posição quanto ao sujeito. Ele deve, igualmente, construir um observatório para si”. (MAZIÈRE, 2007, p. 23). Pensando nessa perspectiva, nós temos o *corpus* e, a partir desse *corpus*, trabalharemos com os recortes.

A fim de identificar esses recortes e para referi-los ao longo deste trabalho, atribuímo-lhes um código. Esse código inicia pela letra “R” (em maiúsculo, representativa de “recorte”), que é seguida pelo numeral que corresponde ao número do *textão* recortado (por exemplo, “1” para “*textão* 1”), que, por sua vez, é seguido por uma letra (em minúsculo) correspondente a ordem de recorte (por exemplo, letra “a” para o primeiro recorte do *textão*, letra “b” para o segundo recorte e assim sucessivamente). Desse modo, os quatro recortes do *textão* 1, por exemplo, serão representados por “R1a”, “R1b”, “R1c”, “R1d”.

A partir desses recortes, analisaremos, em um primeiro momento, os avisos nos recortes R1a, R2a, R3a, R4a e R5a.

4.2 AS PISTAS DO *TEXTÃO*

4.2.1 O aviso inicial

Após apresentar os *textões* por completo, seguimos o percurso da nossa metodologia analítica. Pensando nesse processo do aviso, vem-nos à baila a questão da noção de memória, pois o *textão* trabalha com algo que se mantém, que é o aviso, e isso faz com que esse aviso se inscreva na memória desse espaço digital, e esse dizível que se inscreve é aquilo que fica, é aquele discurso que será lembrado.

O aviso inicial trabalha então “com essa evidência de um ‘dizer repetidamente re-atualizado’ que tomamos como memória, que o sujeito se relaciona e se constitui em suas relações com as mídias digitais” (DIAS, 2018, p. 161), o que nos faz lembrar das noções de memória no digital. Dias (2018) menciona que a memória digital

não é uma simples re-atualização técnica da memória, ou seja, uma expansão horizontal dos enunciados, mas aquilo que escapa à essa re-atualização, instalando-se na memória discursiva, pelo trabalho do

interdiscurso, considerando o acontecimento do digital. (DIAS, 2018, p. 161).

Por isso que posso afirmar que um *textão* é somente um *textão*, porque há o aviso. Só é *textão* porque ele carrega essa singularidade que lhe dá nome, sem o aviso inicial não posso considerar que seja um *textão*, pois a forma como o texto se apresenta sem o aviso é distinta. O aviso do *textão* é repetir, é chamar a atenção do outro para o que eu estou dizendo.

Primeiramente, é preciso admitir que a memória tem uma estruturação complexa, discursiva, verbal, não-verbal, de muitas materialidades, mas ela tem um mecanismo de repetição e de regularização. [...] é o fato de voltar e por voltar e constituir uma memória a partir de reduções, retomadas, efeitos de paráfrases que vão formar a *lei da série do legível*. A ordem do olhar, assim como a ordem do repetível, da regularidade, da regularização. (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTINI, 2011, p. 96).

Por esse motivo, é interessante observarmos a questão da ordem do olhar, pois determinadas palavras e/ou imagens talvez não retornem para um sujeito da mesma forma que retornam para outro e, quando retornam, fazem sentido. “Isso significa reconhecer a materialidade da linguagem, do sujeito e do sentido, ou seja, significa aceitar a historicidade do sujeito, da linguagem e do sentido. Daí trabalharmos a forma material da linguagem (nem empírica nem abstrata mas material)”. (ORLANDI, 2016, p. 170). E repetir, do ponto de vista da AD,

significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo. Quando digo a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez, pois são dois *acontecimentos* diferentes. (ORLANDI, 2001, p. 119, grifo da autora).

A citação de Orlandi faz com que pensemos na noção de acontecimento, porque o que também chama a atenção nessa passagem da autora é a questão de existir dois acontecimentos diferentes. Cada *textão* que inicia com o aviso, que traz formas diferentes de avisar, mas que avisa, pode ser considerado um *acontecimento* em sua própria ordem e, em AD,

o que interessa não é o acontecimento em si, o evento empírico; o que interessa é o acontecimento tomado enquanto fato histórico, resultado de uma interpretação – o fato histórico, como afirma Le Goff (1996), já é uma construção que atesta a história como prática social e, por conseguinte, sua não neutralidade. (CAZARIN; RASIA, 2014, p. 194).

O *textão* é um *acontecimento* no digital e pode ser assim considerado porque existe repetição, ou seja, há um movimento que conduz ao retorno de uma memória. Nessa perspectiva, em AD, o conceito de acontecimento pode ser visto do modo discursivo e do modo enunciativo. No acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 2015), existe uma quebra, um rompimento, há uma reorganização que traz um novo sentido, mobilizando uma outra memória, e ele sempre retorna. Portanto, permite “estabelecer uma ruptura com a rede de formulações à qual o enunciado está relacionado e inaugurar uma nova rede de formulações”. (INDURSKY, 2003, p. 107). Segundo Pêcheux (2015, p. 46), o acontecimento discursivo provoca interrupção,

pode desmanchar essa regularização e produzir retrospectivamente uma outra série que não estava, enquanto tal, e que é assim o produto do acontecimento: o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

Com isso, o acontecimento discursivo retorna,

ele vai se inscrever em uma materialidade, em uma forma, e estará à disposição dos futuros acontecimentos. Tanto há uma memória para o passado como há uma memória para o futuro, pois um acontecimento discursivo abre sempre a possibilidade do seu retorno. (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTIN, 2011, p. 91).

Portanto, “sempre haverá possibilidade de que ele seja retomado, transformado, relido”. (Id. p. 92). O outro acontecimento, o acontecimento enunciativo, é visto também como uma forma de ruptura/quebra, porém, não há uma reorganização de um novo sentido; há uma mobilização da noção de memória, mas é uma quebra que não rompe os sentidos, que não inscreve uma nova memória, “temos diferenças que vão reorganizar os saberes da FD, marcar a instituição de uma nova posição-sujeito e nos colocar diante de um acontecimento enunciativo”. (CAZARIN; RASIA, 2014, p. 195).

Isso também nos traz à tona a noção de *acontecimento* no sentido de haver temporalidades diferentes na história – “os sujeitos não a vivem somente a partir de uma temporalidade de longa duração, mas também em temporalidades que são da instância do acontecimento, que emergem num determinado momento”. (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTINI, 2011, p. 90). Por isso, questionamos: o *textão* do *Facebook* inscreve nova memória, tem condições para criar uma nova regularidade? Acreditamos que não, que ele não inscreve nova memória, e que isso

se deve as questões de memória digital e condições de produção que retomaremos a seguir.

Se observarmos as condições em que o nosso objeto está funcionando, lembraremos que é em um espaço que trabalha com a fluidez, com a imediatez e com a instantaneidade, ou seja, as condições de produção do *textão* ocorrem em um lugar que é atualizado a todo instante, por isso as questões de memória funcionam no âmbito do digital, porque a memória digital funciona como uma memória que é inesgotável, uma memória que se constitui dentro desse espaço do digital, que circula e que está sempre em movimento. Por esse motivo, ela não fixa, pois há um excesso de informações que rapidamente são substituídas, aquilo que já foi dito de vários modos. Acontece, mas não rompe porque é pego pelas condições de produção do digital.

A partir disso, pensamos que o *textão* e o processo de autoria nessas condições de produção funcionam como um *acontecimento*, porém, não um discursivo e nem um enunciativo, pois tanto o *textão* quanto o processo de autoria não provocam um rompimento que mobilize ou não uma nova memória. Dessa forma, o *textão* e o processo de autoria funcionam como um acontecimento sem profundidade⁴² – não no sentido de que o que se posta/compartilha não seja importante, mas no sentido de que as condições de produção desse arquivo fazem com que o texto apareça imediatamente na *timeline* e logo seja substituído por outros dizeres, outras postagens – e, nesse sentido, apresenta-se uma continuidade do discurso, em que há diferenças, mas não rupturas.

Talvez a circulação da internet faça com que esse processo seja visto como um acontecimento sem profundidade, pois a autoria está ali, ela não é negada, nem por quem escreve, nem por quem lê, mas a circulação dessa rede, as condições de produção do *Facebook* é que fazem com que esse texto seja “perdido”, pois uma hora ele está visível e outra hora pode não estar mais, por isso ser sem profundidade e, por funcionar dessa forma, não tem a mesma garantia de alcance de leitura.

O mesmo ocorre com a publicação de um texto no jornal, por exemplo. Naquele dia é o texto X e, no dia seguinte, ele já foi substituído pelo texto Y. Ocorre

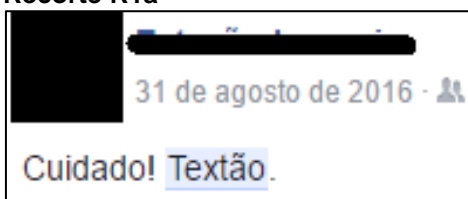
⁴² O conceito de *acontecimento sem profundidade* nos foi sugerido durante a banca de qualificação deste texto pelas professoras Cristiane Dias e Verli Petri, ao citarem Michel Pêcheux. No livro *O Papel da memória*, Pêcheux (2015) fala sobre acontecimentos que não chegam a inscrever-se.

que é sem profundidade porque não é um posicionamento que acaba por romper algo, ele não tem o poder de modificar, ele apenas marca a posição-sujeito das pessoas que estão postando.

O que nos ajuda então a formar certa regularidade desses dizeres é o processo da repetição, pois o repetível cria essas regularidades, e o *textão* pode ser considerado um acontecimento sem profundidade por ser repetível, só que ele repete, mas não quebra e não quebra pela circulação do digital: “o discurso digital se formula ao circular”. (DIAS, 2018, p. 29).

Analisando os recortes que seguem constatamos que os avisos, apesar de aparecerem de modo diferente, são uma regularidade criada pelo repetível. Observamos, por exemplo, que no recorte R1a, que segue abaixo, o aviso aparece com a palavra “cuidado”.

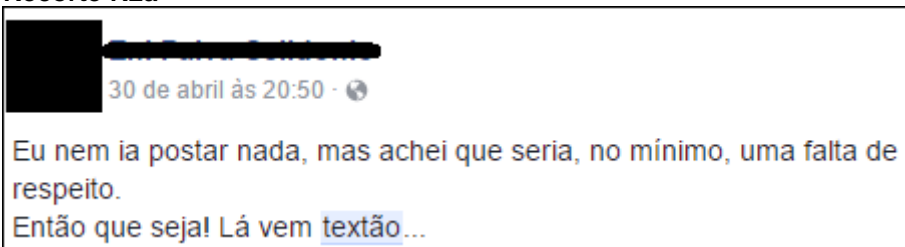
Recorte R1a



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Pensando apenas no aviso, entendemos que o sujeito-autor talvez tenha escolhido essa palavra no sentido de sobreaviso, com o intuito de avisar que o texto vai ser longo mesmo e não no sentido de perigo. No entanto, no aviso do recorte R2a a seguir, o aviso acontece de maneira diferente.

Recorte R2a



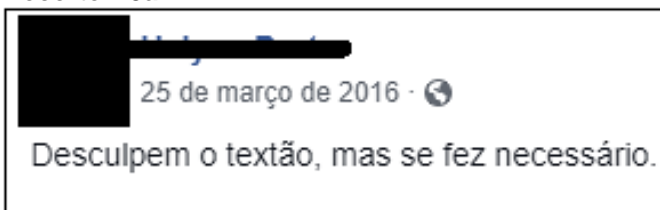
FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

No recorte R2a, é interessante observar que, após a justificativa, o sujeito-autor diz: “então que seja!”, mostrando, o que já foi mencionado aqui, que talvez o

Facebook não seja o lugar do *textão*, pois, além de explicar o motivo da sua postagem, o sujeito-autor não pede desculpas, mas o “então que seja”, dá a entender que “azar, eu vou postar mesmo assim”, “mesmo que aqui não seja o lugar mais apropriado para postar isso que eu quero”.

Em contrapartida, no aviso do recorte R3a, recorte que segue, há primeiro uma justificativa sobre a sua postagem e, só então, um aviso de que o texto será um *textão*:

Recorte R3a



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Observa-se que o *textão* aqui, no recorte R3a, é dito como ‘necessário’. Esse é um dos avisos que demonstra realmente o que interpretamos do *textão*. Isto é, o sujeito está a todo instante rolando a tela, muitas vezes lendo sobre diversos assuntos ou lendo sobre o mesmo assunto com diversas opiniões, porém chega um momento que esse sujeito quer se posicionar, ele precisa se posicionar, pois “se fez necessário” dizer sobre o quê (ilusoriamente) ninguém mais está dizendo.

Já o aviso no recorte R4a, recorte a seguir, traz o *textão* como sendo um posicionamento negativo, quando menciona “eu gostaria de compartilhar uma coisa boa”, além de mencionar que seu *textão* é um desabafo:

Recorte R4a



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

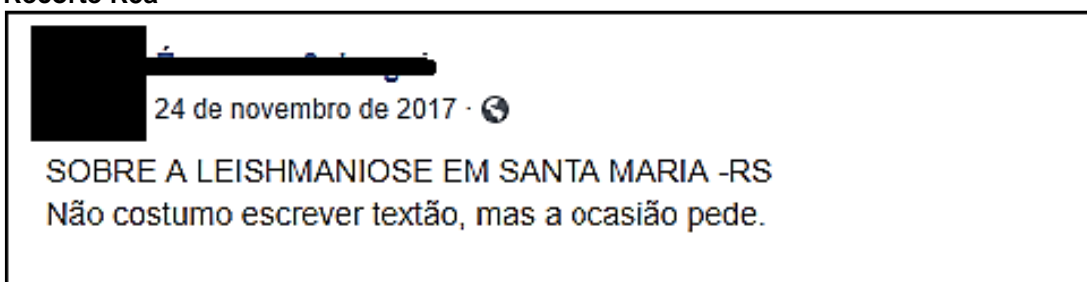
Aqui cabe mencionar a questão da palavra desabafo. Pensamos que talvez o posicionamento do sujeito-autor possa estar associado à questão do desabafo.

Acredito que quando o sujeito-autor desabafa, e aqui em R4a o sujeito-autor traz no sentido de reclamação, de demonstrar que quer desabafar e que utilizará o *Facebook* para dizer não só as coisas boas que dizem, seja talvez para dizer que nesse lugar também há espaço para coisas que não são tão boas assim, mas que também é preciso ser dito.

Pensamos que, ao utilizar “esse espaço para um desabafo”, seja uma tentativa do sujeito-autor encontrar um lugar que ficou fora, que não está ali, desse lugar em que há retorno e que há muitas pessoas falando e falando, mas esse sujeito não aceita apenas isso, esse fluxo contínuo de informações, e, portanto, se posiciona trazendo um desabafo. O sujeito-autor utiliza de seus argumentos para se posicionar, para dizer o que ele entende, que mais ninguém está dizendo (ou que ele acredita que mais ninguém está dizendo do modo como precisa ser dito) e que, de certo modo, precisa ser dito, sair do silêncio.

Interessante observar que esse recorte carrega a palavra “sim”. Esse “sim” pode ser interpretado de diversas maneiras, porém, nesse espaço e nas condições de produção em que esse *textão* está inserido, podemos pensar que o ‘sim’, de certa forma, vem como uma forma de legitimar o *textão* no *Facebook*, como se sabendo que essa rede não é o local “mais adequado” para postar um *textão*, porém, “resisto e posto”. Assim como no caso do recorte que segue, R5a:

Recorte R5a



FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O sujeito-autor desse último recorte demonstra um pouco da sua indignação e mostra como a questão da resistência está presente nos *textões*. Ao dizer “não costumo escrever *textão*, mas a ocasião pede”, é como se ele dissesse “não consigo mais ler/ver sobre determinado assunto e a ocasião está pedindo o meu posicionamento”, ou: “não costumo escrever *textão*, mas não tive escolha”.

Penso, nesse sentido, que o aviso inicial talvez seja justamente uma tentativa

do sujeito-autor deslocar-se desse lugar que é sem profundidade, que repete, mas que não rompe. Justamente porque o *textão* não é para estar ali, nesse espaço, pois como já refletimos, o *Facebook* é um lugar que funciona com a rapidez, com a atualização; o sujeito-autor avisa porque quer tentar parar aquele fluxo, quer que a autoria dele seja mostrada. Porém, ao mesmo tempo, a circulação mantém esse ritmo e ocorre que o acontecimento não quebra, não tem profundidade.

Aqui entram as questões que o sujeito carrega, o imaginário de que o dizer dele é único, que é a primeira vez que isso está sendo dito. Para refletirmos sobre essa questão, é interessante trazer a ideia daquilo que “ficou fora”. Orlandi (2003), no livro **A leitura e os leitores**, traz essa questão como resistência do sujeito, pois é onde esse sujeito estabelece um outro lugar do discurso, então para (re)significar o seu dizer, o sujeito do *textão* publica, desabafa, aquilo que acredita estar “fora” do discurso.

Ocorre então que, com o *textão*, estabelece-se um outro lugar do discurso onde os sujeitos podem ressignificar o que “ficou fora”, pois o sujeito traz aquela ilusão da fonte do dizer – como se fosse o primeiro que está falando, e, a partir do momento que ele é o primeiro a falar, é como se ele trouxesse uma coisa que ninguém mais diz ou disse, por isso que está “fora”. Há muito dizer no *Facebook*, mas não tem aquilo que ele está dizendo. O *textão* é isso, o sujeito-autor posta em sua rede com a ideia de que ninguém mais disse o mesmo com as mesmas palavras e que alguém, ele, finalmente vai dizer.

O *textão* é *textão* porque é longo. Nesse sentido, associada diretamente ao aviso, está a questão da extensão. A respeito desse aspecto, é interessante mencionarmos que os *textões* selecionados para o *corpus* trazem, todos eles, o “Ver mais” ou o “Continuar lendo”⁴³. Não sabemos ao certo se há algum critério para utilizar um ou outro, mas essa singularidade talvez seja para demonstrar que o texto é extenso, pois ultrapassa o limite de caracteres para uma postagem no *Facebook*. Talvez sejam utilizados para que, dessa forma, o *textão* “acompanhe” o ritmo instantâneo que essa rede demanda.

Portanto, se observarmos o meio que essa rede apresenta, há a sensação de que seu fluxo, por ser constante, é um fluxo de poucas palavras, de *hashtags*, de expressões, de *links*, de memes, de coisas que são pequenas. O *textão* talvez venha

⁴³ Cf. páginas 73 e 74.

no sentido de pedir para parar com isso, de falar sério e falar com muitas palavras, por isso o aviso, por isso a extensão, em querer utilizar esse espaço para dizer tudo e, já que a rede permite um grande número de palavras/caracteres, o sujeito escreve um *textão*.

Acredito que aí está o processo do resistir, de não escrever somente em poucas palavras, mas isso seria uma resistência a quê? Talvez resistência a uma economia da palavra⁴⁴, no sentido de que as condições de produção do digital favorecem a escrita de textos breves e rápidos. Ou talvez dizer em poucas palavras ou utilizar uma imagem e dizer com poucas *hashtags*, pois o fluxo também funciona na questão do acontecimento sem profundidade, que rompe, mas não modifica nada, apenas marca seu lugar na *timeline* e, por consequência desse fluxo, o *post* é logo substituído por outro.

A partir da nossa leitura inicial, compreendemos que o *textão* parece ser um lugar em que o sujeito escreve/digita sobre momentos de indignação, sobre momentos em que precisava dizer, precisava expressar, não deixar esse momento silenciado. Como o *Facebook* tem essa característica da interação, da comunicação com o outro, desse processo de intervir e compartilhar, pensamos que talvez esse sujeito-autor que posta um *textão*, além de projetar um sujeito-leitor ilusoriamente interessado no seu discurso, carrega, imaginariamente, todas as questões refletidas nesse texto, questões sobre memória, a sensação de liberdade e de desterritorialidade que a internet traz - autoria, (in)visibilidade, etc.

4.2.2 Posição–sujeito e posicionamento

Observando o nosso *corpus*, notamos que os primeiros textos foram selecionados porque possuíam uma certa forma de posicionamento, porém, essa era a nossa leitura inicial dos *textões*. Por isso, é inevitável que retomemos a nossa questão de pesquisa neste momento: o *textão* como espaço de posicionamento do sujeito no *Facebook*. O que leva o sujeito a tomar uma posição diante do excesso de textos e sentidos que circulam no *Facebook*? Essa ação tem a ver com as questões da posição-sujeito, que é a posição da qual esse sujeito fala. De que lugar esses sujeitos falam sobre determinadas questões e de que lugar outros sujeitos falam

⁴⁴ Sugestão da banca de qualificação.

sobre a mesma questão.

Quanto a isso, compreendo que os sujeitos podem falar, por exemplo, sobre um ato de racismo, sobre uma universidade privada ou até mesmo, tomando por base o momento atual (segundo semestre de dois mil e dezoito – eleições), sobre algum partido político de direita, sendo que a sua posição é a posição de um sujeito branco, de um sujeito que estuda em uma universidade pública ou de um sujeito que apoia algum partido político de esquerda.

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc. (...). (PÊCHEUX, 2014 [1988], p. 159).

O que observo quanto a posição-sujeito, e que talvez compreenda melhor a partir das análises, é que essa é a posição no discurso e é pela análise, pela interpretação dos discursos analisados, que compreenderei melhor a questão do posicionamento nos textos selecionados.

Os sujeitos escrevem um *texto* para marcar um posicionamento a partir de uma posição-sujeito, ou seja, observar como esses sujeitos se colocam, como mencionam o seu lugar/a sua posição, como eles se colocam nesse discurso, de que posição se fala e nessa posição como ele diz? E se o seu posicionamento está ligado ao modo como diz estando nessa posição? Seguindo essa linha de questionamentos, antecipamos algumas questões acerca dos *textos* selecionados:

- No *texto* 1, na posição de militar e administrador público, o que ele diz como militar e o que ele não poderia dizer? Ou pelo fato de ser administrador público, estar nesse cargo muda a sua maneira de se posicionar?
- No *texto* 2, sendo, ou pretendendo ser, um futuro jornalista carioca, como esse posicionamento funciona para esse sujeito-autor e não para outro? Sendo carioca ou não, como que se dá o funcionamento desse dizer nesse lugar-espço em que esse sujeito-autor se encontra?
- No *texto* 3, sendo membro do Diretório Acadêmico de Letras (DAL), o que pode e o que não pode dizer e, pensando nesse sujeito-autor

na posição de aluno, já formado, como ele se posiciona diante da sua posição?

- No *texto* 4, sendo negra, sendo mulher, sendo doméstica, o que ela admite e o que ela não pode admitir?
- No *texto* 5, sendo clínico de pequenos animais e futuro profissional de saúde pública veterinária, de acordo com essa posição, de que forma seu dizer funciona, qual seu posicionamento?

Por esse motivo, observamos como o posicionamento vai sendo construído ao ponto de trazer a consciência social nesse espaço do digital que é a rede *Facebook*, e isso traz à baila a noção de formação discursiva, pois ela “é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção (...) o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica”. (ORLANDI, 2001, p. 132).

Pensando nessa questão do sujeito carregar uma formação discursiva, Pêcheux (2014) afirma que

o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (p. 150).

Observando algumas pistas no posicionamento desses sujeitos, podemos perceber que eles falam de algum lugar, que eles trazem certos posicionamentos de acordo com a posição-sujeito que estão trazendo para o texto, conforme recorte (*texto* 01) que segue:

Recorte R1b

Como militar e administrador público, com um entendimento superficial de finanças públicas, acredito que a Dilma cometeu os crimes a ela imputados. Contudo, acredito também que os mesmos crimes deveriam ser imputados a Michel Temer, uma vez que até o fim do ano passado, fazia parte do governo e como tal foi partícipe dos acertos e, principalmente, dos erros. Se não errou por ação, errou por omissão.

(...) Eu acredito que essa decisão foi tomada para de um lado beneficiar a Dilma, que manteve seus direitos políticos e, no meu leigo entendimento, abriu a possibilidade para continuar recebendo proventos do Estado, o que para mim é uma anomalia para alguém que foi julgada por desrespeitar a Lei de Responsabilidade Fiscal (...).

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

No recorte R1b, podemos observar que o sujeito-autor marca seu posicionamento de acordo com a sua posição-sujeito (militar e administrador público). O sujeito-autor, apesar de mencionar ter conhecimento superficial sobre finanças públicas, posiciona-se sobre o assunto em questão, ou seja, diz que não sabe bem, mas mesmo assim diz. Diz que é leigo por ter a ideia de que só o especialista pode dizer, por isso marca esse lugar de não especialista, mas compromissado com questões públicas, um lugar de um sujeito-autor que não quer se comprometer com o que ele diz. O fato de ser um administrador público e conhecer, mesmo que superficialmente, finanças públicas dá a esse sujeito-autor, segundo sua própria concepção, um direito, ou um efeito de direito, para poder falar, expressar e se posicionar de acordo com a posição em que se encontra. É justamente isso o que acontece no *texto* 1, pois, mesmo dizendo que tem um entendimento superficial, o sujeito-autor se posiciona.

Com o recorte R1c observamos algumas pistas que evidenciam o posicionamento do sujeito-autor.

Recorte R1c

Com relação à data história de hoje, tenho a seguinte opinião, acredito que a Dilma / acredito também que / Não acredito que esse governo / não acredito que a antiga oposição / considero a Dilma / na minha opinião / leigo entendimento / para mim é uma anomalia / Acredito que o sistema público.

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O sujeito-autor do recorte R1c se posiciona a partir do que? Se olharmos os verbos que utilizamos, podemos dizer que são maneiras de argumentar em prol de um posicionamento, pistas que sustentam o dizer desse sujeito-autor. O verbo acreditar, por exemplo, vem com a ideia de que “é possível”, mas não de certeza. O sujeito está, de certa forma, querendo diminuir sua responsabilidade em relação ao que diz. O acreditar, aqui, é da ordem do opinativo, por isso compreendemos esse *textão* como um *textão* que traz mais opinião do que desabafo.

Retornando ao *textão* completo, *textão* 1 desta pesquisa (p. 88), notamos que, para se posicionar, o sujeito-autor enumera qual o posicionamento dele sobre a questão política que traz no seu discurso. Por falar sobre assuntos políticos e por ser administrador público, militar, ele não pode se comprometer, por exemplo, com aquilo que não é aparentemente injusto/justo, errado/certo, pois a posição em que ele se encontra não permite que ele se exponha dessa forma, ainda mais nas redes sociais.

Compreendo que, nesse *textão*, o sujeito-autor traz pistas sobre o seu posicionamento, tanto em algumas partes do texto como no texto todo, pois o sujeito inicia seu dizer mencionando “tenho a seguinte opinião” e, após isso, traz uma série de justificativas, como “Não acredito”, “considero”, “na minha opinião”, “leigo entendimento”, e “para mim”, demonstrando o que pensa a respeito desse assunto e elencando os passos que explicam os motivos dessa opinião.

Portanto, ele traz esses posicionamentos como uma resposta a questões políticas, que obrigam esse sujeito-autor a falar sobre um assunto que está “fora” do discurso, pois, com o seu posicionamento, pretende dizer e explicar sobre um assunto que as pessoas não estão dizendo. Talvez por ter domínio sobre o assunto, ele resolve falar, resolve se posicionar e, mesmo sabendo que não é “normal” um militar expor sua opinião sobre assuntos políticos na internet, ele posta, ele publica o seu posicionamento, pois resiste à esse “emaranhado” de assuntos no *Facebook* e resiste, pois, além do assunto significar para ele, imaginando que seu discurso faça sentido ao outro, ele avisa “Cuidado! Textão”.

No recorte R2b, conforme recorte que segue, observamos que o sujeito-autor se posiciona sobre um fato que ocorreu na época em que era estudante no curso de Jornalismo. As pistas destacadas nos confirmam essas informações:

Recorte R2b

Em 1978, meu professor de Edição, Luiz Carlos de Oliveira e meu professor de Prática de Reportagem, Oscar Barbosa, pediram que conseguíssemos uma personalidade para entrevistarmos. Essa entrevista, feita em dupla, seria no auditório, deveria durar, no máximo, 45 minutos sem intervalos e seria aberta a todos os alunos da faculdade. (...)

Quando ele foi pegar a moto, as duas “futuras celebridades do jornalismo carioca” expuseram a tarefa. (...)

Mas quem me conhece sabe que eu sou uma tremenda cara-de-pau.

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O sujeito-autor traz a data sobre o assunto que está escrevendo – “em 1978” – e se coloca em uma posição-sujeito em seu discurso, como aluno de uma faculdade e como “futura celebridade do jornalismo carioca”. Nesse *textão*, o sujeito-autor escreve uma narrativa, conta uma história vivenciada por ele e, a partir dessa história, expõe seu posicionamento, trazendo pistas que demonstrem sua posição-sujeito na época em que conta a história e no momento em que escreve esse *textão* dizendo: “essa entrevista, feita em dupla, seria no auditório”, “a todos os alunos da faculdade” e “quem me conhece sabe que eu sou uma tremenda cara-de-pau”. Percebe-se que o sujeito-autor narra uma situação em que era aluno para fazer um elogio a uma celebridade que não teve receio em atender a um pedido de um estudante. E, ao se denominar “cara-de-pau”, o sujeito-autor se diz alguém com coragem para enfrentar um artista, mesmo com o risco de não ser atendido.

O recorte R2c traz, na nossa leitura, um resgate de uma história feito a partir de um ponto de vista atual, é uma formulação acerca de uma memória, uma lembrança. Contudo, se observarmos melhor as pistas presentes no fio do discurso dessa narrativa e, se lermos o *textão* (*textão 2* – p. 89), veremos que o posicionamento desse sujeito-autor pode ser associado também a um desabafo.

Recorte R2c

// Eu e Amelia dedicimos levar / Nosso plano deu ruim Mas aí me lembrei / Quem me conhece sabe / Eu
expliquei o caso / Expliquei tudo de novo / Pois senhores, pegamos / levamos / fizemos / Gostaria de deixar
registrada essa demonstração de generosidade, simpatia, compreensão e falta de estrelismo, tão raros nas
celebridades de hoje. Valeu, Bell!

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O sujeito-autor do recorte R2c diz ser da área do Jornalismo e também, como vimos anteriormente, se autodenomina cara-de-pau. Porém, de que maneira ela resiste nesse *textão*? O seu posicionamento é referente a que? Talvez a narrativa, o desabafo desse sujeito-autor, esteja voltado para algo positivo. Lembrando que o *textão* não precisa necessariamente ser apenas sobre assuntos em que o sujeito-autor demonstra se sentir “indignado” com alguma situação. Aqui, nesse *textão*, encontramos pistas que nos mostram que o *textão* pode ser também um registro de alguém que escreveu, se posicionou, para agradecer e para dizer, como esse diz, que alguns artistas merecem agradecimentos. Esse *textão* não é um desabafo como os outros, mas mostra um posicionamento no sentido de que artista bom é aquele artista que dá atenção aos seus fãs, aos seus admiradores.

Ao dizer “quem me conhece sabe”, o sujeito-autor traz aqui a questão do imaginário do outro. Quem vai ler esse *textão*? Quem são os meus amigos no *Facebook* e quem me conhece a ponto de saber que sou assim? Aqui entra a questão da antecipação, das formações imaginárias que os sujeitos carregam em seus discursos. Quem conhece esse sujeito-autor sabe do que ele fala, mas e quem não conhece para entender o que ele está querendo dizer com “quem me conhece sabe”? A imagem do leitor que conhece realmente esse sujeito-autor para a imagem do leitor que só o conhece nas redes sociais é diferente, e aí “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem”.

Para confirmar o seu posicionamento, o sujeito-autor traz pistas de narratividade com os verbos decidir, explicar, pegar, levar e fazer. Ao final, demonstrando que o texto é sobre algo positivo, o sujeito-autor agradece e menciona que quer “deixar registrada essa demonstração de generosidade, simpatia, compreensão e falta de estrelismo, tão raros nas celebridades de hoje. Valeu, Bel!”, finalizando o seu posicionamento com um agradecimento, um apelido e um ponto de exclamação. Aqui há intimidade com o artista que o surpreendeu, porque saiu da formação imaginária que não fala com estudantes e atendeu ao pedido de um estudante que foi “cara-de-pau” em fazer o pedido a essa celebridade.

Sendo assim, ele é um *textão* e o considero como um desabafo, pois o sujeito-autor se posiciona e evidencia o seu posicionamento trazendo pistas que nos indiquem a sua posição, a sua opinião e, querendo ou não, uma forma de resistência em querer dizer que os artistas de hoje em dia poderiam ser celebridades mais compreensivas como o artista do texto foi.

No recorte R3b, conforme recorte que segue, temos um sujeito-autor que solicita desculpa antes de publicar seu *textão* e inicia seu texto mencionando sobre o assunto tratado. Esse sujeito-autor também traz, ao decorrer do seu discurso, pistas que nos mostram sua posição-sujeito:

Recorte R3b

(...) isso significa que os cursos de Letras da UFSM estão sem uma gestão ativa no Diretório Acadêmico de Letras (DAL). Ou seja: estamos sem representação estudantil. Como eu era um dos membros da última gestão e como a maioria do pessoal que era da gestão Polifonia já se formou, tenho sido cobrada sobre a atividade do DAL.

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Seu discurso traz sobre sua posição-sujeito, ele se coloca como aluno no curso de uma Universidade Federal, como alguém que, assim como os outros alunos do curso, está sem representação estudantil. Como membro de uma gestão e como um aluno já formado, porém, ainda presente nesse espaço da universidade e do diretório acadêmico.

O que dá espaço para que esse sujeito-autor fale sobre esse determinado lugar, talvez seja justamente o fato de já ter passado por um diretório acadêmico, o que o coloca em uma posição-sujeito que lhe permite dizer e opinar sobre isso de forma coerente e com firmeza, pois esse sujeito-autor se viu no direito de se posicionar, pois como já havia sido “membro da última gestão”, tem sido “cobrada” pelos outros alunos e, a partir disso, resolve se posicionar.

É interessante mencionar que ao pesquisar novamente o *textão* 3 (p. 90), também o encontrei em um grupo do curso de Letras. Acredito ser interessante trazer essa informação, pois notamos que, além do sujeito-autor postar na sua própria *timeline*, ele também postou em um determinado grupo, em que acredita que determinados sujeitos vão se interessar pelo que está sendo dito, já que seu *textão* é sobre um assunto que diz respeito a um curso de uma instituição pública. Nesse sentido, o objetivo de postar em um grupo do curso talvez seja pelo fato de que nem todos do grupo são amigos desse sujeito na sua conta particular do *Facebook*. Por isso, pensando que seu discurso seja mais significativo para essa parcela de sujeitos, além de postar em sua *timeline*, ele também posta nesse grupo

determinado.

Diferentemente do *textão* 2 (p. 89), o *textão* 3 traz o posicionamento de um sujeito-autor que demonstra certa indignação, como podemos ver no recorte R3c:

Recorte R3c

/ SOBRE O DIRETÓRIO ACADÊMICO DE LETRAS DA UFSM. / "Puxa a frente" / Concordo plenamente me coloco a disposição para ajudar / Infelizmente, neste ano não terei o tempo disponível necessário que o DAL demanda, porque sim, demanda MUITO tempo e dedicação. / já formadas achamos / Há reuniões / Há cobrança / Há eventos / Há bolsas auxílio / Sendo assim, reforço interessados em montar uma chapa para o DAL, falem comigo inbox / Muita gente tá entrando no curso e não faz a mínima ideia do que tudo isso significa. Há braços!

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Inicialmente, vemos que o sujeito-autor traz o assunto do seu texto em letras maiúsculas: "SOBRE O DIRETÓRIO ACADÊMICO DE LETRAS DA UFSM". Talvez para chamar a atenção de pessoas específicas, tanto que esse mesmo texto é postado em um grupo do curso de Letras da UFSM. Isso é algo interessante de se pensar, pois é o mesmo texto, mas em locais diferentes. Estão no *Facebook*, mas nem todos que estão participando do grupo são seus amigos na sua rede social particular. De certa forma, a ideia do sujeito-autor era que realmente as pessoas desse grupo lessem o seu desabafo, mas e as pessoas que estão apenas na sua rede de amigos e que não participam do grupo do curso de Letras? Talvez não se importem tanto com as letras maiúsculas, talvez leiam o seu posicionamento, mas de maneira diferente e com outro olhar.

Quando esse sujeito-autor menciona "demanda MUITO tempo e dedicação", ele está querendo dizer para o outro, utilizando pistas de argumentação ele vai construindo o seu posicionamento, o seu desabafo e faz uso de letras em maiúsculas como um recurso para chamar a atenção, para parecer que está gritando.

"Já formadas, achamos", "reforço", "falem comigo *inbox*", ou seja, esse lugar de estudante, já formada, que foi e está comprometida com o movimento estudantil, esse lugar de alguém que é chamado para representar outros alunos. Essas pistas demonstram que ele não pode não se colocar nesse lugar. Se ele já passou por essa situação, se sabe como é o processo de um movimento estudantil, seria, no

mínimo, estranho ele não se envolver nessa causa. “Concordo plenamente” e “me coloco a disposição para ajudar” assinalam o funcionamento da ideologia que faz parecer que, por esse sujeito-autor já ter vivenciado isso, ele precisa de posicionar. Quando diz “infelizmente” e “não terei o tempo disponível”, faz parecer que esse sujeito-autor não quer nem se posicionar, mas com o *textão* ele “fura” isso e diz, argumenta, desabafa e organiza seu posicionamento de acordo com seus argumentos, como quando menciona as atividades que demandam o DAL: “há reuniões; há cobrança; há eventos; há bolsas auxílio”; e, quando afirma “não faz a mínima ideia do que tudo isso significa” para dizer que os alunos que estão entrando no curso não sabem muito bem o que um diretório acadêmico realiza; e finaliza com “Há braços”, querendo dizer “abraços”, ou justamente fazendo alusão à resistência que um diretório acadêmico demanda, é necessário força e comprometimento.

No recorte R4b, conforme recorte que segue, podemos notar que, de certa forma, o sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva dada, na qual vivenciou e vivencia momentos que envolvem questões raciais.

Recorte R4b

A minha avó, negra, foi doméstica. A minha mãe, negra, foi doméstica. E eu, negra, não vou exigir menos que respeito. Por elas e por mim.

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Nesse desabafo, como o próprio sujeito-autor denomina no princípio do *textão*, há pistas que indicam cenas como essas que lhe retomam sentidos e, nesse caso, podemos trazer a noção de ideologia e de formação discursiva, no sentido de que “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é” (PÊCHEUX, 2014, p. 146). Uma mulher negra e doméstica e como o “exigir respeito” funciona nessa frase e o que “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (...) determina o que pode e deve ser dito”. (Id. p. 147). De certa forma, observar o meio e a posição-sujeito em que se fala é observar que esse dizer produz sentidos, e que faz funcionar sentidos outros, não só, mas também no momento em que ele circula na rede.

1) Dependendo da maneira como circula e das condições de circulação de um objeto simbólico, ele vai produzir certos sentidos e não outros; 2) o meio

em que certos dizeres vão circular é também determinante de sua formulação. (DIAS, 2018, p. 185).

O sujeito-autor se coloca em uma posição, ela é negra, ela é doméstica e ela exige respeito; e posta nessa rede e não em outra. Esse sujeito-autor assume sua função de autor, a partir de uma posição-sujeito e se coloca a partir de um posicionamento. É possível também parafrasear esse recorte, pois no momento que se diz “não vou exigir menos que respeito”, ela está dizendo também “menos que respeito eu não aceito” ou “não aceito que não sejam respeitosos comigo”. O falar aqui – como mulher, como negra, como neta, como filha – é resistir; resistir ao silêncio, resistir à história.

Seguindo na mesma linha de sujeitos que argumentam suas ideias e as trazem demonstrando o seu posicionamento, temos o próximo recorte, R4c, que narra um ato de racismo:

Recorte R4c

Eu gostaria / resolvi sair de casa / Embora eu estivesse receosa em relação aos protestos, decidi que iríamos mesmo assim / (vejam bem, INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA) / Surpreendentemente / percebi / “Ah, ***, mas o que tem nessa história toda?” / Então eu entendi / de forma mais incisiva o racismo ardendo na minha pele / O CARA SO FOI LEGAL COMIGO PQ O MEU NAMORADO E BRANCO / sou obrigada a ler / Sou obrigada a ler / não vou exigir menos que respeito.

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

Inicialmente, podemos compará-lo com o *textão* 1 (p. 88) no sentido do sujeito-autor ser mais firme no modo de dizer. Observando esse recorte, o sujeito-autor, além de trazer frases em letras maiúsculas, utiliza pontos de interrogação e de exclamação e, assim como o *textão* 2 (p. 89), também traz um resgate de uma memória, uma formulação acerca de uma lembrança. Essa forma de posicionamento distinta entre os dois *textões* (*textão* 1 e *textão* 4) talvez seja porque o sujeito-autor do *textão* 1 entenda que, da posição em que ele fala, ele não pode dizer da mesma maneira que o sujeito-autor desse *textão*.

Ele não pode se posicionar demonstrando raiva ou algo que mostre o muito. Ele se posiciona, mas da maneira que a sua posição “permite”. São pistas que constroem a argumentação. O posicionamento desses sujeitos que fazem essa

relação entre o lugar que falam, como falam e o que estão dizendo.

O sujeito-autor em R4c imagina e espera o quê ao escrever seu *textão*? Ele espera que as pessoas concordem com ele, acredita que as pessoas devam ter um comprometimento social com a questão do racismo e, por esse motivo, narra uma situação de racismo utilizando pistas como “eu gostaria”, “resolvi”, “receosa em relação aos protestos”, “decidi”, “percebi”, “entendi”, “o racismo ardendo em minha pele”, “O CARA SÓ FOI LEGAL COMIGO PQ MEU NAMORADO É BRANCO”, “sou obrigada”, “Sou obrigada” e “não vou exigir menos que respeito”.

Ao se posicionar como mulher e como mulher negra, o sujeito-autor demonstra estar em uma posição que lhe dá “autonomia” sobre o assunto e o *textão* confirma uma situação narrada pelo próprio sujeito-autor que quer, além de compartilhar algo que ocorreu com ele, o “falar de si”, também tem a pretensão de que os seus leitores leiam e compreendam a situação narrada em seu texto utilizando de seus argumentos para se posicionar.

No recorte R5b, conforme recorte que segue, observamos que o sujeito-autor se coloca no lugar de profissional para falar, para expor o seu posicionamento:

Recorte R5b

Não costumo fazer *textão*, mas a ocasião pede. (...) me sinto na obrigação profissional de disseminar um pouco do que venho estudando como clínico de pequenos animais e futuro profissional de saúde pública veterinária. (...) sob a minha ótica, a indagação correta seria: quando tratar e quando não tratar um cão com leishmaniose?

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O próprio sujeito-autor traz algumas pistas que evidenciam o seu lugar, a sua posição no seu dizer como, por exemplo, “me sinto na obrigação profissional”, “como clínico de pequenos animais e futuro profissional de saúde pública veterinária” e “sob a minha ótica”. Talvez ele se sinta na obrigação de dizer, de escrever um *textão* sobre esse determinado assunto, pois é o meio em que ele ocupa, é a posição em que ele se encontra, então ele entende que é sua obrigação “disseminar um pouco do que [vem] estudando”. Talvez a partir de determinadas postagens ou do próprio momento em que essa situação ocorria. De certa forma, o sujeito-autor talvez tenha lido ou visto comentários e opiniões errôneas e, por possuir um conhecimento maior

do que outros sujeitos sobre o assunto, resolve falar; ou talvez, no seu imaginário, ninguém falou sobre esse determinado assunto, e, por estar nessa determinada posição, ele sentiu a obrigação de dizer.

No caso do sujeito-autor do recorte R5c, recorte que segue, temos um outro posicionamento, parecido com o sujeito-autor do *textão* 1. É um sujeito que possui determinada posição e que, por estar na rede social, se posiciona, mas o faz de maneira menos incisiva.

Recorte R5c

Motivado / Saliento / notifiquei os que atendi e tenho paciente em terapia sob minha responsabilidade clínica / lhes digo que, sob a minha ótica / Espero / Todos sabem que o tratamento do cão com leishmaniose é permitido / Segundo a Portaria Interministerial 1.426, de 2008, é proibido o tratamento da leishmaniose visceral em cães não infectados ou doentes (...) / Mais recentemente, o MAPA e o MS emitiram (...) / Em uma breve síntese a diferença entre o alopurinol e a miltefosina (Milteforan) consiste em (...) / É muito importante lembrar que / Por esse motivo / Cabe lembrar que (...) / Um recente estudo de modelagem matemática, mostrou que (...) / Por isso, independentemente de qual bairro da cidade você mora, o ideal é (...).

FONTE: ZUCKERBERG, M. *Facebook*. Estados Unidos, 2018. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 24 fev. 2018. (Grifos nossos).

O sujeito-autor do *textão* 5⁴⁵, trabalha como clínico de pequenos animais e é futuro profissional de saúde pública veterinária. Como ele mesmo menciona, “motivado” por uma reportagem em um jornal, ele viu uma “obrigação profissional de disseminar” o seu conhecimento na área. Ou seja, aqui também entra o que vimos trabalhando durante nosso embasamento teórico, a questão do “fora”. Ele publica o seu *textão*, para desabafar o que está “fora”, aquilo que ele imagina que ninguém mais disse e, por ter conhecimento na área, resolve compartilhar o seu posicionamento, o que compreendemos como sendo um *textão* de divulgação.

Ao dizer “Motivado”, “saliento”, “notifiquei”, “tenho paciente em terapia sob minha responsabilidade clínica”, “sob minha ótica”, o sujeito-autor demonstra ter autoridade para falar e utiliza essas pistas na argumentação para fortalecer o seu posicionamento frente a esse assunto. O texto é bem extenso e, conferindo nas

⁴⁵ Cf. página 117.

páginas em que se encontra⁴⁶, podemos ver que o sujeito-autor além de trazer seu posicionamento, ele também traz sugestões aos leitores, traz dicas e demonstra isso dizendo “espero”, “é muito importante lembrar que”, “por esse motivo” e “cabe lembrar que”.

Além de sugestões, o sujeito-autor também traz informações profissionais importantes, às vezes imaginando que seu leitor já compreende sobre o assunto: “Todos sabem que”. Em outros momentos, traz informações base que sustentam o discurso dele sobre a Leishmaniose: “Segundo a Portaria Interministerial”, “Mais recentemente, o MAPA e o MS emitiram”, “em uma breve síntese”, “Um recente estudo de modelagem matemática, mostrou que” e “Por isso, independentemente de qual bairro da cidade você mora, o ideal é (...)”.

Por estar nessa posição, é notório que, mesmo se posicionando, o sujeito-autor mantém o seu desabafo quase como se fosse um texto longo e com sugestões apenas, mas vez ou outra, ao sugerir, ao explicar e ao aconselhar o leitor, o sujeito-autor se posiciona e, a partir disso, carregando as particularidades que elencamos nas regularidades, podemos afirmar que esse *textão* traz um posicionamento que contém pistas argumentativas e que, em alguns momentos, podemos associá-lo a um desabafo.

Terminadas as nossas análises, partimos para as considerações finais em que faremos reflexões acerca do processo de escrita deste texto e dos resultados obtidos com as análises deste capítulo, levando sempre em consideração o arcabouço teórico da AD de linha francesa que sustenta este trabalho.

⁴⁶ Cf. páginas 92, 93, 94 e 95.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como as concepções de sujeito e de identidade, a noção de escrita pressupõe processo, algo que está sempre em (re)construção e (trans)formação (...). (ECKERT-HOFF; CORACINI, 2010, p. 55).

Anteriormente, na época de minha graduação, eu via o texto como “(...) uma entidade semântica, isto é, um constructo de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados”. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 22). Todavia, o que compreendo hoje é a visão do texto tomado como discurso, “em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade”. (ORLANDI, 2015, p. 66). Portanto, “o texto é texto porque significa”. (Ibid. p. 67). A partir dessa reflexão, retomo o que trouxe nas considerações iniciais deste trabalho sobre como se deu a escolha do meu objeto de pesquisa.

Durante a construção do projeto de mestrado me foi sugerido o *textão* como objeto de análise. Ou seja, o *textão* não foi “escolhido” inicialmente por mim, como pesquisadora e analista do discurso, pois, normalmente, iniciamos uma pesquisa sobre algo que nos chamou a atenção e que nos despertou certa curiosidade para iniciar uma análise. No entanto, o meu caminho foi um pouco diferente, pois foi só após ser apresentada ao *textão* que pude observar e olhar o meu objeto como algo que eu poderia analisar. E um dos motivos do meu interesse nesse assunto foi ter compreendido que a pesquisa seria prazerosa para mim, pois, além de gostar de tudo que envolve questões digitais, eu poderia unir a área que escolhi para trabalhar no mestrado com o que o digital envolve e descobrir também as maneiras de como utilizar a área da AD em um estudo referente a questões digitais.

Houve momentos em que somente conseguia seguir adiante com a escrita após as longas orientações com a professora Larissa, pois, querendo ou não, demorei para conseguir desenvolver a minha pesquisa e o meu estudo, justamente por não compreender tão bem o embasamento teórico que me era necessário para conseguir desenvolver o meu olhar frente ao objeto que optei por analisar. Talvez por esse motivo, eu tenha tomado o texto por um caminho mais analítico, pois foi necessário que eu realizasse leituras que me fizessem compreender alguns conceitos que a área estuda e, a partir disso, desenvolver a análise, não da forma que eu imaginava anteriormente, com questões textuais e semânticas, mas no todo desse processo em que se encontra o sujeito no discurso, e, no caso do nosso

trabalho, o sujeito no e pelo digital.

O meu texto, inicialmente, tinha como título: “O discurso na esfera tecnológica: a língua em movimento”, no entanto, após a qualificação e as diversas alterações realizadas, o intitulamos como: “O *textão* no *Facebook*: o posicionamento do sujeito na rede”, pois compreendemos que o outro título era muito vago e queríamos dar ênfase ao nosso objeto, o *textão*, e ao espaço em que optamos por trabalhar, o *Facebook*. Por isso, trouxemos essas informações para o título, para mostrar o que estávamos nos propondo observar, que é justamente o posicionamento do sujeito na rede *Facebook* por meio do *textão*.

O objetivo do meu trabalho foi desenvolver reflexões acerca de um processo discursivo em funcionamento no espaço digital, o *textão*, tendo como problema de pesquisa o *textão* como espaço de posicionamento do sujeito no *Facebook*. É importante frisar que, desde o princípio da escrita deste texto, compreendíamos que o *textão* era uma das diversas formas que o sujeito utilizava para expressar o seu dizer no digital e nessa rede social: o *Facebook*. Bastava-nos então compreender como era o funcionamento dele nessa rede. Mas por que o digital e por que o *textão*?

A partir do projeto inicial no mestrado, iniciei meus estudos na e sobre a área da AD e, com isso, encontrei poucas referências que me ajudassem, poucos artigos que mencionassem sobre o *textão* em si. Acredito que, por esse motivo, a parte histórica de meu texto, em minha leitura, esteja adequada, pois para chegar no digital, caminho que me levou até a professora Cristiane Dias, foi preciso primeiro que eu compreendesse melhor alguns conceitos da AD.

Sempre me interessei muito pelas questões do digital, até mesmo durante o estágio do Curso de Letras, justamente porque eu entendia que essa materialidade era deixada um pouco de lado durante o ensino, mas isso não vem ao caso neste momento. O que quero dizer é que sempre quis entender, refletir, sobre os motivos que levam o sujeito a postar, a curtir, a compartilhar na internet. Compreendo que vivemos conectados, que roamos a tela do celular facilmente e que passamos postagem por postagem; entendo, com isso, que os discursos na internet circulam. Porém, o que mais me chama a atenção é como o *textão* se constitui e circula na rede.

Pensar em como isso tudo está funcionando e, conseqüentemente, como isso está funcionando para o sujeito e o que isso tudo significa para o sujeito, para o

sujeito-autor e para o sujeito-leitor. Refletir em como o *textão* funciona e como ele está funcionando nessa rede e não em outra. Essas informações aos poucos foram fazendo sentido, assim como os conceitos da AD também foram.

Para se constituir e produzir sentidos, o sujeito é afetado pela língua e pela história e é pensado como uma “posição entre outras”, é um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz. Também, nesse processo, observamos o funcionamento da noção de memória. Aqui, no nosso trabalho, demos enfoque à memória digital, que é diferente da memória metálica que trabalha com a questão da repetição. A digital tem a ver, na minha leitura, com o digital mesmo, que já não é mais da ordem do meramente repetível, algo técnico, e não o é pois o sujeito se inscreve, se subjetiva e aí ocorre também os processos de atualização na memória discursiva.

Pensando a linguagem na sua prática, focamos no discurso digital, o modo como a linguagem funciona no digital, compreendendo então a sua exterioridade, as suas relações e os seus meios de produção, os sentidos, a formulação e também a circulação desse discurso digital. Importante também pensar que é da posição-sujeito que chegamos ao posicionamento, os sujeitos escrevem um *textão* para marcar um posicionamento a partir de uma determinada posição-sujeito.

Também é interessante mencionar que, ao final da pesquisa e da análise, pude compreender que o estudo desses *textões* seria diferente se eu optasse por observar também os *textões* pelo celular. O que me chamou a atenção foi que alguns celulares – *Android* ou *IOS* – apresentam o aplicativo do *Facebook* diferentemente do que no computador. Talvez o meu olhar, de certa forma, também fosse diferente, pois os *textões* se apresentam de maneiras diferentes nesses dois espaços. Não posso afirmar, mas noto que, pelo meu celular, os *textões* escolhidos e salvos na minha rede *Facebook*, apresentam-se menores do que no computador, ou seja, talvez o limite de caracteres também seja menor, pois o aparelho também é menor. Acredito que a mudança seria apenas nessa questão, pois as regularidades que elencamos seriam as mesmas.

Conforme o avanço do texto e também de meu estudo, pude observar que em muitos dos *textões* que selecionamos havia algo que remetia esse posicionamento a ideia de um desabafo, o que geralmente vem em momentos que o sujeito não aguenta mais o excesso de dizeres repetitivos no *Facebook* e decide então falar, expressar. Percebemos que cada *textão* carrega suas especificidades, há posicionamentos que trazem um desabafo, outros que trazem opiniões e outros que

trazem certa divulgação.

Por isso, para mim, o *textão* vem no sentido de querer marcar um espaço, marcar um lugar diferente, é como um deslocamento em relação aquilo que já vem sendo feito repetitivamente no *Facebook*, na *timeline* (no português, *linha do tempo*). Então, o sujeito opta por falar, agir de uma outra maneira. Essa ação tem a ver também com as questões da posição-sujeito, é a posição da qual esse sujeito fala.

Cabe ressaltar que os recortes realizados na nossa análise constituem o meu olhar sobre esse processo de posição-sujeito e de posicionamento associado a um desabafo; compreendendo assim que outros sujeitos recortariam diferentemente ou recortariam semelhantemente, mas com uma interpretação distinta da minha, pois há efeitos diferentes e sentidos diferentes para sujeitos distintos. (ORLANDI, 2015, p. 42). Portanto, foi necessário organizarmos nosso sumário como um passo a passo para que em cada capítulo pudéssemos refletir sobre o avanço de nossa pesquisa até chegarmos no momento da análise.

Ao final desta pesquisa, notamos que a rede *Facebook* regularizou o *textão*, assim como os próprios sujeitos que utilizam a rede social. Hoje, ele se apresenta de formas diferentes, como mencionamos em quadro comparativo⁴⁷, os avisos diminuíram e alguns *textões* apresentam-se em imagens, figuras e até mesmo em vídeos. Assim, busquei retirar da evidência algumas questões que se apresentaram no nosso arquivo, como a questão do desabafo e a questão da ilusória liberdade do sujeito nas redes sociais. Procurei também não fazer afirmações, não levar as minhas reflexões como sendo uma verdade única, até porque compreendi que lidar com o digital requer a assimilação daquilo que é constante, que nesse espaço tudo se atualiza, e, porque não, refletir, (re)pensar e (re)atualizar alguns conceitos elaborados por mim durante esse processo.

Sendo assim, encontrar uma maneira de concluir este trabalho se torna, de fato, algo difícil, pois, após conhecer a AD, pude compreender que algumas coisas não findam, elas significam de formas diferentes e (re)significam em momentos distintos. Nessa perspectiva, reafirmo que cada *textão* produz uma particularidade distinta, porém, se podemos tentar concluir com alguma característica que possa reunir todos os *textões* que selecionamos é a questão do imaginário que o sujeito carrega, de “agora eu vou falar e vou avisar antes porque preciso que leiam o que vou dizer”.

Todos os *textões* falam de si, todos os sujeitos falam o que pensam ainda não

⁴⁷ Cf. página 74.

ter sido dito e o fazem a partir de um determinado lugar – daí a pertinência do conceito de resistência – e esses sujeitos estão presentes nesse espaço digital, que é contínuo e sempre atualizável, mas precisam falar. Organizam suas ideias, seus argumentos e postam. Eles marcam seus posicionamentos em *textões* e trazem, em seus discursos, pistas que nos ajudam a observar o seu posicionamento, na forma, no como esse sujeito-autor argumenta; e não é somente a questão do argumento em si, mas é o lugar em que esses sujeitos falam que reforça esse dizer. Portanto, é um dizer que circula e que está sempre sendo atualizado.

É importante também trazer alguns questionamentos e algumas reflexões sobre o que acredito que tenha faltado desenvolver em meu texto e também no que poderíamos ter avançado, o que chamo inicialmente de “falta e falha”. Chamo de “falta e falha” compreendendo a palavra falta no sentido do verbo faltar mesmo, em que deixei de desenvolver melhor um ou outro aspecto, ou até mesmo que não consegui observar para poder desenvolver em meu trabalho. E por falha no sentido de que reconheço que a língua, enquanto acontecimento discursivo, é sujeita à falha, à lacuna, à deslize, já que é atravessada pela história, e o equívoco está no discurso, na inscrição da língua. Por esse motivo, compreendo que meu texto carrega algumas falhas, alguns deslizes.

Sobre isso, e após realizar a releitura de meu texto, senti que poderia desenvolver melhor o meu gesto de leitura sobre a posição-sujeito nos *textões*. Percebo que não avancei tanto da forma como esperava avançar. Tenho ciência de que houve conceitos que demandaram mais tempo de compreensão de minha parte e que acredito que eu poderia tê-los desenvolvido melhor, que são os conceitos de virtual/digital e memória. Eles foram trabalhados e estão presentes em meu texto, mas ainda percebo que ora ou outra deslizo para um lado mais psicológico desses conceitos.

Ao final deste trabalho consigo afirmar que compreendo melhor qual discurso analisei em minha dissertação: foi a passagem do texto para o discurso e não uma análise de discurso como se estivéssemos analisando textos. A minha análise foi a partir de um discurso, foi pensada no modo como os sujeitos se posicionam discursivamente a partir de uma materialidade: o *textão*.

Aliando tudo o que viemos formulando, pensando sobre a questão do aviso nos *textões*, refletindo sobre o que observamos com os nossos recortes, chegamos a conclusão de que o *textão* provoca uma ruptura/um rompimento de uma

continuidade, de uma memória, a memória da rede; daquela rede de sentidos, que é veloz, que é constante e que as coisas são substituídas muito rapidamente. As informações vão passando, por isso o nosso gesto de leitura sobre o *textão* vai no sentido de que essa ruptura funciona como um acontecimento sem profundidade, pois não rompe os sentidos.

A partir disso, finalizo este trabalho com uma citação de Dias (2018): “de que maneira os sentidos vão se constituindo em nós, com a circulação pelo digital?” e ousou reformular a pergunta, de acordo com o que pesquisei/refleti/indaguei durante o percurso desta pesquisa: de que maneira o meu posicionamento vai se constituindo no outro, com a circulação pelo digital?

Desculpem, mas “teve *textão*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, N.; HAROCHE, C. Ser visível para existir: a injunção da visibilidade. In: ____ (orgs.). **Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013. p. 13-29.

BARRETO, R. G. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. **Teias**. Rio de Janeiro, ano 07, n. 13-14, jan./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24623/17602>>. Acesso em: mar. 2018.

BIRMAN, J. Sou visto, logo existo: a Visibilidade em Questão. In: AUBERT, N.; HAROCHE, C. (orgs.). **Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013. p. 47-60.

CAVALCANTI, J. R. A leitura e o leitor na Análise de discurso (AD). **Revista do curso de Letras da UNEMAT – Alto Araguaia**, n. 09, jul. 2006.

CAZARIN, E.; RASIA, G. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. **Revista Letras**, n. 48, junho, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/view/14432>>. Acesso em: out.2018.

CERVO, L. M. **Língua, patrimônio nosso**. 2012. 196f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

COSTA, G. C. (Re)formulação e diferença: um processo parafrástico discursivo. **Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM**, n. 20, jan./fev./mar./abr. 2010. p. 100-104. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/6886/5216>>. Acesso em: abr. 2018.

DIAS, C. A língua em sua materialidade digital. **Anais do SEAD**. Simpósio. III SEAD – 2007. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>>. Acesso em: abr.2018.

_____. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Redisco**, v. 10, n. 02, 2016. p. 08-20. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/view/6139>> Acesso em: mai. 2018.

_____. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV**. 2004. 176f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, SP, 2004.

_____. **Análise de discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

_____. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 03, set./dez., 2015. p. 972-980. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>>. Acesso em: mar. 2018.

_____. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Série *Cogitare*. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

_____. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. In: PETRI, V.; DIAS, C. (orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 49-62.

_____. A escrita como tecnologia da linguagem. In: SCHERER, A. E.; PETRI, V.; DIAS, C. (orgs.). **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção HiperS@beres. Volume II. Santa Maria: PPGL, UFSM, 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf> Acesso em: abr. 2018.

_____. Memória como arquivo: sujeito, dados e circulação. In: VENTURINI, M. C. (org.) **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

FLORES, N. M.; CERVO, L. M. Rede social e formas de manifestação de resistência: uma reflexão a partir do *Facebook*. In: ABRAHÃO E SOUSA, L. M. *et. al.* (orgs.). **Resistirmos, a que será que se destina?** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 221-237.

_____. *Textão* nas redes sociais: o dizer *on-line*. **Linguagens & Cidadania**, v. 19, jan./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/30492>>. Acesso em: dez. 2018.

FOUCAULT, M. Tecnologías del yo. In: _____. **Tecnologías del yo**. Trad. Mercedes Allendesalazar. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 45-86.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GALE, K. **A vida antes do email e das redes sociais**. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/kate-gale/a-vida-antes-do-email-e-das-redes-sociais_a_21679086/> Acesso em: mar. 2018.

GALLO, S. A internet como acontecimento. In: INDURSKY, F.; MITTMAN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (orgs.). **Memória e história na/da Análise de Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 255-269.

HAROCHE, C. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporânea. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 04, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2015nahead/1517-9702-ep-1517-97022015041920.pdf>> Acesso em: mai. 2018.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 09-33.

_____. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

JAUÉGUIBERRY, F. A exposição de si na internet: a preocupação de estar além das aparências. In: AUBERT, N.; HAROCHE, C. (orgs.). **Tirania da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013. p. 139-152.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem - Discurso e Textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

LÉVY, P. [1956]. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAGALHÃES, B. Sujeito no e do discurso: pensando a resistência. In: PETRI, V.; DIAS, C. (orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 203-217.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso: história e práticas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto

Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/JoseHortaNunes.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

ORLANDI, E. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: **Série e-urbano** - Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital. Labeurb/Nudecri - Volume II. UNICAMP - 2013. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumell/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf>. Acesso em: mai. 2018.

____. **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes Editores, 1998.

____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

____. **Discurso e texto**: formulações e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

____. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Vozes, 2007.

PAVEAU, M. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani [*et al.*]. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 307-315.

____. Análise automática do discurso (AAD - 69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani [*et al.*] 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 59-158.

____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. *et al.* (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 49-59.

____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 43-57.

____. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 11-19.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 39-48.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

ROMÃO, L. M. S.; FERREIRA, M. C. L.; DELLA-SILVA, S. Arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (orgs.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 11-21.

SACCONI, L. A. **Nossa gramática completa**: teoria e prática. 31. ed. rev. São Paulo: Nova Geração, 2011.

SCHERER, A. A escritura de si: uma história do sujeito pela alteridade. In: ECKERT-HOFF, B.; CORACINI, M. (orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela**: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 107-119.

SCHMITT, M. Memória discursiva e memória metálica: (in)completude da linguagem. **Revista Ideias**, n. 17, jan./jun., 2003. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2017%20em%20PDF/memoria%20discursiva.pdf>>. Acesso em: mar. 2018.

____. **Plágio no Brasil**: entre o modelo, a cópia e a autoria. Campinas: [s. n.], 2015.

TISSERON, S. As novas redes sociais: visibilidade e invisibilidade na internet. In: AUBERT, N.; HAROCHE, C. **Tiránias da visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013. p. 127-137.

ZAWADZKI, P. O olhar vertical. In: AUBERT, N.; HAROCHE, C. (orgs.). **Tiránias da**

visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013. p. 303-312.